

Departamento de História

O Messianismo na Ilha da Madeira nos séculos XIX e XX

Oswaldo Samuel Freitas Vieira

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em História Moderna e Contemporânea na especialidade de Relações Internacionais

Orientador(a):

Professora Doutora Fátima Sá Melo Ferreira, Professora Associada
ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa

Coorientador:

Professor Doutor José Eduardo Franco,
Professor Associado Universidade Aberta Lisboa

Outubro, 2016

Departamento de História

O Messianismo na Ilha da Madeira nos séculos XIX e XX

Oswaldo Samuel Freitas Vieira

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em História Moderna e Contemporânea na especialidade de Relações Internacionais

Orientador(a):

Professora Doutora Fátima Sá Melo Ferreira, Professora Associada
ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa

Coorientador:

Professor Doutor José Eduardo Franco,
Professor Associado Universidade Aberta Lisboa

Outubro, 2016

Agradecimentos

Os primeiros agradecimentos são dirigidos às minhas tias, Maria de Fátima Saldanha Vieira e Maria da Paz Saldanha Vieira, por me indicarem as portas do conhecimento, por me aconselharem com o exemplo das suas vivências, e por me defenderem com os valores humanos excepcionais que possuem.

Em segundo lugar agradeço aos Professores, Fátima Sá e Melo Ferreira e ao Professor José Eduardo Franco, Orientadora e Co-orientador desta dissertação, que desde o início abraçaram este projeto com entusiasmo, rigor científico, disponibilidade, simpatia e amabilidade.

Um agradecimento especial à minha irmã Joana Maria Franco Saldanha pela sensibilidade, compreensão e compaixão com o “mais novo”. Embora não tenha formação em história acabou por dar o seu apoio ao projeto tornando possível a realização do mesmo.

Agradeço à minha Companheira a compreensão pelas horas que não passámos juntos, pela força que me passou nos momentos mais complicados e por ter acreditado sempre em mim.

À minha Mãe que, apesar de ter estado longe nesta fase, sempre me impulsionou a determinação e garra.

Por fim, agradeço-te Pai por teres existido na minha vida, deixaste-me com uma mensagem de luta e convicção de que a vida é especial. Nunca mais apagarei as lágrimas que soltámos juntos, este trabalho é fruto do orgulho que tinhas em mim, sei que te estás a rir com aquela gargalhada contagiante.

Resumo

O messianismo tem raízes profundas em Portugal. A ilha da Madeira, com as suas características próprias de insularidade, apresenta, entre os finais do século XIX e inícios do século XX, características excecionais no panorama da tradição messiânica portuguesa através das transformações sociais, políticas e económicas que a contemporaneidade proporciona.

A implantação da República em 1910, o surto da cólera neste mesmo ano ou os efeitos da 1ª Guerra Mundial (1914-1918) são acontecimentos adversos que determinam fenómenos sociológicos de matriz messiânica e sebástica na ilha. A massa popular interpreta de modo muito próprio as metamorfoses do seu quotidiano e reage às suas mudanças com os seus próprios recursos culturais vistos pelas elites como crédulos e supersticiosos.

Mas o messianismo e o sebastianismo não impregnam apenas as culturas populares da Madeira, alguns membros da elite cultural da ilha como os escritores Abel Tiago de Sousa e Vasconcelos (1865-1937) e Vasco da Gama Rodrigues (1909-1991) são parte integrante duma corrente literária muito dinâmica neste período no continente que produz obras literárias na linha messiânica e utópica da tradição profética nacionalista de fundo sebastianista, quinto-imperialista e joaquimita.

Este estudo pretende analisar estes dois fenómenos socio-culturais que se produzem num mesmo espaço geográfico, a ilha da Madeira, e numa época próxima, as primeiras décadas do século XX, e interrogar as suas eventuais contaminações e cruzamentos.

PALAVRAS-CHAVE: Messianismo, Utopia, Ilha da Madeira, Literatura

Abstract

The messianism has deep roots in Portugal. The island of Madeira, with its own characteristics of insularity, presents, between the late nineteenth and early twentieth century, exceptional features in the panorama of Portuguese messianic tradition through the political, social and economic transformations that contemporary provides.

The Republic implantation in 1910, the outbreak of cholera in the same year or the 1st World War (1914-1918) effects are adverse events that determine the sociological phenomena of Messianic and Sebastianic in the popular mindset of the island. The popular mass interprets in a very own way the metamorphoses of their daily lives and reacts to its changes with their own cultural resources seen by the elites as credulous and superstitious.

But messianism and sebastianism not only impregnate the popular cultures of Madeira. Some members of the cultural elite of the island as the writers Abel Tiago de Sousa e Vasconcelos (1865-1937) and Vasco da Gama Rodrigues (1909-1991) are part integral of the very dynamic stream of literature during this period on the continent that produces literary works on the Messianic and Utopian line of the prophetic nationalist tradition with Sebastianic background Fifth-Imperialist and Joaquimita in Portugal.

This study aims to analyze these two socio-cultural phenomena that occur in the same geographical area, Madeira island, and in a close epoch, the first decades of the twentieth century, and examine their possible contamination and crosses.

KEYWORDS: Messianism, Utopia, Madeira Island, Literature

Índice

Introdução.....	1
Estado da arte.....	3
Primeira Parte - O Messianismo e o Mito Sebástico no Contexto Histórico e Cultural Português e Brasileiro.	
Evolução do conceito Messiânico no Universo Bíblico.....	8
Contexto Histórico e Cultural do Messianismo em Portugal no século XIX e XX.....	16
A génese do Messianismo como tópico Literário em Portugal.....	22
O Messianismo como tópico Literário em Portugal nos séculos XIX e XX.....	25
Segunda Parte – Movimentos Poulares de matriz messiânica na Ilha da Madeira na 1ª República	
Imprensa: Divulgação deficitária das “Leis novas” Republicanas.....	33
Crença, “superstição” e religião na ilha da Madeira.....	36
Clericalismo e “Jesuitismo”	42
Profetismo e os ecos da 1ª Guerra Mundial na Ilha da Madeira.....	47
O carácter atlântico do messianismo português.....	56
Terceira Parte - Vida e obra de dois literatos madeirenses messiânicos e utópicos	
Abel Tiago de Sousa e Vasconcelos (1865-1937)	63
Vasco da Gama Rodrigues (1909-1991)	85
Conclusões finais.....	92

Estudos.....	95
Fundos.....	95
Fontes Impressas.....	96
Jornais.....	97
Bibliografia.....	97
Livros.....	97
Artigos.....	99
Anexos	
A	
<i>Abel Tiago de Sousa e Vasconcelos.e a sua esposa, Carlota Oliveira de Sousa e Vasconcelos,</i> Album da familia Vasconcelos cedido por Horácio Alves sobrinho Bisneto de Abel Tiago.....	I
B	
<i>Diário da Madeira,</i> Notícia da morte de Dr. Abel de Vasconcelos, Funchal - Domingo, 29 de Agosto de 1937, ARM.....	II
C	
Contrato realizado pela Direção da escola António Arroio a Abel Tiago de Sousa e Vasconcelos para ser professor efetivo das cadeiras de Francês e Português a 23 de Janeiro de 1935.....	III
D	
Dedicatória de Abel Tiago Vasconcelos ao Presidente da República, General Carmona, no seu livro <i>Confrontos curiosos do livro «Sinais dos Tempos»</i> (1927)	IV
E	
Cronologia da vida de Abel Tiago de Sousa e Vasconcelos (rascunho).....	V
F	
Rodrigues, Vasco da Gama (1983), Carta (manuscrito) dirigida a António Quadros (1983.06.03), (02 fólios), Lisboa. FAQ.....	VII
G	
Fotografia: <i>O grupo da Filosofia Portuguesa e não só,</i> Jantar organizado pelo Doutor Dias de Magalhães no Restaurante Castanheira.....	IX
H	
Cronologia da vida de Vasco da Gama Rodrigues (rascunho).....	X
CV.....	
	XIV

Introdução

O tema da dissertação final do Mestrado em História Moderna e Contemporânea, na vertente de Relações Internacionais, agora e aqui apresentada foi, em grande medida estimulado após uma reunião com o professor José Eduardo Franco. Esta reunião ocorreu numa fase muito embrionária deste projeto, altura em que a única certeza era investigar um tema que incidisse sobre a Ilha da Madeira.

O professor José Eduardo Franco como especialista em História Cultural e de origem madeirense sempre demonstrou interesse em projetos de investigação com temáticas que envolvam a ilha. Exemplos são os rigorosos trabalhos de investigação por si coordenados, como o *Dicionário Enciclopédico da Madeira* ou a *Cátedra Infante Dom Henrique para os Estudos Insulares Atlânticos e a Globalização*. Neste contexto manifesta interesse na minha intenção de pesquisa e desafia-me a iniciar um projeto dentro da sua área de especialidade. Foi na reunião já mencionada que surgem pela primeira vez, referidos pelo professor, o nome dos pouco explorados literatos madeirenses Abel Tiago de Sousa e Vasconcelos “Lusitanus” (1865-1937) e Vasco da Gama Rodrigues (1909-1991). Estes apresentados como figuras “ignotas” da cultura portuguesa, ligados á tradição nacional messiânica foram sugeridos como objeto para uma investigação, na qual me envolvi com entusiasmo.

A professora e investigadora Fátima Sá, especialista em História Política e Social e em História dos Movimentos Sociais, sendo docente do Mestrado em História Moderna e Contemporânea do ISCTE, surge como “peça fundamental do puzzle” permitindo a sua orientação a abertura desta dissertação para os planos da história social e política. Após reunião conjunta com os dois especialistas, no sentido de orientarem este projeto enquadrando-o nas suas áreas de especialidade, ficou claro um objetivo fundamental. Esse objetivo basilar tem como principal fundamento estudar a relação entre as correntes eruditas e as correntes populares de expressão messiânica na ilha da Madeira.

O objetivo metamorfoseia-se em cinco propósitos:

- 1-A reconstrução genealógica do conceito messiânico e a sua interpretação com o passar dos anos.
- 2-Compreender a realidade política e cultural do período estudado em Portugal.
- 3-Analisar as atitudes e comportamentos populares de matriz messiânica/sebástica na ilha da Madeira entre 1910 e 1914, com incidência nas resistências à laicizadora 1º República, às medidas ministradas devido ao surto da cólera, e por fim às evocações apocalípticas com o despontar da 1ª Guerra Mundial.
- 4-Apurar e esmiuçar os pensamentos messiânicos e utópicos expressados pelos literatos madeirenses
- 5-Interpretação dos Mitos/Lendas de cariz messiânico (de autoria de letrados e não letrados), e o contributo singular da região do Arquipélago da Madeira para eles.

Assim, propus-me a levar a cabo um trabalho de investigação sobre o messianismo na ilha da Madeira, de uma forma pouco convencional e de certo modo alternativa aos estudos historiográficos já realizados sobre o messianismo/sebastianismo na tradição nacional, associando no mesmo campo de

investigação as crenças populares e eruditas que se destacaram no período estudado. Neste prisma, surgiram-me várias questões, em particular as seguintes: as atitudes e comportamentos de matriz messiânica limitavam-se aos analfabetos e ignorantes? Letrados e não letrados partilham a mesma fé/crença/messiânica? As crenças deste tipo, vistas como superstições pelas elites, estão presentes em revoltas populares que alteram a vida quotidiana das populações? Os republicanos menosprezam as crenças dos populares? Que tipo de problemas a implantação da República desencadeia na ilha? A Monarquia é vista com nostalgia no ideário popular dada a adversidade do presente? Que conceção messiânica os literatos madeirenses em estudo evocam para a “salvação” do mundo? Quais os preceitos utópicos no ideário dos literatos, para atingir uma sociedade perfeita? Em que medida e com que modalidades a crença messiânica na figura de um salvador atinge as diversas classes sociais?

Em função destas abordagens, a tese intitulada “O Messianismo na Ilha da Madeira no século XIX e XX”, ambiciona articular o messianismo como crença e como tópico literário, acrescentar um estudo inédito sobre um movimento sebástico tardio e verificar as ocorrências que singularizam e particularizam o estudo do messianismo na ilha da Madeira.

O fenómeno do messianismo é apresentado, por norma na Historiografia sob duas formas; ou reportando-se às épocas em que a espera messiânica era vivida com grande intensidade pelas ditas “classes populares”, ou à hermenêutica dos escritores que aplicam a temática messiânica como tópico literário à luz da racionalidade. Na verdade, a Ilha da Madeira proporciona a relação destes dois padrões de estudo da historiografia. Os literatos e a massa popular se apresentam em sintonia dentro das respetivas particularidades. Uma dessas particularidades a que procuramos dar resposta, consiste em explorar as clivagens e também as confluências entre os cidadãos com conhecimento/cultura e os cidadãos analfabetos/ditos “ignorantes” ou “supersticiosos” nas variadas atitudes, pensamentos e comportamentos de matriz messiânica, interrogando os fatores que conduziram a população madeirense a este perfil messiânico tardio, entre os finais do século XIX e princípios do século XX, com especial foco ao período estudado (1910-1914).

Concluindo, é importante não deixar de dizer que outros caminhos de investigação ficaram por percorrer, o limite do número de páginas e o limite temporal desta dissertação assim o ditaram. Seja como for, é nosso objetivo continuar a avançar com o estudo do messianismo nas suas ilimitadas variações, visto que embora muito já tenha sido feito, é imperativo o explorar de novos campos de investigação, especialmente num país que viveu intensamente arraigado à religião como Portugal.

Perspetivas interessantes de investigação que futuramente poderiam ser exploradas correlacionando as crenças eruditas e populares de matriz messiânica, seriam acontecimentos em que as massas populares estiveram imbuídas de espírito messiânico, como é exemplo o milagre de Fátima em 1917 ou na época do Estado Novo Salazarista e Marcelista (1933-1974), as derivações do messianismo na chamada Filosofia Portuguesa.

Estado da Arte

Existem vários estudos historiográficos sobre Messianismo no contexto histórico e cultural português e brasileiro nos séculos XIX e XX, que foram determinantes no enquadramento deste projeto. Antes de apresentarmos as obras que consideramos fundamentais, acreditamos ser essencial explicar os conceitos e doutrinas que estão inseridos na história evolutiva do Messianismo.

Como concepção basilar consideramos o Messianismo na sua forma mais primitiva, como um fenómeno sociológico que perspetiva a espera/chegada de um líder (o Messias) que mudará a situação presente, agitando as massas populares. A história profética do Messias ganha formas dinâmicas ao longo dos anos, essencialmente após o nascimento de Jesus Cristo, com a consumação do “Messias prometido” que inicia a Era Cristã. Posteriormente ao nascimento de Cristo, este fenómeno social desemboca em espécies de messianismos que formulam esta concepção basilar. O Milenarismo “perspetivando um novo regresso do Messias através da computação de mil anos até se consumir o juízo final”, o Joaquimismo “perspetivando três idades até à consumação do paraíso terrestre do Espírito Santo” e o Sebastianismo, “perspetivando o regresso do Rei desejado que libertará o povo da adversidade presente”, são messianismos diacrónicos que a concepção basilar vai herdando.

A obra de referência de Maria Isaura Pereira de Queiroz “*O Messianismo no Brasil e no Mundo*”, (1977), representa um dos trabalhos mais completos sobre os variados movimentos messiânicos existentes, não só no Brasil, mas como o título indica, no mundo. Esta autêntica enciclopédia dos mais variados movimentos messiânicos, em particular aqueles que ocorreram na civilização ocidental explica a ligação íntima à religião cristã. Estes estudos enquadram os movimentos medievais, alguns que ocorreram no século XVIII e, principalmente no século XIX e XX. Queiroz desenvolve uma análise que acompanha as mudanças das sociedades globais desde a Idade Média, no sentido de perceber as semelhanças e diferenças na natureza dos movimentos messiânicos. Os padrões comportamentais, os grupos e os espaços sociais das estruturas definidas com os sistemas de parentesco e sistemas económicos merecem particular destaque neste estudo sociológico. Destaque para os “movimentos messiânicos rústicos”, campo onde a escritora dedicou especial atenção, por se desencadarem no espaço de cultura e sociabilidade do homem rural Brasileiro. São de salientar também os “movimentos messiânicos nas tribos primitivas” assim como os “movimentos messiânicos na sociedade ocidental”.

No espaço luso-brasileiro um dos movimentos messiânicos mais antigos e de maior destaque é o sebastianismo a que, em 1918, João Lúcio de Azevedo dedicou um primeiro estudo intitulado “*A evolução do Sebastianismo*”. Nesta obra o autor considera o sebastianismo como um fenómeno de uma dimensão que extravasa os séculos e que desde o seu começo no século XVI a crença alimentou. Para Azevedo o Messianismo no caso português “é um fenómeno que a animar a mentalidade de um povo, excluindo a raça hebraica, não tem igual na História”. Atribui a crença do povo português ao *patriotismo sagrado*, salientando-se em épocas de crise de nacionalidade. O messianismo nacional não se limita à morte e reaparecimento nostálgico de um Rei Desejado. Segundo Azevedo, direciona-se para as origens

de Portugal e para a crença religiosa dos homens que lideravam, que alimentou a epopeia dos feitos nacionais. Segundo Azevedo o Sebastianismo nunca desapareceu, está presente no âmago da alma portuguesa assim como na poesia inerente ao carácter nacional, onde a dor no presente e saudade do passado glorioso fomentam as bases messiânicas da identidade nacional, “Nascido da dor, nutrindo-se da esperança, ele é na história o que é na poesia a saudade, uma feição inseparável da alma portuguesa”.¹ O fim da tradicional espera do Rei D. Sebastião ocorre para Azevedo a partir de 1820, com o início do liberalismo processo que desvanece a esperança dos sebastianistas, para, mais tarde, o assunto passar a ser tratado como matéria literária.

O Mito do Milénio (1999), obra de José Eduardo Franco em co-autoria com José Manuel Fernandes, ilustra a construção genealógica do profetismo messiânico ao longo do tempo. A evolução histórica e simbólica das formulações messiânicas desde os primeiros séculos do cristianismo, primeiro com o milenarismo na Igreja antiga, essencialmente as interpretações referenciadas dos livros do Apocalipse e dos Actos do Apóstolos, referentes à computação dos mil anos para o novo regresso do Messias, em segundo lugar, com a influente doutrina messiânico-milenarista de Joaquim de Flora no século XIII que metamorfoseia o pensamento da História da cultura ocidental, teorizando três estados, atribuídos respetivamente a três pessoas da Trindade divina culminando o último estado com o Império Divino do Espírito Santo, vão preencher as páginas deste laborioso trabalho que elucida as evoluções do pensamento de matriz messiânica na história cultural do ocidente nos dois mil anos da era cristã. A obra *A influência de Joaquim de Flora em Portugal e na Europa* (2004), de José Eduardo Franco em co-autoria com José Augusto Mourão, explica de forma aprofundada o pensamento de Joaquim de Flora, assim como a sua fecunda influência na cultura ocidental e na cultura portuguesa.

Na obra clássica de José Van den Besselar intitulada *O Sebastianismo - História Sumária* (1987), compreendemos a natureza e raízes históricas do Messianismo recuando à conceção primitiva da “espera” do Messias, passando por todas as suas fases e formas dinâmicas até ao despontar do fenómeno nacional do Sebastianismo no século XVI. Na História Moderna, segundo o autor, a aceção secularizada do Messianismo designa a cega fé das massas populares num líder que se pensa capaz de acabar com os abusos existentes e inaugurar uma nova ordem social e política, com características integradas numa visão nitidamente religiosa da história, classificando o tipo de messianismo a que pertence o sebastianismo português, como “próprio de uma sociedade ainda não secularizada, uma sociedade sacral”. A espera messiânica e primitiva do regresso do Rei tem o seu último revivalismo, segundo Besselar, no tempo das invasões francesas, sendo que posteriormente, com a nova mentalidade e a nova ordem social, económica e política surgida da Revolução Liberal de 1820, o fenómeno sebastianista na sua velha crença morre nos meios mais cultos, e Portugal passa a interpretar o seu destino histórico á luz de ideologias mais racionais como o Liberalismo, o Socialismo e a Democracia. A “espera” do Rei passa a ter um fundo histórico e “folclórico” segundo o autor

¹ Azevedo, João Lucio (1918), *A evolução do Sebastianismo*, Clássica Editora, Lisboa

Um outro contributo decisivo para o estudo do tema que nos propusemos abordar é o artigo intitulado *Um exemplo de resistência Popular – O Sebastianismo* (1978), da autoria de José Veiga Torres. O autor explica o Sebastianismo como um fenómeno cultural popular de contestação e resistência, tendo o mais profundo significado social. Para Torres é fundamental analisar sincrónica e diacronicamente o Sebastianismo, sendo necessário avaliar o reino messiânico desejado, o tipo de Messias que o vai concretizar e o contexto sociocultural em que nascem e se manifestam as aspirações e esperanças messiânicas. Faz uma elaboração sumária da tipologia dos fenómenos messiânicos e menciona quatro direções: personagens-messias, reinos messiânicos, computações e a tipologia das bíblias. Este trabalho de Torres é fundamental para compreendermos o sebastianismo como fenómeno de resistência de certas camadas sociais à transformação social e cultural da coletividade. A transformação social e cultural é propícia à erupção de messianismos e Torres defende constantemente esta ideia de “transformação,” como origem dos movimentos messiânicos. O fim da espera messiânica na sua forma mais tradicional, segundo o autor, coincide com várias mudanças como a expulsão das ordens religiosas, a secularização progressiva do clero diocesano e a consolidação das instituições liberais. É também neste conjunto de metamorfoses sociais e culturais que os literatos recriaram o mito sebastianista distorcendo-lhe o significado e transformando-o no símbolo coletivo de uma pátria decadente e frustrada.

O artigo de Jaqueline Hermann intitulado “*D. Sebastião contra Napoleão: a guerra sebástica contra as tropas francesas*”, (2002), explica como a nostalgia que tomou conta do Reino depois da União Ibérica reapareceu com toda a força durante a ocupação napoleónica, trazendo de volta à cena política o outrora Desejado e Encoberto D. Sebastião. A ausência de D. João e de toda a família real realimentou o sentimento de abandono e tristeza que ajudou a sedimentar o nascimento da crença sebástica na passagem do século XVI para o XVII. O início do século XIX assistiu a uma nova onda de ímpeto sebastianista, agora confrontado, dentro do reino, pelas correntes que se consideravam racionalistas. O embate entre defensores e opositores da validade dos argumentos sebastianistas deslocou a batalha para o território das letras e deu corpo àquela que ficou conhecida como a “guerra sebástica”.

O capítulo intitulado “*Religião e política no alvorecer da República: os movimentos de Juazeiro, Canudos e Contestado*”, (2006) escrito por Jacqueline Hermann na obra coletiva “*O Brasil Republicano*” coordenada por Jorge Ferreira e Lucília de Almeida Neves Delgado, é fundamental para se perceber e contextualizar os movimentos de matriz messiânica e sebástica ocorridos no Brasil no século XIX. Este esforço de síntese da autora para interpretar as correntes dos movimentos religiosos populares que se desenvolveram em torno das figuras do Padre Cícero, de António Conselheiro e dos monges João e José Maria, incidem sobre um cenário de transição do quadro político-institucional da história brasileira, na transição da monarquia para a República a que estes movimentos aparecem como reação a estes movimentos e organizações populares que embebiam dos seus princípios, sofrendo uma perda de poder e passando a ser limitada em muitas das suas ações.

Os estudos referentes ao Messianismo em Portugal no caso particular da ilha da Madeira nos séculos XIX e XX no debate historiográfico são quase inexistentes. Devido a este facto é de salientar a tese de

doutoramento de David Luna de Carvalho intitulada “*Os Levantes da República: Resistência à laicização na 1ª República Portuguesa e movimentos populares de repertório antigo*, (2011). Este trabalho é fulcral nesta investigação, pois apresenta os aspetos mais importantes dos movimentos populares ocorridos no continente e nas ilhas da Madeira e Açores no quadro das resistências à política laicizadora da 1ª República entre 1910 e 1917. Luna de Carvalho apresenta todos os movimentos de resistência e o tipo de respostas dadas aos mesmos, sendo possível apreender aqueles que despontaram da matriz messiânica ou sebástica na ilha da Madeira, o unico lugar em que essa singular inspiração se manifestou neste período.

PRIMEIRA PARTE - O MESSIANISMO E O MITO SEBÁSTICO NO CONTEXTO HISTÓRICO E CULTURAL PORTUGUÊS E BRASILEIRO.

Este capítulo inicial tem como finalidade analisar a reconstrução genealógica do conceito messiânico no universo bíblico e a sua interpretação com o passar dos anos. Por outro lado, procura compreender a realidade histórica e cultural do período estudado em Portugal e no Brasil.

O objetivo deste estudo é analisar um aspeto e um momento da evolução e das formas dinâmicas (Milénarismo, Joaquimismo e Sebastianismo) que a história profética do Messias promoveu após o nascimento de Jesus Cristo com a consumação do “Messias prometido” que iniciou a Era Cristã. Pretende-se examinar uma determinada realidade histórica e cultural incorporando o messianismo como fenómeno sociológico, essencialmente os movimentos tardios surgidos no Brasil, mas que também conheceram afloramentos em Portugal. Pretende-se também detetar o aparecimento desta temática como fenómeno literário e cultural no fim do século XIX e inícios do século XX.

Como fenómeno cultural o sebastianismo, proliferou nos estudos literários, como também nas reflexões sobre o passado glorioso da nação, produzindo considerações de matriz messiânica e utópica, reconhecendo coragem e ousadia aos heróis nacionais que nas causas maiores, perante a adversidade teriam notabilizado o povo português.

Em suma os estudos messiânicos que serão apresentados, conduzem o leitor a um discurso mítico sobre a identidade portuguesa por parte de alguns setores das elites culturais mas também à apropriação popular desta crença numa dimensão global, visto que, alguns dos movimentos messiânicos tardios que ocorreram em Portugal e também Brasil, nos finais do século XIX e inícios do século XX, estão imbuídos na tradição sebastianista, reavivando o salvador na figura do emblemático rei português D. Sebastião. A ancestral “espera do rei” vive no ideário da população brasileira ou portuguesa quando, revoltada com a agitada implantação da República, evoca o rei português, para que liberte o povo da situação difícil em que se encontra.

Evolução do conceito messiânico no Universo Bíblico

Origens do messianismo antes do nascimento de Cristo

A análise do messianismo como conceito é muito complexa e exige rigor, visto que desde os tempos primitivos quando surgiu, a sua história tem sido evolutiva e dinâmica. É fundamental explicar os conceitos e doutrinas que estão metamorfoseados neste processo diacrónico que vai herdando formas dinâmicas ao longo dos anos, principalmente após o nascimento do “Messias prometido”, Jesus Cristo.

Antes disso e como fontes mais primitivas de inspiração messiânica, surgem os oráculos sibílicos ou os conhecimentos da astrologia entre outros. Todavia é o Livro Sagrado, segundo José Eduardo Franco, que representa uma “autoridade” ou “lugar de excelência” onde se encontra toda a verdade revelada da História Judaico-Cristã. Franco explica que as fontes bíblicas assumem “*uma importância e uma primazia indiscutível*” na inspiração dos mentores dos movimentos messiânico-milenaristas. Este especialista apresenta os principais livros bíblicos sobre textos proféticos de cariz messiânico-milenares que ocupam um lugar de destaque na teorização e inspiração dos mentores sobre o “grande Messias”, salientando os livros de Isaías, Daniel e Apocalipse.²

Destes três livros é de destacar, segundo Franco, a obra de Isaías que fornece “uma perspetivação teológica que informa a elaboração do corpus doutrinário de muitas destas correntes messiânicas” que estão implícitas em três ideias mestras que se tornam fundamentais para entender o pensamento profético messiânico. Primeiramente a forma inovadora do conceito de universalidade, associado à salvação e bondade de Deus que extravasa as fronteiras de Israel e que se destina a todos os povos, em segundo lugar a consciência de eleição do povo de Israel por Deus e por fim o conceito de messianismo que é aprofundado em Isaías com grande “*esmero teológico*”.³ Para José Eduardo Franco, Isaías foi o profeta messiânico por excelência, pois foi mestre em anunciar a vinda do Messias, que daria conteúdo novo à história de Israel e mudaria, por consequência, os rumos da história da humanidade inteira. Considera mesmo Isaías como “o pai do messianismo Judaico e principal inspirador do messianismo daí derivados”.⁴

Na origem do messianismo como expectativa religiosa, segundo o registo da *Enciclopédia Luso-brasileira da Cultura*, encontra-se a “esperança num Messias salvador” através da revelação judaica que apresenta três figuras de Messias: o rei, o profeta e o filho do homem que respetivamente representam o real, o profético e o transcendente ou apocalíptico.⁵ A sua forma mais antiga corresponde ao “Messias-Rei” que está associado ao florescimento monárquico com David e seu pai Salomão como

² Franco, José Eduardo (1999), “Teologia e Utopia em António Vieira”, *Lusitania Sacra*, 2ª série, Tomo XI, pp. 153-245

³ Franco, José Eduardo (1999), “Teologia...”, p.159

⁴ Franco, José Eduardo (1999), “Teologia...”, p.160

⁵ Rodrigues, J. (1972), *Verbo Enciclopédia Luso-brasileira de Cultura*, Vol.13, pp. 450-453, Editorial Verbo, Lisboa

Rei de Israel, cerca de 1000 anos antes de Cristo. Este fator está ligado à crença messiânica devido ao facto da pessoa “Rei” ser considerado instrumento de salvação e união.⁶

A ideia de um “Messias-Profeta” consiste na projeção de um futuro perfeito, o profeta vê no domínio de David, um símbolo daquela felicidade edénica que espera de Deus para o povo escolhido, e projeta-o no futuro em forma de oráculo messiânico, pronunciado por Jacob. No contexto da guerra siro-efraimita (736-732 A.C), Deus impõe a Aqaz, o sinal da figura messiânica do Emanuel com a importância singular em determinar as circunstâncias do seu nascimento (uma virgem terá nele o seu primogénito) indica-o como rei do tempo paradisíaco. O messianismo no Judaísmo pré-cristão continua a ver nele o ungido filho de David, mas ao contrário da liturgia apocalíptica, colocam-no fora da esfera do transcendente e do divino (associado a um «tempo de dores»).⁷

Por fim o “Messias filho do Homem” que vê realizada em Jesus Cristo a promessa e a esperança messiânica e situa-o na linha e desenvolvimento do Antigo Testamento. Jesus, porém, nunca se designa abertamente como Messias ou Filho de David, pretendendo assim eliminar elementos políticos terrestres do messianismo tradicional, com os quais não estava de acordo. Filho do homem na novidade de Messias, cuja missão é desvendar paulatinamente aos discípulos, na imagem de Messias salvador, que foi enviado pelo Pai, feito homem e a Ele tornado, através da morte e ressurreição.⁸

Em suma, o messianismo desemboca num fenómeno sociológico que perspectiva a espera/chegada de um líder (o Messias) que mudará a situação presente. É notório que a concepção basilar vai-se metamorfoseando através das diferentes realidades e acontecimentos sociais. Todavia, a crença messiânica segue o padrão da sua forma mais primitiva, nunca esquecendo “o Messias salvador” que renasce no ideário quimérico de liderança perfeita.

Era cristã: Metamorfoses Messiânicas

Após a morte de Jesus Cristo, os exegetas das letras sagradas atribuem ao messianismo novas formas que nascem de um messianismo pós-bíblico que prevê a segunda vinda de Jesus Cristo.

Como estamos analisando, a reconstrução genealógica do conceito messiânico, é articulada na linha do universo bíblico, com o Messias, do Velho Testamento, com desígnio de rei ou com a categoria das pessoas que no antigo Israel costumavam ser “ungidas”. Todavia, após o nascimento e morte de Jesus Cristo, a perspectiva messiânica assume novos contornos em relação à sua significação original.

José Veiga Torres explica que as primitivas comunidades cristãs prosseguem a tradição profética e apocalíptica, e identificam o Messias com Cristo e a potência demoníaca com a cultura e civilização

⁶ Rodrigues, J. (1972), *Verbo Enciclopédia...*, p. 451

⁷ Rodrigues, J. (1972), *Verbo Enciclopédia...*, p. 452

⁸ Rodrigues, J. (1972), *Verbo Enciclopédia...*, p. 453

romana. Segundo o autor, por efeito da inevitável aculturação, a literatura profética romana é adotada como confirmação da judia-cristã.⁹

Na obra de José Van Den Besselaar, o Messias desde o século I a.C., passou a indicar o «Salvador», desde há muito tempo prometido ao povo eleito. Os cristãos viram essa promessa cumprida na pessoa de Jesus da Nazaré, que reunia em si as qualidades de rei e sacerdote. As esperanças messiânicas entre os Cristãos assumiam contornos decisivos pois a salvação é um fator único e definitivo na figura de Jesus Cristo.¹⁰

Após o nascimento, vida e morte de Cristo desenvolve-se uma nova corrente messiânica pós-bíblica intitulada o Milenarismo, fundamentada nas letras sagradas do Evangelho do Apocalipse Segundo João, que define uma segunda vinda de Cristo, para estabelecer na terra o reino de Deus.

O Milenarismo

O Milenarismo surge como a primeira corrente messiânica pós-bíblica que metamorfoseia a conceção basilar do messianismo no universo bíblico da História Judaico-Cristã. Esta doutrina anuncia o regresso de Jesus Cristo para constituir um reino com duração de mil anos, seguido de um Juízo Final que distinguirá os eleitos.

Esta doutrina desponta da hermenêutica às passagens bíblicas, explícitas no evangelho do Apocalipse segundo João, que prevê uma segunda vinda de Jesus Cristo. A exegese bíblica do texto do Apocalipse de João nos primeiros séculos da era cristã dá origem à crença dos intitulados milenaristas ou quiliastas. Esta crença incide sobre passagens bíblicas que fornecem um desiderato que, prenuncia e antevê a realidade para um presente próximo, destinado pelo grande Messias, Jesus Cristo.

José Eduardo Franco faz uma analogia com o messianismo, na qual explica que “o messianismo é um movimento que nasce, cresce, e amadurece no universo bíblico, profundamente vincado pela mentalidade religiosa judaica e o milenarismo é uma corrente que se desenvolve na era cristã, mas que está relacionada com uma forma de messianismo pós-bíblico que assume contornos de degenerescência da sua significação original”. Segundo o especialista, a crença milenar deu origem “às mais extravagantes e delirantes interpretações que enlouqueceram multidões significativas ao longo da história do cristianismo, movidas por pretensos profetas que prometiam uma era milenar de paz, de justiça e de felicidade”.¹¹

No livro *O mito do Milénio*, José Eduardo Franco e José Manuel Fernandes, apresentam uma síntese sobre a evolução histórica e simbólica das formulações milenaristas desde os primeiros séculos do Cristianismo até aos tempos de Joaquim de Flora no século XIII. Neste trabalho, os autores explicam

⁹ Torres, José Veiga (1978), “Um exemplo de resistência popular - O Sebastianismo”, *Revista crítica de ciências sociais*, nº2, Set. - Dez.

¹⁰ Besselaar, José van Den (1987), *O Sebastianismo - História Sumária*, Instituto de cultura e Língua Portuguesa, Lisboa

¹¹ Franco, José Eduardo (1999), “Teologia...”, p.162

esta evolução desde a gênese do milenarismo na Igreja Antiga, onde são referenciadas algumas interpretações sobre os *Livros do Apocalipse* e *Actos dos Apóstolos*, que falam num regresso de Jesus, bem como outros elementos que se destacam nestas interpretações como são Eusébio de Cesareia, Montano, Tertuliano, Orígenes ou Santo Agostinho.¹²

Os autores explicam o milenarismo nos primeiros séculos cristãos no seguimento da exegese ao livro do Apocalipse como “o retorno ao paraíso, descrito sob atributos tradicionais do reino messiânico”.

O messianismo ganha assim contornos originais com a nova corrente milenar que é geralmente entendida como “a crença de alguns cristãos, fundando-se na autoridade do Apocalipse (Ap 20, 4-6) de que, depois da sua segunda vinda, Cristo estabelecerá na terra um reino messiânico, onde reinaria durante mil anos até ao Juízo final”.¹³

A reconstrução genealógica do conceito messiânico ganha assim novos contornos diacrónicos, fundamentalmente associados à época após a passagem de Cristo pela humanidade. Esta metamorfose pós-bíblica do axioma messiânico prolonga-se nos séculos seguintes com as correntes milenaristas a se manifestarem profundamente imbricadas nos pensamentos da sociedade da Idade Média.

No segundo século cristão, quando a Igreja Católica se vai organizando, concentrando e institucionalizando, surgiram forças coletivas de divergência e muito polémicas com cariz milenarista como o montanismo que pretendia manter o messianismo apocalíptico em toda a sua pureza e austeridade. A adoção do termo «*milenaristas*» foi desde então preferida, permitindo cobrir o apocaliptismo de certos cristãos que não se colocavam em rutura frontal com a hierarquização da nova Igreja, como Tertuliano, Papias e Santo Ireneu, profundamente influenciados por tais correntes milenaristas.¹⁴

A institucionalização da Igreja como poder no século III implicava uma marginalização do apocaliptismo messiânico ou a sua recuperação simbólica. Na teologia oficial da Igreja, segundo José Veiga Torres, existem duas versões que se tornavam oficiais, relegando as outras para a heterodoxia. A primeira sob a influência de Orígenes, para quem o Reino dos Santos se situaria na alma individual e não implicava uma realização de um reino histórico situado no tempo e no espaço, enquanto a outra versão corresponde a Santo Agostinho para quem o Reino dos Santos era a Igreja (A Cidade de Deus), já uma realização histórica do Reino dos Santos e da esperança apocalíptica.¹⁵

Em seguida, Torres enumera acontecimentos e movimentos políticos e sociais da Idade Média que foram atravessados por as tradições milenaristas.

Começando pela profecia milenarista do bispo S. Metódio (séc. IV) que se propagou em toda a Europa Ocidental enunciando “um poderoso imperador na Síria sob dominação muçulmana que no

¹² Franco, José Eduardo e Fernandes, José Manuel (1999), *O mito do milénio*, Paulinas, Lisboa

¹³ Cohn, Norman (1981), *Na senda do milénio. Milenaristas, revolucionários e anarquistas Místicos da Idade Média*, Lisboa, citado por Franco, José Eduardo (1999), “Teologia e Utopia em António Vieira”, *Lusitania Sacra*, 2ª série, Tomo XI, p.162

¹⁴ Torres, José Veiga (1978), “Um exemplo de resistência popular - O Sebastianismo”, *Revista crítica de ciências sociais*, nº2, Set. - Dez., pp. 5-33

¹⁵ Torres, José Veiga (1978), “Um exemplo...”, p. 12

século VII se julgava morto, mas aparecia para desbaratar os muçulmanos e os cristãos traidores”, e exemplificando também as cruzadas revolucionárias ou sonho do Império Romano como modelo de Império Universal dos Santos, apesar da realidade histórica das divisões e lutas internas, corrupção das hierarquias eclesiásticas e principescas, juntamente com a pressão exterior dos impérios muçulmanos.¹⁶

Todavia o milenarismo começou a desenvolver-se de forma instável. Segundo Franco e Fernandes o Milenarismo herdou “um caráter ocluso e marginal que se devia precisamente à suspeita de heresia e aos anátemas da Igreja institucional que pairavam sobre as atividades e pensamento destes movimentos, considerados desestabilizadores”.¹⁷ Os autores defendem que as forças milenaristas careciam de uma ordem, pois encontravam-se num estado caótico e anárquico. O milenarismo seguia com os seus movimentos, em geral de contestação aos poderes instituídos, disseminando pelas mais diversas camadas e ocupando os sonhos mais recônditos do povo.

As correntes milenares começaram a ter maior projeção nas épocas de incerteza, de dificuldades existenciais gritantes, de instabilidade social e crise económica. Os adeptos dos profetas milenares, encontram terreno suficientemente fértil para o seu desenvolvimento e expressão na literatura finimundista dos livros apocalípticos que enriqueciam o imaginário utópico e vaticinavam a esperança de dias melhores.¹⁸

Em suma com o passar dos anos o imaginário utópico foi-se nutrindo e misturando com as mais diversas tradições e é neste quadro mental que sobressai a figura enigmática de Joaquim de Flora e a sua teologia da história. Segundo Franco e Fernandes é sobre os pensamentos joaquimitas que surge “o ponto de chegada mais elevado da recepção e formulação do milenarismo medieval”. A doutrina joaquimita representa assim a nova corrente messiânica metamorfoseada da reconstrução genealógica que vamos apresentar.

O Joaquinismo

A corrente utópica e messiânica de Joaquim de Flora que nasce no século XII, representa um marco significativo das ciências religiosas e do universo histórico e teológico.

A estruturação profética da teologia da história em Flora, organiza a mesma em três idades atribuídas respetivamente às três pessoas da Trindade Divina.

O estado do Pai que tem início com Adão e começou a frutificar em Abraão e viu o seu epílogo em Zacarias, o pai de S. João Baptista. A tipologia desta idade define a imposição rigorosa aos mandamentos exteriores, correspondendo à atitude de temor por parte dos homens.

¹⁶ Torres, José Veiga (1978), “Um exemplo...”, pp. 13-14

¹⁷ Franco, José Eduardo e Fernandes, José Manuel (1999), *O Mito...*, pp. 60-61.

¹⁸ Franco, José Eduardo e Fernandes, José Manuel (1999), *O Mito...*, p. 61

O estado do Filho tem início com Osias, rei de Judá (século VII a.C.) que começou a prosperar com a Encarnação de Jesus Cristo e deveria ter termo por volta do ano de 1260. Esta tipologia caracterizava-se pela obediência às leis (ainda não interiorizadas) por parte dos homens.

Por fim, o Estado do Espírito Santo que se iniciou com S. Bento e deveria frutificar no crepúsculo da idade do Filho e o seu término aconteceria com a consumação da história, ou seja, a parusia final. A trilogia caracterizava a idade do amor e de liberdade espiritual, onde as leis não são já impostas nem propostas, mas livremente aceites, amadas e praticadas.¹⁹

Na realidade a perspectiva teológica da história de Flora e a sua exegese espiritualista ao Apocalipse de São João, renova a conceção milenar e sistematiza a doutrina com base na reinterpretação da literatura apocalíptica anterior, numa hermenêutica da história à luz da periodização das missões das pessoas da Santíssima Trindade.

A história em Flora, segundo José Eduardo Franco e José Manuel Fernandes, “não se esgotaria no tempo da Igreja institucional presente, mas continuaria aberta na expectativa de uma nova e definitiva idade, a idade do Paráclito.”²⁰

A influência joaquimita na cultura ocidental é singular e origina um conjunto de interpretações e influências nas gerações que lhe sucederam. A construção deste pensamento desde a sua génese até a contemporaneidade tem reconhecido várias interpretações e receções variadas.

Para Besselaar, o esquema joaquimita da sucessão das idades é “uma repetição e uma superação. Investigar essas analogias ou «concórdias» é para Joaquim de Flora a grande incumbência do exegeta”, pois compreender a história e a exegese aos testemunhos bíblicos é particular em cada indivíduo, no quadro de um determinado paradigma cronológico. O autor dá o exemplo do perfil de S. Bento, demonstrando que este não é igual ao profeta Elias, mas a obra do Abade do Monte Cassino, repete num patamar ascendente, a do ermitão do Monte Carmelo.²¹

José Augusto Mourão e José Eduardo Franco escreveram que a teologia da história do Abade é “tanto o ponto de chegada e de sistematização, de grande fôlego, das reivindicações, utopias e ideários dos movimentos milenaristas medievais, como é também um ponto de partida, uma fonte abundante e poderosa de inspiração de correntes espirituais.”²² O joaquimismo segundo estes autores assinala uma marca significativa, não só na Baixa Idade Média como em alguns esquemas ideológicos de leitura da História Moderna e Contemporânea.

A doutrina profética das Três Idades de Joaquim de Flora, representa um dos esteios da evolução e forma dinâmica do conceito messiânico, pois potencializa os estudos históricos, teológicos e filosóficos que têm vindo a lume contemporaneamente, desempenhando um papel fulcral de renovação do milenarismo. Os estudos pós-bíblicos que incidem essencialmente na perspectiva teológica da história e a

¹⁹ Franco, José Eduardo e Fernandes, José Manuel (1999), *O Mito...*, p. 63

²⁰ Franco, José Eduardo e Fernandes, José Manuel (1999), *O Mito...*, pp. 62-63

²¹ Besselaar, José Van den (1987), *O Sebastianismo...*, pp. 15-16

²² Franco, José Eduardo e Mourão, José Augusto (2004), *Influência de Joaquim de Flora em Portugal e na Europa*, Lisboa, Roma Editora, p. 58

sua exegese espiritualista do Apocalipse de S. João, ganham assim novas formas e sistematizam a evolução na história da concepção messiânica que se tem alterado desde as primitivas épocas antes de Cristo.

Na obra *A influência de Joaquim de Flora em Portugal e na Europa*, o monge da Calábria não é, em sentido estrito, “um messianista, já que não vislumbra no horizonte nenhum novo Messias, nem um milenarista pois nunca profetizou que o reinado do espírito teria a duração de mil anos”, todavia esta nova proposta de entendimento teológico da história foi depois reinterpretada e adaptada para fundamentar as aspirações de feição claramente messiânico-milenaristas.²³

José Veiga Torres analisa o Joaquimismo como uma nova forma do milenarismo tradicional, que responde às situações específicas da cristandade ocidental da época. Com a nova ordem monástica, a segunda etapa da história estava predestinada à propagação do Evangelho Eterno, onde “os judeus seriam convertidos e um novo chefe, que retirava à humanidade ao amor das coisas terrestres, incutiria o amor das coisas do espírito.” Segundo Torres, os movimentos franciscanos assumem um papel fundamental na propagação do Evangelho Eterno, “num processo de contestação social e contestação eclesiástica, mas que conduzia também a reações de tipo político-religioso.”²⁴

Torres escreve que Frederico II da Alemanha (1197-1250) foi considerado o Imperador dos últimos dias, que libertaria o Santo Sepulcro, e restabeleceria o Santo Império Universal. Nas lutas que travou com o papado, as fações joaquimitas estavam divididas, umas apoiavam-no como Messias, outros renegavam-no como Anticristo. O autor considera que o Joaquimismo evoluiu até ao século XVI “como formas de revolução social, com ideais igualitários, como nas revoltas Taboritas da Boémia do século XIV, nas guerras dos camponeses do século XVI, com Munzer, e nas revoltas anabaptistas de Munster (nova Jerusalém).”²⁵

Em suma constatamos que para além da revolução doutrinal no paradigma messiânico, a teoria de Joaquim de Flora, influenciou a sociedade ocidental no campo político, social, religioso e cultural, proporcionando novas perspectivas messiânicas para o futuro incerto. O apogeu da história é sinalizado pelo mesmo no aumento da espiritualidade do mundo. É dentro desta base que as leis evangélicas serão compreendidas e realizadas pela humanidade. A figura do Espírito Santo emerge “como o caminho da fé que o homem enceta”²⁶, o qual sobe gradualmente em direção a uma maturidade sendo o último estágio o da liberdade por excelência.

²³ Franco, José Eduardo e Mourão, José Augusto (2004), *Influência de...*, p. 58-59

²⁴ Torres, José Veiga (1978), “Um exemplo...”, p. 15

²⁵ Torres, José Veiga (1978), “Um exemplo...”, p. 15

²⁶ Franco, José Eduardo e Mourão, José Augusto (2004), *Influência de...*, p. 63

O Sebastianismo

Antes de compreendermos a gênese da corrente sebastianista, é importante explicar que nesta parte a concepção sebástica é analisada à luz da reconstrução genealógica do conceito messiânico. Todavia, posteriormente tentaremos compreender o sebastianismo e os seus movimentos sociais no contexto político, histórico e cultural em Portugal fazendo também algumas referências ao Brasil.

O Sebastianismo representaria uma corrente muito particular do pensamento profético e messiânico, singularizando o povo português que teria aguardado durante vários séculos, expectante, o regresso do seu Rei, que claudicou e desapareceu misteriosamente na Batalha de Alcacer Quibir em 1578, no norte de África.

Apesar de distinto das anteriores correntes proféticas (Milenarismo e Joaquimismo), sistematizadas ao longo dos anos com diferentes doutrinas e exegeses às letras bíblicas, essencialmente ao livro do Apocalipse de João, o Sebastianismo, imbuído destas, retoma à aceção primitiva do “Messias-Rei”, explicada anteriormente com a perspectiva de regresso do *Rei David* e agora na figura messiânica do rei desejado D. Sebastião.

Como nos explica Besselaar “o Sebastianismo é uma espécie de Messianismo”. Segundo o autor a significação secularizada do Messianismo hoje em dia, designa “a cega fé das massas populares num líder político, julgado capaz de acabar com os abusos existentes e inaugurar uma nova era de bem-estar geral”. Caracteriza os Sebastianistas como crentes obstinados na vinda de um imperador carismático, e que esperam inabalavelmente o estabelecimento de uma nova ordem política e social. Para o autor “O tipo de messianismo a que pertence o sebastianismo português é próprio de uma sociedade ainda não secularizada, uma sociedade sacral, nela todas as áreas da vida individual e coletiva parecem direta e constantemente permeáveis à atuação do mundo sobrenatural”.²⁷ Esta concepção do messianismo sebástico, para Besselaar é inconcebível sem fé religiosa, como acontece em Portugal, imbricada na grande maioria da sociedade que acaba por estar permeável ao transcendente e à crença mais ou menos generalizada na vinda de um Enviado de Deus que salvará o povo oprimido.

João Lúcio Azevedo fala em “patriotismo sagrado” como a origem da crença messiânica no Salvador que vai remir a pátria e elevá-la ao domínio universal. O autor descreve uma linha cronológica original de acontecimentos referentes à duração desta crença messiânica em Portugal após os anos posteriores ao desaparecimento de D. Sebastião, “surge em um período de aparente grandeza, quando já todavia a estrela fulgente de África e de Índia entrara em declínio; afirma-se na catástrofe em que perdemos a autonomia; alenta-nos nas horas tristes da sujeição a Castela; triunfa com a independência; decresce em seguida na apatia reinante; e revive no tempo da invasão francesa; com fé igual à dos crédulos espíritos dos anos subseqüentes ao desastre de Alcácer Quibir.”²⁸

²⁷ Besselaar, José van den (1987), *O Sebastianismo...*, p. 10

²⁸ Azevedo, João Lucio (1918), *A evolução...*, p. 5-6

Por sua vez, Torres combina e homogeneiza o Sebastianismo português e o Joaquimismo revolucionário do século XVI no centro da Europa “contemporâneo do Joaquimismo revolucionário, o nosso joaquimismo sebastianista não passava de uma «loucura mansa» com uma tradição distinta, a tradição aragonesa e catalã”.²⁹

A reconstrução genealógica do conceito messiânico distingue assim o sebastianismo português das doutrinas messiânicas já enunciadas, que sistematizam as suas teorias milenaristas e joaquimitas. Todavia esta corrente reavive o messianismo na sua conceção mais primitiva passados dezasseis séculos da era cristã e muitos outros em relação a todo o universo bíblico. O reavivar do conceito messiânico na tradição portuguesa em plena época moderna, metamorfoseia e singulariza o caso português que habita num campo de inúmeras particularidades.

A especialista no estudo do messianismo, Maria Isaura Pereira Queiroz, analisa o sebastianismo português como o mais “puro” movimento messiânico de independência da civilização Ocidental, pois não tem implicações sociais. Descreve toda a “espera messiânica” desde as suas preliminares com o sapateiro Bandarra em 1530, que oprimido vaticina em trovas evocando a vinda de um príncipe, até à morte misteriosa do rei D. Sebastião em 1578 e posterior passagem do poder português para o domínio dos espanhóis em 1580.³⁰

Numa reflexão literária *suis generis* João Lúcio Azevedo classifica o Sebastianismo como um messianismo sem igual na história, pois harmoniza a própria história com a poesia do povo português “Nascido na dor nutrindo-se de esperança ele é na história o que é na poesia a saudade, uma união inseparável da alma portuguesa”.³¹

Em suma as particularidades desta corrente profética não se esfumam com o tempo, e prevalecem até à contemporaneidade, essencialmente como tópico literário, o que vamos constatar mais à frente neste trabalho. Todavia o sebastianismo português vai proliferar tanto na mente popular como nas elites culturais, que imbuídos das suas raízes simbólicas, vão elaborando e sistematizando aspirações coletivas e esperanças messiânicas singulares.

Contexto Histórico e Cultural do Messianismo em Portugal no século XIX e XX.

Introdução

Nesta parte do primeiro capítulo o objetivo do estudo é examinar, à luz dos acontecimentos do século XIX e XX, a realidade histórica e cultural, incorporando o messianismo como fenómeno sociológico, essencialmente nos movimentos messiânicos tardios do Brasil no fim do século XIX, e também, como

²⁹ Torres, José Veiga (1978), “Um exemplo...”, p. 15

³⁰ Queiroz, Maria Isaura Pereira (1977), *O Messianismo no Brasil e no Mundo*, Editora Alfa-Omega, São Paulo Brasil, p. 101

³¹ Azevedo, João Lucio (1918), *A evolução...*, p. 6

fenómeno histórico e cultural em Portugal, alimentando movimentos sociais e proliferando nos estudos literários de matriz messiânica e utópica como também nas reflexões sobre o passado glorioso da nação.

No Brasil os movimentos messiânicos de Juazeiro (1889-1934), Contestado (1911-1912) e Canudos (1896-1897) são grandes manifestações de natureza sociológica do messianismo inseridas numa realidade histórica concreta vivida nos finais do século XIX e início do século XX, coincidindo com os contornos políticos da implantação da república que explicaremos na segunda parte deste trabalho.

Por essa época, em Portugal a aura gloriosa do passado, bem como o célebre mito messiânico sebástico, serão transmitidos e celebrados através da elite literária que escreve, à luz dos acontecimentos adversos do presente, e proporcionam através destes escritos, o reconhecimento da mística em que se envolve o passado do país.

As correntes messiânicas e utópicas do Quinto-Império e do Sebastianismo corporizadas no século XVI e XVII por Bandarra, Camões e António Vieira entre muitos outros que acreditaram num destino místico para Portugal ou no regresso do rei desaparecido em Marrocos, deram lugar no final do século XIX e inícios do século XX a uma corrente filosófica e literária a que se podiam associar nomes tão disparees como Sampaio Bruno, Guerra Junqueiro, Fernando Pessoa, Teixeira de Pascoaes, António Sardinha, Agostinho da Silva ou Eduardo Lourenço. Entre as duas épocas situam-se momentos de produção mais ou menos regular de publicações de matriz messiânica de segunda ordem e de revivescência da crença sebástica em momentos de crise como ocorre, por exemplo, durante as invasões francesas como analisaremos adiante.

Assim sendo, os acontecimentos, as correntes e os pensadores, constituem nas próximas páginas, uma “mescla axiomática” que situará o messianismo e o mito sebástico no contexto histórico e cultural português e brasileiro nos séculos XIX e XX. É importante ressaltar, no caso português, que três destes escritores (Camões, Bandarra e António Vieira) estão fora da linha cronológica considerada (século XIX e XX), todavia, são três elementos pioneiros da produção literária, que incide sobre a mística messiânica da história portuguesa e são geralmente referências para os autores posteriores.

Invasões Francesas e os últimos vestígios da “espera” Messiânica

Para compreendermos e situarmos adequadamente a temática central do nosso trabalho, que é efetivamente, o ponto de chegada do nosso estudo - O Messianismo na ilha da Madeira nos séculos XIX e XX - não poderíamos deixar de fazer uma análise global do fenómeno messiânico no contexto histórico de Portugal nos séculos que abrangem o nosso estudo.

O século XIX em Portugal inicia-se com grande agitação política social e económica, efeitos do despontar da Invasão Francesa em 1807. A conjuntura internacional de finais do século XVIII e inícios do século XIX, está confrontada com um vasto cenário de guerras. Entre a independência dos Estados Unidos (1776) e a liquidação do Império Francês (1815), as potências europeias estiveram quase sempre

em guerra. No Inverno de 1807-1808, a monarquia portuguesa na Europa pareceu destinada a aumentar o número dos Estados defuntos dessa guerra.³²

Esta conjuntura é motivada pela Revolução Francesa, segundo Michel Vovelle, “uma revolução que pretendia destruir a «feudalidade» termo indubitavelmente mais adequado ao sistema social medieval”. O sistema social francês em 1789, segundo o autor, conta com um mundo camponês que representava 85% da população e a conjuntura económica era “opressivamente condicionada pelo ritmo dos períodos de carestia e crise dos meios de subsistência”³³. O autor explica que a originalidade desta revolução destaca-se daquilo que é a crise geral do feudalismo europeu. Segundo o mesmo, as novas forças de ataque contra o Antigo Regime vêm “da Burguesia e dos grupos populares unidos numa ambígua aliança” que fruto da sua pressão revolucionária, acaba por abolir o feudalismo. Na noite de 4 de Agosto de 1789, como escreve Vovelle, deu-se a destruição do antigo regime social com a extinção do sistema feudal, lançando as bases de um novo direito civil burguês, baseado “na igualdade e liberdade de iniciativa”³⁴

Para além da situação interna a Revolução Francesa teve uma dimensão global, essencialmente pela matriz ideológica que defendia – a tríade igualdade, liberdade e fraternidade – envolvendo profundamente as massas populares. O espírito de revolução metamorfoseou-se por toda a Europa e teve como melhor antítese a própria França, vítima de uma curiosa reação quando, em 1813, “aquele que lhe arrebatava a liberdade e quer dar ordens à Europa encontra pela frente os povos conduzidos ao combate em nome da liberdade: Napoleão, filho da revolução, é vencido pelo espírito da Revolução”³⁵

Em Portugal este espírito de revolução materializa-se com a chegada dos exércitos de Napoleão no ano de 1807, dado que, até esta data a monarquia portuguesa tinha conseguido manter a neutralidade. O governo português vive então o seu maior pesadelo estratégico, apanhado no choque entre uma grande potência terrestre, a França, cujos exércitos dominavam o continente europeu, e uma grande potência marítima, a Inglaterra, cujas esquadras controlavam os mares. Se optasse pela Inglaterra corria o risco de perder Portugal se optasse pela França o de perder o Brasil. Em outubro de 1807 os ingleses enviaram a Lisboa uma armada que trazia instruções para retirar a família real para o Brasil. Essa foi também a deliberação do governo português.³⁶

O príncipe, a família real e grande parte da nobreza retiraram-se, então, para o outro lado do Atlântico e o governo foi entregue a um conselho de regência, com instruções para receber o exército francês como aliado, situação que duraria poucos meses. A guerra peninsular durou entre 1808 e 1814 e durante este tempo “ao contrário do que acontecera no resto da Europa as populações da Península

³² Ramos, Rui et.al,(2010), *História de Portugal*, A esfera dos Livros, 4ª ed., Lisboa

³³ Vovelle, Michel,(1986) *Breve História da Revolução Francesa*, Editorial Presença, Lisboa p. 11

³⁴ Vovelle, Michel,(1986) *Breve História da Revolução Francesa*, Editorial Presença, Lisboa p.21-22

³⁵ Nicolle, Paul (1975), *A Revolução...*, p.118

³⁶ Ramos, Rui, et. al (2010), *História...*, p. 441.

Ibérica foram arrastadas para a guerra, através de práticas tradicionais de defesa coletiva ou de delinquência, sujeitando-se a represálias violentíssimas.”³⁷

Portugal após esta frente de guerra encontrava-se num estado deplorável numa situação de ruína. É precisamente no cenário da ocupação francesa que vamos assistir ao ressurgir das crenças messiânicas e sebásticas que, apesar de 230 anos passados após o desaparecimento de D. Sebastião, continuavam a existir na mente do povo. Muitos especialistas defendem que a crença messiânica do regresso de D. Sebastião teve as suas últimas expressões neste período.

O trabalho intitulado *D. Sebastião contra Napoleão: a guerra sebástica contra as tropas francesas* da investigadora Jacqueline Hermann, analisa toda esta nostalgia messiânica de evocação a D. Sebastião reportando-a aos tempos da restauração bragantina, “O momento reaviva o tempo glorioso que dera início à dinastia bragantina, dezembro de 1640...durante sessenta anos Portugal estivera sem um rei português no comando, e a analogia com a ocupação francesa era inevitável”.³⁸ Segundo a autora, aquilo a que se assiste neste início do século XIX, para além do renascer da esperança no regresso de D. Sebastião entre alguns sectores populares é a de um embate entre defensores e opositores da validade dos argumentos sebastianistas, agora com correntes racionalistas muito sedimentadas, que ficou conhecido como a “guerra sebástica”. “Vemos ressurgir nesse momento, além da revolta popular, um sebastianismo letrado, profuso e articulado a um discurso que procurou misturar fé e racionalidade para construir os seus argumentos”. A autora explica que já não se trata de “pura credence de ignorantes”, mas de um conjunto expressivo de escritos que, “permite identificar a sobrevivência do sebastianismo, suas readaptações ao tempo e às diferentes conjunturas, e confirmar sua plasticidade e longevidade.”³⁹

Neste embate de defensores e opositores do sebastianismo destaca-se o feroso José Agostinho de Macedo que escreveu vários opúsculos e também outras publicações como “Os Sebastianistas” e foi “*um dos detonadores*” da “guerra sebástica” com as suas bombásticas críticas aos sebastianistas. Esse embate ocorreu com outros publicistas como João Bernardo da Rocha Loureiro, Nuno Alvarez Pereira Pato Moniz, Joaquim Agostinho de Freitas e Manuel Joaquim Pereira.

O historiador José Van den Besselaar reitera a ideia que o messianismo antes de findar como crença, surgiu revigorado no seu espírito com o despontar das invasões francesas, “antes de morrer, o Sebastianismo deu sinais de vida, reagindo à Revolução Francesa, ao Império Napoleónico e às invasões francesas”. O autor menciona que a ameaça externa e interna fazia muitos portugueses, “chocados pelos excessos da Revolução e amedrontados pela perspectiva de ficarem absorvidos por uma potência estrangeira voltarem às fontes da sua história e, assim fazendo, se aproximar dos sebastianistas.” O ano de 1807, para o autor, foi fértil em acontecimentos e “transes difíceis” aumentando as fileiras dos portugueses sebastianistas e explica que o ressurgimento da crença sebástica manifesta, “não só em

³⁷ Ramos, Rui et. Al (2010), *História...*, p. 445-446.

³⁸ Hermann, Jacqueline (2002), “Dom Sebastião contra Napoleão: a guerra sebástica contra as tropas francesas”, *Topoi*, Dezembro, Rio de Janeiro, pp. 108-133

³⁹ Hermann, Jacqueline (2002), “Dom Sebastião...”, p. 119

tratados e escritos de propaganda, como também nas ruas de Lisboa, onde apareceram mensageiros de D. Sebastião, prestes a tomar conta da sua terra”.⁴⁰

Por sua vez, a análise de João Lúcio Azevedo acarreta exemplos de sebastianistas que prevaleceram com a crença messiânica da vinda de D. Sebastião para resgatar o povo português da humilhação de Bonaparte. Apresenta, por exemplo, o caso de um sebastianista em 1813, a quem chamaram “o último sebastianista” e que pela sua originalidade transcrevemos de seguida: “Decaiu em remate na galhofa popular quando, em 1813, perambulava as ruas de Lisboa certo original, vestido de Mouro, que se dizia enviado de D. Sebastião, e o vinha anunciar aos Portugueses. Ao pescoço trazia um letreiro, com as palavras terra, verdade, poder, honra, santidade, formosura. Chamavam-lhe o último sebastianista. Atrás dele ia em gáudio o rapazio, admirando-lhe o traje desusado, ouvindo-lhe a discursar extravagante.”⁴¹ O autor considera ponto assente, que o nível da crença baixara consideravelmente após a restauração e período subsequente no século XVII e aos “desvarios grandiloquos de António Vieira”. Segundo Azevedo a crença ficou assim diminuída, e este autor aponta a falta de cultura e ingenuidade do limitado grupo que permanecia com essa esperança: “ignorância dos crentes, e a boçalidade dos inventores. A esperança cândida, que animava o século de seiscentos, o patriotismo dispara assim para o ridículo”.⁴²

José Veiga Torres, por sua vez, explica que as invasões francesas e intervenções estrangeiras foram o principio do fim da crença messiânica na sua forma mais tradicional. O autor explica que “a propagação dos ideais revolucionários franceses, do «espírito francês»” conduziu à secularização da vida social e também à influência racionalista e maçónica em Portugal.⁴³

Em suma as invasões francesas devastaram o país e assinalaram os últimos ensejos de angústia messiânica e de profetismo, na sua forma mais tradicional. A conflagração dizimou Portugal, no entanto lançou as bases dessa metamorfose cultural e social, que se viu consumir com a Revolução Liberal de 1820 e as primeiras constituintes, que transfiguraram e secularizaram a ação política no país. A agressão francesa revela-se decisiva pois é um ponto de chegada do Antigo Regime. A Revolução Liberal portuguesa é assim um ponto de partida das novas ideias liberais que estavam em difusão por toda a Europa.

Revolução Liberal: Epílogo da crença messiânica

A Revolução Liberal em Portugal consagra uma época de transição da sociedade portuguesa do Antigo Regime para uma sociedade moderna burguesa e capitalista. A instauração do Liberalismo em Portugal estabelece novas estruturas políticas e económicas.

O historiador Vítor de Sá caracteriza o Liberalismo nas três décadas de transição e vinca alguns aspetos importantes desta fase de mudança em Portugal. Sublinha o atraso no despertar do Liberalismo

⁴⁰ Besselaar, José van den (1987), *O Sebastianismo...*, p. 141

⁴¹ Azevedo, João Lúcio (1918), *A evolução...*, p. 153

⁴² Azevedo, João Lúcio (1918), *A evolução...*, pp. 151-152

⁴³ Torres, José Veiga (1978), “Um exemplo de...”, p. 30

em Portugal e refere que os acontecimentos internacionais (repercussões da Revolução Francesa, presença dos exércitos napoleónicos entre 1807 e 1811, as primeiras tentativas de liberalismo em Espanha 1808-1814, Constituição de Cádiz de 1812), não provocaram mudanças significativas deste lado da fronteira.⁴⁴

A transição entre a velha sociedade de ordens e a nova sociedade, capitalista e burguesa que se desenvolve na segunda metade do século XIX mediada pela implantação do regime liberal seria lenta e complexa implicando várias revoluções, movimentos contrarrevolucionários e duas guerras civis. Segundo a análise de Benedicta Vieira, a mudança encontra-se na “profunda conversão jurídica (...) e numa impressionante mutação dos valores e dos modelos sociais de referência, das relações sociais (institucionalizadas ou informais) e da organização social do trabalho.”⁴⁵ A autora explica que os direitos proclamados sem ambiguidade e com carácter universal - liberdade, segurança e propriedade - “cada um com uma vertente política e social”, vão reconhecer “uma sociedade individualista, liberal e burguesa que substitui gradualmente a velha sociedade de ordens.”⁴⁶

É neste contexto de metamorfose e de circulação de novas ideias na sociedade portuguesa que, segundo muitos especialistas, ocorre definitivamente o epílogo do profetismo messiânico que prenunciava na sua forma mais primitiva, o regresso de D. Sebastião, geralmente evocado para retirar Portugal de situações de crise. Foi então, segundo José Veiga Torres, que “os literatos recriaram o mito sebastianista, distorcendo-lhe o significado e transformando-o no símbolo coletivo de uma Pátria decadente e frustrada”.⁴⁷

Segundo Besselaar, este foi também “o epílogo do sebastianismo autêntico e, simultaneamente, o início da secularização de um velho mito nacional”. As novas ideias e a cultura racional instruída dos indivíduos distorceram a crença messiânica.⁴⁸

João Lúcio Azevedo explica que depois de 1820 “há quem se preocupe a derrotar o sebastianismo”, mas agora o assunto oferece à literatura “matéria bibliográfica”. A esperança messiânica que animou o século XVI, mais tarde “era ridícula”. O autor considera também que entre a fervorosa época da Restauração no século XVII e os inícios do século XIX, “o nível mental dos adeptos baixara consideravelmente”.⁴⁹

Em suma compreendemos através dos estudos historiográficos que a crença messiânica na sua forma sebastianista após o despontar “racional” do liberalismo depois de 1820, era cada vez mais um terreno para os iletrados, analfabetos, desinformados. No entanto, como constatamos anteriormente, as readaptações ao tempo, as diferentes conjunturas e a plasticidade e longevidade do mito, vão permitir

⁴⁴ Sá, Victor de (1974), *A Crise do Liberalismo e as primeiras manifestações das ideias socialistas em Portugal (1820-1852)*, 2ªed, Seara Nova, Lisboa.

⁴⁵ Vieira, Benedicta Maria Duque (2005), *A Formação da Sociedade Liberal*, Centro de Estudos de História Contemporânea - ISCTE, Lisboa

⁴⁶ Vieira, Benedicta Maria Duque (2005), *A Formação...* p. 8

⁴⁷ Torres, José Veiga (1978), “Um exemplo de...”, p.31

⁴⁸ Besselaar, José van den (1987), *O Sebastianismo...*, p. 141

⁴⁹ Azevedo, João Lucio (1918), *A Evolução...*, pp. 151-152

identificar a sobrevivência do messianismo sebástico, expresso na sua forma mais metamorfoseada, agora como tópico literário.

A gênese do Messianismo como tópico Literário em Portugal

Origens: Sistematização das raízes messiânicas no contexto literário português

Para sistematizar a estrutura literária do messianismo no contexto português impõe-se referir os três axiomas messiânicos de que parte essa produção pioneira, ou seja: *A epopeia portuguesa* na escrita de Luís de Camões, *O Sebastianismo* nas trovas do Bandarra e o *Quinto-Império na exegese de António Vieira*.

Os Lusíadas de Camões

Na realidade mencionar Luís de Camões (1524-1579 ou 1580) é considerar uma das maiores figuras da literatura lusófona e um dos grandes poetas do ocidente. António Quadros diz mesmo que “ninguém foi tão longe como Camões”, Teófilo de Braga considerava o poeta “a figura mais representativa do génio nacional, a síntese do carácter português.”⁵⁰ Todavia, o nosso objetivo é examinar os pontos de encontro entre a sua obra e o vanguardismo literário que incide sobre a temática do universo messiânico português.

Nesta perspetiva, a obra poética *Os Lusíadas* publicada em 1572 é considerada a epopeia portuguesa por excelência, representando uma manifestação pioneira do universo messiânico português.

Nesta obra Camões nomeia um herói coletivo: os Portugueses. Nesta narração gloriosa da história de Portugal, enaltece os feitos do país, contrapondo-os com a realidade da época vivida pelo autor, “Os favores com que mais se acende o engenho/ não os dá a Pátria não que está metida/ No gosto da cobiça e na rudeza/ Duma austera, apagada e vil tristeza.”⁵¹

Quadros indica que Camões esclarece o leitor da “consciência infeliz” da realidade portuguesa. Segundo a interpretação do autor, os portugueses tornaram-se corruptos e ambiciosos e a desagregação em marcha seria causada por um abaixamento do carácter e do ânimo, ilustrado através da “sensação de desenraizamento, de perda de identidade e de distanciamento em relação a toda uma continuidade histórica.”⁵²

⁵⁰ Cunha, Carlos Manuel F.(2011) , "Teófilo Braga, camonista." *Dicionário de Luis de Camões* 101-105 (online) consultado em 06.07.2016. Disponível em:

<https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/17068/4/Te%C3%B3filo%20Braga,%20camonista.pdf>

⁵¹ Camões, Luís de (2002), *Os Lusíadas*, Lisboa, Rei dos Livros, Canto X, 145

⁵² Quadros, António (2001), *Poesia e Filosofia do Mito Sebastianista*, Guimarães Editores, pp. 40-41

Em suma a glorificação do passado em contraste com a realidade presente na obra de Camões, formulam este pioneiro axioma messiânico, que exalta a saudade e a necessidade de regeneração através de uma figura messiânica num povo que perdeu o génio que no passado lhe deu tanta glória.

Quinto Império em António Vieira

Como uma das personagens mais influentes do século XVII, a vida, ação e obra política, literária, religiosa, social e cultural de António Vieira (1608-1697) é singular. Como especialista na obra de António Vieira, José Eduardo Franco, cita as palavras de Fernando Pessoa, quando este o elevou ao patamar de «Imperador da Língua Portuguesa». ⁵³

Na literatura o pensamento profético e messiânico de António Vieira define como grande sistema doutrinal a utopia Quinto-Imperialista que consistia na elevação de Portugal ao domínio universal.

Franco descreve a obra do padre jesuíta como “um grande projeto vanguardista de regeneração de toda a humanidade, excessivamente avançado para que a mentalidade dos seus contemporâneos a pudessem aceitar como razoável no seu conteúdo mais inovador. Ele exprimiu, melhor que nenhum outro autor do seu tempo, o lado regenerativo e ôntico do psiquismo português, consumado na sua visão do Quinto Império.”⁵⁴

Citando Raymond Cantel, Franco explica a seriedade da obra messiânica de Vieira “A grande originalidade do messianismo de Vieira é que ele constitui um sistema coerente, preciso e claro, perfeitamente articulado segundo a lógica da sua época”⁵⁵

A obra messiânica de Vieira é vanguardista na sistematização estruturada e profunda que faz da doutrina do Quinto Império.

O sistema doutrinal do Quinto Império na obra de Vieira é global, e tem como grande quimera universalizar o Cristianismo. Este profundo estudo messiânico, segundo Franco fornece uma configuração “inovadora de ecumenismo que tem na base as novas mundividências da sociedade do século XVII.”⁵⁶

De acordo com Franco, “a utopia cristã de reunião de todos os homens num abraço universal de paz é considerada a mais generosa utopia sonhada na Europa do seu tempo”. A “civilização do amor”⁵⁷ como refere, tem como base uma humanidade que coexista numa relação harmónica com a natureza, e seja uma forma de estar no quotidiano.

⁵³ Franco, José Eduardo e Jardim, Jacinto (2013), *Portugal Empreendedor*, INCM, Lisboa

⁵⁴ Franco, José Eduardo (1999), *Teologia...*, p. 187

⁵⁵ Cantel, Raymond (1960), *Prophétisme et messianisme dans l'oeuvre d'António Vieira*, Paris, citado por Franco, José Eduardo (1999), “Teologia...”, p. 187

⁵⁶ Franco, José Eduardo (1999), “Teologia...”, p. 189

⁵⁷ Franco, José Eduardo e Jardim, Jacinto (2013), *Portugal...*, p. 144

Trovas do Bandarra

Gonçalo Annes Bandarra (1500-1556) conhecido também como o “Nostradamos português”⁵⁸, exerceu o ofício de sapateiro e viveu uma vida muito modesta e humilde na vila de Trancoso. Todavia o seu génio como profeta tornou a sua escrita memorável, profetizando a vinda de um soberano, “um “Encoberto”, o regenerador messiânico de um Portugal não apenas restaurado na sua glória, mas cabeça desse império iluminado da cristandade, de verdade e de paz, que seria o Quinto Império.”⁵⁹

A exegese bíblica de Gonçalo Annes Bandarra e a profetização deste mito, tornaram as suas trovas messiânicas um *ex-libris* cultural com significativos efeitos na história da mentalidade e da cultura portuguesa.

Na realidade falar destes escritos é reconstruir um messianismo profético transcendental ou “messianismo pré sebastianista” como António Quadros o classifica. O autor explica que “É nas trovas proféticas de Bandarra, que se fundaram, em seu espírito sobrenaturalista e mitogénico, um D. João de Castro, um António Vieira, ou um Pessoa para proclamar o regresso do Encoberto, avatar do rei tragicamente desaparecida em Alcácer Quibir”.⁶⁰ Tudo isto resultava da nova apropriação feita das trovas de Bandarra, bem anteriores ao desaparecimento de D. Sebastião, por uma nova geração.

Bandarra anuncia a futura vinda de um soberano “com tal nobreza/Qual eu nunca vi em Rei”. Este anúncio, com a consumação do desaparecimento do desejado rei Sebastião, inspira o povo, a aristocracia, a elite intelectual e uma boa parte do clero, que segundo Quadros almejavam o reencontro político e cultural de Portugal consigo próprio, sendo que o jovem príncipe foi investido de toda uma carga de saudade, de esperança e de sonho.⁶¹

Em suma o efeito bandarriano na literatura portuguesa extravasa os séculos e incute nas gerações culturais pós-Bandarra, um efeito agregador do sentimento saudosista e nostálgico do passado glorioso de uma nação. As elites culturais modernas e contemporâneas anunciam o regresso do “Encoberto” e a dimensão sebastica ganha contornos decisivos na história do messianismo e da literatura portuguesa. O Sebastianismo, mesmo reconhecendo-se o fim da crença tradicional, perdura como tópico literário, e um grupo significativo de pensadores contemporâneos dá corpo a novos estudos sobre esta temática que para muitos se confunde com a identidade do país.

⁵⁸ Alves, José Maria, “Bandarra: Sapateiro, poeta e profeta da vila de Trancoso, Trovas Proféticas”, (online) consultado em 07.07.2016, Disponível em:

<https://homeoesp.org/pdf/livros-online/bandarra-trovas-profeticas-do-sapateiro-de-trancoso.pdf>

⁵⁹ Quadros, António (2001), *Poesia...*, p. 25

⁶⁰ Quadros, António (2001), *Poesia...*, p. 25

⁶¹ Quadros, António (2001), *Poesia...*, p. 36

Conclusões: Literatura e messianismo em Portugal

Em conclusão, a principal correlação messiânica entre Camões, António Vieira e Bandarra é o forte sentido de consciência do passado recente glorioso e a perspectiva de realização no presente, através dessa mesma consciência.

Camões “canta” a figura messiânica do povo português e o seu carácter coletivo adormecido, que nos seus anteriores desafios lhes trouxeram glória, António Vieira sistematiza a dominação universal cristã através da elevação de Portugal à chefia do mundo e Bandarra profetiza um Imperador Universal, um regenerador messiânico de Portugal e do Mundo.

Camões e Bandarra são contemporâneos do século XVI e coexistem num período histórico que anuncia a decadência do império português no reinado de D. João III: a nível político em termos de matéria colonial quando a expansão portuguesa é confrontada com a diminuição de recursos; a nível cultural, quando o renascimento humanista cede lugar ao espírito da Contra-Reforma, alterando a forma de pensar e atuar nesta época.⁶²

António Vieira vive o século XVII, quase por completo, observando a dominação filipina e a consequente Restauração. Este período é considerado por José Eduardo Franco como uma época que bloqueou o progresso sociocultural e científico do reino da centúria anterior. No campo político, as sequelas da União Ibérica a que, entretanto, se pôs termo, prolongaram-se por muitos anos. O controlo do país pela Inquisição é reflexo do atraso desse meio cultural, contudo a ação dos Jesuítas na missionação das terras conquistadas é um fator importante no panorama cultural e reflexo da própria ação do Padre.⁶³

Em suma o desiderato messiânico destas três figuras imortalizou-se na cultura portuguesa e nas produções literárias subsequentes que inspiraram, por sua vez, as gerações vindouras. No Portugal contemporâneo perdurará a inspiração messiânica e sebastica em termos de literatura e de visão do mundo, roçando sempre de perto a dimensão política.

O Messianismo como tópico Literário em Portugal nos séculos XIX e XX

Esta parte do trabalho contextualiza o messianismo como tópico literário contemporâneo, que transforma o significado de crença tradicional transformando-a no símbolo coletivo de uma pátria decadente. Os literatos recriam o mito sebastianista como instrumento de coesão e nostalgia nacionalista, consolidando o fenómeno através da elite cultural que o imortaliza como memória comum da identidade portuguesa. Em seguida apresentam-se algumas figuras e obras da elite cultural que se destacaram nas suas produções literárias de cariz messiânico:

⁶² Ramos, Rui, et. al. (2010), *História de...* p. 225

⁶³ Franco, José Eduardo (1999), “Teologia...”, pp. 190-191

Guerra Junqueiro (1850-1923) iniciou uma intensa escrita poética com o fim de, pela crítica, renovar a sociedade portuguesa, ajudando a criar um ambiente revolucionário que culminaria com a implantação da República. A consciência nostálgica de um passado glorioso faz o poeta viver o presente inconformado com a apatia do povo e manifestar um claro espírito messiânico: “Ora o espírito é a eletricidade de Deus. Nada lhe resiste. Devora séculos, evapora mundo...o milagre exige fé. Nem todos os sábios juntos escreveriam os evangelhos. A língua do homem, sem a língua de fogo, não apostoliza, discursa. Um doutor não é um Messias” exultando a reencarnação de figuras como Nuno Álvares Pereira com um espírito inabalável e um caráter heroico: “A metempsicose, em moderno, do grande Condestável, eis o meu sonho. Um justiceiro um crente. Braço para matar, boca para rezar. Pelejas como as de Valverde só se ganham assim: ajoelhando primeiro.”⁶⁴

Junqueiro em *Finis Patriae* endurece as críticas à apatia presente de um povo, - “E o povo? Inerte. E o Rei? À caça. / Quem é que impera? O Deus Milhão.../ Ah! Como é bom em tumba escassa, / Longe do sol que vê tal raça, / Dormir, dormir na escuridão!...”, - que está mergulhado na melancolia. Os ensejos messiânicos para reerguer o presente com a mística áurea do passado emergem na sua poesia. “E, por padrões assinalados / De Tantas glórias imortaes, / Basta que o ferro dos arados / Encontre um dia entre os silvados / Blocos dos nossos pedestres!”⁶⁵

Sampaio Bruno (1857-1915) foi um escritor, ensaísta, e fundamentalmente, um filósofo. As suas reflexões, com contornos místicos e esotéricos, destacaram-no como uma figura cimeira do pensamento português do seu tempo. Pedro Calafate refere que Bruno “abriu-se ao mito, à profecia, à revelação, às alucinações auditivas (de que disse ter sido alvo), às sociedades secretas, ao mesmo tempo que expurgou o messianismo do que considerava a sua dimensão acessória para o focar no essencial: a redenção do homem e, com ele e através dele, a redenção universal.”⁶⁶

A obra *O Encoberto* personifica todos esses contornos místicos e esotéricos na filosofia do autor sobre a História de Portugal. Neste pensamento singular Bruno teoriza que o Sebastianismo seria uma criação dos Jesuítas para fortalecer a consciência cristã do povo português “o que é incontestável é que do concurso de todos estes votos unânimes seapura que os jesuítas fizeram, com seu ensino, de D. Sebastião aquilo mesmo que conformemente e sem a mínima discrepância se queria e desejava: isto é o rei cuja missão está unisonamente intimada em dilatar a fé e em estripar os escalrachos da incredulidade...iniciando-se visivelmente a decadência do poder político português e ansiando o lusitano povo com a sede de uma exemplaríssima vingança.”⁶⁷

Bruno na sua obra *A ideia de Deus* (1902) teoriza sobre o Messianismo e conclui através de um esquema de “contingência de redenção” que o verdadeiro Messias não é um príncipe morto e ressuscitado pela febre dos ignorantes, nem as nações privilegiadas, mas sim, só e apenas, o simples

⁶⁴ Junqueiro, Guerra (1978), *Pátria*, 10ª ed, Lello & Irmão Editores, Porto

⁶⁵ Junqueiro, Guerra (1891), *Finis Patriae*, 1ª ed, Empresa Litteraria e Typographica, Porto

⁶⁶ Calafate, Pedro s.a., “José Pereira de Sampaio Bruno (1857-1915)”, (online) consultado em 07.07.2016.

Disponível em: <http://cvc.instituto-camoes.pt/filosofia/rep6.html>

⁶⁷ Bruno, Sampaio (1904), *O Encoberto*, Livraria Moreira Editora, Porto

Homem. “De facto, sendo Deus infinitamente sábio, não poderia fazer o que pode deixar de ser. Ele não poderia proceder por caprichos, havia de proceder por uma razão suficiente. Como é que o ser infinitamente sábio, faria A antes do que B, sem razão alguma, sem que A devesse ser e B não devesse ser? Logo, A existe, fê-lo Deus, porque A deveu ser; se A existe é porque não poderia deixar de existir sem detrimento da infinita sabedoria do ente supremo. Logo, A existe por necessidade da sua natureza.”⁶⁸

Teixeira de Pascoaes, (1877-1952) poeta, escritor e mentor do movimento estético, literário, religioso e filosófico de carácter nacionalista, intitulado *Saudosismo*, também glosou o messianismo.

O messianismo e o seu ideal utópico, são segundo o mesmo, a verdadeira razão da vida humana “Sem um ideal espiritualista não há vida humana verdadeira ou mitológica ou em perpétuo transe de excelência. Sem mitologia ou evasão para fora dos limites geométricos, não há sociedade, mas apenas formigueiro. Dentro dum puro conceito materialista nenhum problema social ou científico se resolverá eficazmente.”⁶⁹ e considera Deus como a verdadeira premissa de excelência e valorização para cada ser humano. “Deus é a valorização da nossa pessoa e de todas as cousas. Em Deus é que o sol brilha e a flor é bela. Se acrescentarmos à sua claridade uma origem divina, alumia-nos com outro deslumbramento... E em Deus é que o homem é homem, como é orago em Darwin.”⁷⁰

Pinharanda Gomes no prefácio que faz à obra do autor intitulada *O Homem Universal* diz que “A visão messiânica de Pascoaes aponta prioritariamente para uma trans-história, e o seu messianismo para o temporal exige a necessidade do universal. A salvação, abrange, não só os indivíduos, mas a espécie inclusivamente significada naqueles a quem outros não permitiram o nascimento”. O autor analisa a crença religiosa de Pascoaes e explica que “A Cristologia em Pascoaes assume foros de apoteose, como se tudo quanto escreveu constituísse um «Hossana» ao Enviado do Pai Criador e do Espírito Amor”.

Na obra *São Paulo*, Pascoaes descreve o percurso de Paulo, apóstolo que perseguira os primeiros discípulos de Cristo, mas que, numa dessas perseguições teve uma visão de Cristo, tornando-se seu apóstolo. Esta permuta mental de Paulo é exemplificada dicotomicamente no bem e no mal e na capacidade de se reencontrar com o bem, “O que há de belo, na criatura, é o ponto em que ela hesita entre o pessoal e o universal. É lá que o espírito e a matéria, o anjo e o demónio, lutam pelo predomínio, enquanto a nossa atividade corpórea ridiculamente parodia as fases do íntimo duelo. É lá que somos e existimos; sendo, representamos o espírito universal, e existindo, representamos o indivíduo, a substância que em nós, se organizou e definiu. É lá que o grande apóstolo é Saulo, natural de Tarso e S. Paulo, natural de todo o mundo”.⁷¹

António Sardinha (1887-1925) foi um político, historiador, poeta e o principal doutrinador e líder do movimento tradicionalista e nacionalista a que se denominou Integralismo Lusitano. Era

⁶⁸ Bruno, Sampaio (1902), *A ideia de Deus*, Livraria Chardron-Lello & Irmão, Porto, pp. 235-236

⁶⁹ Pascoaes, Teixeira de (1993), *O Homem Universal*, Assírio & Alvim, Lisboa

⁷⁰ Pascoaes, Teixeira de (1993), *O Homem...*, p. 89

⁷¹ Pascoaes, Teixeira de (1984), *São Paulo*, Assírio e Alvim, Lisboa

reconhecidamente um católico e um monárquico, mas acima de tudo nacionalista “Nós não somos patriotas por sermos monárquicos. Somos antes monárquicos por sermos patriotas.”⁷²

Sardinha “cantou”, antes de tudo, a tradição da nação portuguesa, monárquica e católica. Os sonetos e poemas de sua autoria constituem, no dizer de Gilberto Freyre, “uma poesia cheia de nobreza intelectual”.⁷³ Na sua obra é possível encontrar alusões transcendentais, características de um católico como era, e de um messiânico temente a Deus, como podemos observar no soneto *Deus na Planície* da obra *Epopéia da Planície*: “O Espírito de Deus flutua e erra/ Por todo este concavo profundo. / Assim errava Ele sobre a terra/ Quando pensou na criação do Mundo. É noite. Aqui não há mar, nem serra. / Há o infinito, o vago./ E cá no fundo/ Minha alma que se excede e que se aterra,/ Ó Hábito-Supremo em que eu me inundo!”⁷⁴

Fernando Pessoa (1888-1935) foi um poeta, filósofo e escritor, considerado “o mais universal poeta português”. Experimentou diversas profissões, foi editor, astrólogo, publicitário, jornalista, empresário, crítico literário e crítico político. Na carta escrita ao seu amigo Adolfo Casais Monteiro, Pessoa fala sobre a sua obra *Mensagem* explicando a natureza em que esta nasce e também se auto caracterizando “Sou, de facto, um nacionalista místico, um sebastianista racional.”⁷⁵

Embora seja muito mais do que isso, a obra *Mensagem* do autor é um *ex-libris* da produção literária de cariz messiânico e sebastiano. Eduardo Lourenço intitula mesmo esta obra *A Bíblia do nacionalismo poético* e explica a dimensão profunda que tem na identidade nacional e na literatura portuguesa, “tomada de imediato como uma espécie de Bíblia do nacionalismo poético, apesar do seu misticismo obscuro...O tempo português de então, a Hora, como, em termos misteriosos, o próprio Poeta o evocava, prestava-se à celebração da «alma nacional»”, e foi nessa conjuntura unanimista que, num primeiro momento, a *Mensagem* pareceu fundir-se. O livro do Enigma, relevando mais da filosofia ou da teologia da História que da peripécia e da encantação patrióticas, entrará sem pena no paraíso das selectas escolares. Honroso destino, se isso não significasse deixar à porta a sua “mensagem” indecifrada e, porventura, indecifrável.” Lourenço faz mesmo uma analogia com a os *Lusíadas* e explica a ideia de Pessoa em aproximar a *Mensagem* de *Os Lusíadas*, nunca escondendo o seu desejo de suplantar Camões e o seu poema. Segundo o autor “um e outro símbolos e expressão da imagem sacralizada de Portugal e do seu papel mediano na história do mundo – por uma outra visão do nosso destino, ao mesmo tempo mais profunda e mais universal”.⁷⁶

A matriz messiânica, nesta obra de Pessoa, funde o humano e o divino pela nostalgia do invisível, exaltando os feitos coletivos de outrora expressos nos mitos que os descobrimentos e as conquistas

⁷² Barbuy, Victor Emanuel Vilela (2010), “A Monarquia tradicional”, (online) consultado em 11.07.2016.

Disponível em: <http://cristianismopatriotismoenacionalismo.blogspot.pt/2010/05/monarquia-tradicional.html>

⁷³ Freyre, Gilberto (1925), “Morte de António Sardinha”, Nº1, *Revista do Norte*, citado por Dios, Ángel de (2014), *La Lengua Portuguesa*, vol.I, Ediciones Universidad Salamanca, Espanha

⁷⁴ Sardinha, António (1915), *A Epopeia da planície*. Poemas da terra e do sangue, França Amado Editor, Coimbra

⁷⁵ Pessoa, Fernando (1935), “Carta a Adolfo Casais Monteiro”, Arquivo Pessoa, (online) consultado em 14.07.2016. Disponível em: <http://arquivopessoa.net/textos/3007>

⁷⁶ Lourenço, Eduardo (2014), “Sonho de Império e Império de Sonho” (online) consultado em 14.07.2016. Disponível em: <http://leduardolourenco.blogspot.pt/2014/12/1-de-dezembro-de-1934-e-hora-de-mensagem.html>

revelaram. No oitavo poema *Ocidente* da segunda parte do *Mar Português* a união de humano e divino é bem explícita, “Com duas mãos - o Acto e o Destino - / Desvendámos. No mesmo gesto, ao céu / Uma ergue o facho, tremulo e divino / E a outra afasta o véu, Fosse Acaso, ou Vontade, ou Temporal / A mão que ergueu o facho que luziu, / Foi Deus a alma e o corpo Portugal / Da mão que o conduziu.”⁷⁷. Na mesma linha se encontra a urgência em regressar ao glorioso passado e a abandonar o presente decadente e sem rumo “Ninguém sabe que coisa quer. / Ninguém conhece que alma tem, / Nem o que é mal nem o que é bem. / (Que ancia distante perto chora?) / Tudo é incerto e derradeiro. / Tudo é disperso, nada é inteiro. / Ó Portugal, hoje és nevoeiro... / É a Hora!”⁷⁸

Agostinho da Silva (1906-1994) foi um poeta, ensaísta, panteísta e principalmente um filósofo prático empenhado, através da sua vida e obra, na mudança da sociedade. O pensamento messiânico do autor encontra-se nas suas reflexões sobre a conceção do tempo. “Para o autor a temporalidade é uma noção a ultrapassar, pois para lá da cisão trágica que o tempo institui, está a unidade do Espírito Santo.”⁷⁹

Eduardo Lourenço descreve Silva como “um dos portugueses mais originais do seu tempo e que se não limitou a «teorizar» em sentido limitado esse papel messiânico de Portugal, mas conformou a sua experiência humana e espiritual na luz dessa mística que nele transcende a «lusitanidade» e seus avatares metropolitanos para ser uma espécie de vivência ecuménica profundamente sentida e interiorizada.”⁸⁰

Segundo Agostinho da Silva a única linha que congrega o pensamento humano é “Deus” e o essencial que um pensador deve fazer é, “pensar, por si e para si, em Deus e perante Deus; o resto, a preocupação ou desejo de aparecer pode ser uma simpática preocupação de adolescente: mas deve desaparecer com a idade adulta”. Deus para Silva é um ponto de contacto entre forças paradoxais como são; o tempo e a eternidade e que, por conseguinte, se fundem em amor. “Amar alguém ou alguma coisa é primacialmente instalá-lo num clima de plena liberdade, com todos os riscos que a liberdade comporta: desejar é limitar na liberdade; a nós e aos outros. Mas quando verdadeiramente amor existe, então realizamos na terra o que há de mais belo e de mais raro: porque todo o amor que ama o eterno é o amor de Deus amando-se a si próprio.”⁸¹

Segundo Pedro Calafete, o escritor “embarcou num sonho universalista segundo o qual os portugueses que vivem apenas para Portugal não têm razão de ser e apresentou-se aos olhos tantas vezes

⁷⁷ Pessoa, Fernando (1934), *A Mensagem*, Parceria António Maria Pereira, Lisboa

⁷⁸ Pessoa, Fernando (1934), *A Mensagem...*, p. 96

⁷⁹ Baptista, Maria Manuel, “Uma Fraternal oposição: Agostinho da Silva e Eduardo Lourenço na cultura portuguesa”, comunicação apresentada no Colóquio *Actas do Congresso do Centenário de Agostinho da Silva*, Universidade do Porto, 15-17 de Novembro de 2006, Porto

⁸⁰ Lourenço, Eduardo (1978), *O Labirinto da Saudade*, publicações Dom Quixote, Lisboa

⁸¹ Silva, Agostinho da (1990), *As Aproximações*, Relógio D'Água, Lisboa

desconcertados dos seus leitores como um cavaleiro do Quinto Império, um reinado do Espírito Santo, respirando um misto de franciscanismo e de joaquimismo.”⁸²

Na obra *Carta Vária* o autor evidencia a ideia agregadora e universalista necessária para a cultura da Língua portuguesa, ou seja, uma espécie de abraço fraternal com Brasil e países lusófonos “talvez seja obrigação de todos os que usamos a Língua, aqui, nas Áfricas e nas Américas e em quanta parte do mundo, o esforço, ou a espera, de se atingir uma metafísica que englobe o que parece contraditório e nos tenha, simultaneamente, como cumpridores de um destino ou mandado e como seres inteiramente livres, por aí responsáveis.”⁸³

Eduardo Lourenço (1923-), é um professor e filósofo que analisou o papel messiânico português da forma mais “clarividente e pouco dada a complacências e, talvez por isso, insuportável e terrivelmente lúcida.”⁸⁴

Lourenço, de todos os autores que acabamos de referir, representa, porventura, o mais consciente estudioso messiânico, e ao mesmo tempo, o menos messiânico dos elementos apresentados. Contudo Lourenço, defende a mensagem messiânica da história portuguesa “Aparentemente desqualificado pelo esoterismo ou pelo seu misticismo abrupto, a imagem de um Portugal Super-Men, Graal futuro, encontra em cada um de nós ecos por demais equívocos, para poder ser considerado e atirado para o simples rol das aberrações projetivas da nossa esquizofrénica vida nacional.”⁸⁵

As explicações para a dimensão do carácter e do sentimento português que triunfou no passado, segundo o autor, extravasam qualquer justificação que se apoie exclusivamente na habilidade e astúcia humana. Essas razões evocam a forças divinas “É de uma lucidez e de uma sabedoria mais funda que a de todas as explicações positivistas, esse sentimento que o português teve sempre de se crer garantido no seu ser nacional mais do que por simples habilidade e astúcia humana, por um poder outro, mais alto, qualquer coisa como a mão de Deus.”⁸⁶

Ao fazer uma “psicanálise mítica do destino português” e do seu papel messiânico segundo os pensadores que direta ou indiretamente colaboraram para essa construção mítica, Lourenço intitula o país como “Portugal-menino-jesus-das-nações predestinado à regeneração espiritual do universo”.⁸⁷

Em suma a mescla de pensadores da elite cultural portuguesa que foram apresentados, situa a complementaridade da crença messiânica, metamorfoseada, nestes dois séculos, em produções literárias *sui generis*. Os “vanguardistas” literatos messiânicos (Camões, Bandarra, António Vieira) veem assim, os seus discípulos remexer o complexo cultural messiânico da identidade portuguesa, imbricado nas raízes áureas do passado glorioso que o presente não vê. Os ecos evidentes em cada português de um “*Portugal-Super-Man* possuidor de um Graal futuro” como Eduardo Lourenço explica, conduzem o

⁸² Calafate, Pedro s.a., “Agostinho da Silva (1906-1996)”, (online) consultado em 16.07.2016. Disponível em: <http://cvc.instituto-camoes.pt/filosofia/1910h.html>

⁸³ Silva, Agostinho da (1990), *Carta Vária*, Relógio D’Água, Lisboa

⁸⁴ Baptista, Maria Manuel (2006), “Uma Fraternal oposição...”, p. 67

⁸⁵ Lourenço, Eduardo (1978), *O Labirinto...*, p. 38

⁸⁶ Lourenço, Eduardo (1978), *O Labirinto...*, p. 21

⁸⁷ Lourenço, Eduardo (1978), *O Labirinto...*, p. 39

messianismo em Portugal à metempsicose do seu passado que se esbarra com um presente sem a “chama” notável de outrora.

SEGUNDA PARTE: MOVIMENTOS POPULARES DE MATRIZ MESSIÂNICA NA ILHA DA MADEIRA NA 1ª REPUBLICA

O presente capítulo nasce sobretudo da consulta da imprensa regional madeirense, mais especificamente dos jornais e periódicos que entre os anos de 1910 e 1914 informaram os seus leitores sobre as ocorrências na ilha da Madeira. Este período temporal caracteriza-se por um conjunto de acontecimentos que transformaram a vida quotidiana insular e atuaram de forma relevante na sua população.

Os factos que serão analisados têm origem na mudança de regime político no país com a implantação da 1ª República. Todavia, pela sua importância, analisaremos ainda neste período o aparecimento da cólera mórbus nos finais de 1910, e por fim a 1ª Guerra Mundial que despontou em finais de julho de 1914. Acabam por ser estes três acontecimentos que agitam a vida simples e pacata do povo madeirense, gerando um ambiente conturbado em toda a região. São as atitudes e comportamentos de matriz messiânica e sebástica que serão objeto de estudo nas páginas seguintes.

As quatro partes que compõem este capítulo procuram explicar como a imprensa, o povo e a elite madeirense, reagiram à implantação da República nos seus primeiros anos, incluindo aos acontecimentos adversos que lhe foram contemporâneos como o surto de cólera e o início da 1ª Guerra Mundial.

O principal propósito desta análise é compreender os contornos assumidos pelo advento da 1ª República na Madeira através das resistências populares à sua política laicizadora e incidir nas atitudes e movimentos com matriz messiânica, que animaram alguns movimentos populares, e que tiveram uma peculiar forma de ação no período a que se dedica a realização deste estudo. A recolha feita leva-nos a considerar as massas populares madeirenses, terreno fértil para o enraizamento de crenças messiânicas, pelas suas características peculiares, essencialmente embebidas nas tradições católicas primitivas e na revivescência local de tradições nacionais.

Imprensa: Divulgação deficitária das “Leis novas” Republicanas

O Analfabetismo e a dicotomia Urbano /Rural

O distanciamento entre a imprensa e o leitor na ilha da Madeira no início do século XX encontra-se presente através de dois elementos que agem em simultâneo: - a disparidade entre mundo urbano (minoría) e mundo rural (maioría) e a elevada taxa de analfabetismo – como a grande causa que dificulta a divulgação de informação na região.

O Funchal representa o tecido urbano onde estão concentrados os principais serviços, essencialmente o comércio marítimo que chega ao porto. O restante território insular é rural, fomentado por um sistema económico arcaico e de subsistência, e com um conjunto de monopólios a gerirem a vida económica,

próximo das estruturas feudais da Idade Média, com um regime de colônia que satisfazia os caprichos dos senhores da terra/proprietários e que deixava “à *míngua*” os habitantes. O povo do campo representa o grosso da população da ilha, afastado da zona urbana e profundamente isolado devido à morfologia agreste do território que dificultava a acessibilidade dentro do mesmo, com os canais de comunicação limitados, bem como a falta de levadas de irrigação, imprescindíveis ao cultivo da terra.⁸⁸

Os caminhos inseguros engendrados nas rochas temidas e ribanceiras assustadoras, construídas pela mão humana, eram a dura realidade de quem vivia e se deslocava diariamente entre as várias localidades da ilha.

A taxa de analfabetismo era alarmante, com mais de 90% da população analfabeta, que por consequência, se via impedida de ter acesso direto aos jornais. Esta realidade condicionava a ação do povo madeirense que, segundo um redator do jornal *Trabalho e União*, era “manietado pelas crenças e superstições” alimentadas pelos profetas que vaticinavam o destino do Mundo através de castigos divinos que se cumpririam no futuro devido aos pecados que na terra se praticavam.⁸⁹

A falta de dinâmica da imprensa republicana na divulgação da informação para o leitor insular é potenciada pela, já mencionada, elevada taxa de analfabetismo, e pelo escasso alcance de divulgação das notícias que chegavam somente ao reduzido e limitado meio urbano. O povo maioritariamente rural, afastado da informação que a imprensa veiculava, diabolizava a República, e esta por sua vez, não utilizava os recursos necessários para se fazer entender.

A deturpação da informação era uma constante no meio rural madeirense que se alimentava da crença e do sobrenatural. Os republicanos encontravam um terreno hostil para se fazer entender, pois as camadas populares do mundo rural estavam ligadas aos modos de pensar tradicionais do passado monárquico, e, completamente alheadas dos novos princípios laicizadores e institucionais dos republicanos. O já mencionado jornal, *Trabalho e União* edita uma crónica sobre “a falta de respeito do novo Governo Republicano sobre todas as crenças numa ilha onde medra a difamação, a intriga jesuítica, o despeito e a inveja.”⁹⁰

Os republicanos e a maioria popular analfabeta estavam em caminhos opostos, pois os primeiros, encontraram na Madeira uma sociedade sacral limitada no saber aos ensinamentos da Igreja Católica Romana.

O analfabetismo e a ruralidade são dois fatores que atuam como principais causas da deficitária divulgação da imprensa na ilha neste início do século XX. As atitudes e comportamentos de cariz messiânico que se vão viver na Madeira ilustram a incompreensão entre os meios que governam e os meios populares e a difícil comunicação entre eles.

⁸⁸ Martins, Teresa Florença (2004), *O Movimento Republicano na Madeira 1882-1913*, Funchal, Centro de Estudos de História do Atlântico, Funchal.

⁸⁹ Cf. *Trabalho e União*, Funchal, 30/05/1914

⁹⁰ Cf. *Trabalho e União*, Funchal, 24 /02/1912

Oposição à República e as “Leis novas”

A imprensa republicana na ilha da Madeira, com o despontar da República cedo deu provas de grandes dificuldades em veicular a informação para a maioria da população sobre os seus planos e decisões.

Um dos problemas que se debatia nos jornais neste período era a falta de informação de natureza republicana nos campos, no sentido de esclarecer as populações e também possibilitar ao novo governo ganhar fôlego e proteger-se da oposição que utilizava a ignorância da massa popular: “Existe muito a fazer, muito boato a desmentir e muito para propagar, nefastas doutrinas a desarreigar de cérebros acanhados. A alma nacional e a bandeira da República têm de subir bem alto”.⁹¹

Como foi dito no ponto anterior, a maior parte do povo que é “rural”, está afastado do centro urbano, onde estão instalados os serviços e conseqüentemente a imprensa, e não compreende as notícias pois não as sabe ler, desconhece as “novas leis” republicanas e a própria imprensa pouco faz para inverter a situação. Esta problemática agrava-se já que a informação sendo deficitária, é ainda deturpada pelos opositores do regime que alteram o significado das suas intenções e ideias e alvoraçam a mente popular.

Este problema é particularmente sentido com a implementação das “novas Leis” da República. O povo mergulhado num profundo desconhecimento das mesmas, julga que o governo republicano se está a insurgir contra a religião e diaboliza ferozmente o seu programa.

Um jornal da região critica mesmo a forma como as “leis novas” são transmitidas através da imprensa, convencendo o povo que estas são “*más, desumanas, e anti-religiosas*”, incentivando a imprensa a renovar a sua forma de difusão. Ainda neste mesmo jornal são mencionados novos procedimentos do governo republicano, no caso concreto os “arrolamentos”, dos bens das Igrejas pelas autoridades... Nota-se que o jornal tenta amenizar o impacto destas novas medidas na imaginação popular que por sua vez, especula sobre a República afirmando que a mesma era contra a religião, criando desordem e inquietação nas mentes crentes e devotas. “A República não contraria a religião, unicamente pretende arrolar e inventariar o que existe nos templos para que possa haver a necessária fiscalização e contra esta ninguém se deve insurgir antes a devem de bom grado aceitar todos os que se presam de cumprir seus deveres”, pois «...ficam os templos com todas as suas alfaias e ninguém perturbaria as crenças dos devotos». ⁹²

No estudo de David Luna de Carvalho, que constitui a principal fonte bibliográfica para o estudo das resistências populares à República, é possível encontrar pelo menos uma revolta popular na Madeira que desponta da incompreensão das “leis novas”. Esta ocorreu a 16 de Abril de 1911, e eclodiu na Freguesia de S. Vicente, na costa norte da ilha da Madeira. Uma série de atos foram praticados pelos revoltosos como: “Arrombamento das portas do edifício da administração; inutilização dos livros dos registos civil; tentativa de linchamento dos oficiais de registo civil; coerção sobre o vigário para batizar e enterrar as crianças mortas sem a precedência estipulada pela nova lei; «procissão de capa e tocha»; «vivas a D.

⁹¹ Cf. *A Época*, Ponta do Sol, 18/07/1912

⁹² Cf. *A Época*, Ponta do Sol, 14/07/1912

Manuel» e ao hasteamento da bandeira monárquica”. Tudo isto se ficou a dever “à proibição de batismo e enterramento de duas crianças sem primeiro terem sido registadas civilmente.”⁹³

A oposição popular a algumas leis republicanas esteve sempre bem presente nas cogitações daqueles que a queriam derrubar. A imprensa regional pouco conhecedora do tipo de terreno que estava a “pisar” tem dificuldades de se afirmar num campo propício a estas cogitações. Os anti-republicanos atuavam e mobilizavam crenças antigas do povo, enquanto que os republicanos atuavam como uma minoria culta e consciente dos novos ventos de mudança. Portanto é relativamente fácil diabolizar a rutura na sua relação com a política laicizadora, visto que pouco foi feito pelo novo governo para se fazer entender sobre o seu programa através da imprensa, junto dos povos que resistiam aos ventos de mudança.

Crença, “superstição” e religião na ilha da Madeira

Surto da cólera em 1910 e os vaticínios populares na ilha

O povo madeirense revela características *sui generis* no seu modo de atuar perante a adversidade, sendo que as suas ações estão intimamente relacionadas com a veneração à religião cristã e a obediência às suas tradições religiosas primitivas. A elevada taxa de analfabetismo e a maioria rural do tecido territorial da ilha são fatores basilares como já mencionámos, todavia, a elas estão associadas características, que são específicas do perfil destas populações e que nesta parte procuramos esclarecer.

Uma epidemia de *cólera mórbus* despontou na ilha da Madeira, sendo que, os seus primeiros casos datam dos finais de Outubro de 1910; como causa muito provável do facto estava o contágio por contacto com passageiros de um navio proveniente da América Latina, iniciando-se na zona portuária da cidade do Funchal e propagando-se pela costa sul da ilha da Madeira.⁹⁴

Este acontecimento gera uma onda de resistências contra as medidas de natureza médico-sanitária decretadas pelo governo, que Luna de Carvalho (2011) classificou como os movimentos de resistência mais precoces de toda a ampla série de ações coletivas de repertório tradicional do pós-1ª República, antecipando-se às resistências político-religiosas.

Estas resistências às medidas sanitárias vão encontrar os exemplos mais variados de atitudes e comportamentos populares de cariz considerado “supersticioso” e até “fanático”. A crença no sobrenatural e a ignorância manifestam-se nas ações populares que desacreditam na ciência e se iludem com os remédios caseiros e outras práticas e que acabam por se revelar determinantes para a situação caótica que se vai viver com uma proliferação de casos fatais devidos a estas mesmas razões. Numa notícia trazida a público pelo diário madeirense *O Heraldo da Madeira* é possível compreender a dificuldade de isolar zonas de difícil acesso, e como os governadores administrativos destes concelhos receavam o aparecimento de sinais de cólera nestas zonas. As freguesias identificadas são Campanário e

⁹³ Carvalho, David Luna de (2011), *Os Levantes da República (1910-1917) - Resistências à laicização e movimentos populares de repertório tradicional na 1ª República Portuguesa*, Porto, Edições Afrontamento.

⁹⁴ Cf. *O Povo*, 2/11/1911

Ribeira Brava e o jornal explica a dificuldade do povo em compreender a gravidade da situação acabando por não seguir os conselhos das autoridades sanitárias e das pessoas mais instruídas.

O registo narra como o povo classifica a cólera: “umas simples e leves indisposições de estômago, perturbações de nenhuma importância de ventre, indigestões passageiras, bebedeiras carregadas, tudo o quanto a imaginação e crassa ignorância inventam”. Mais abaixo a notícia revela alguma impaciência e até agressividade pela falta de compreensão e ignorância do povo relativamente à necessidade de proceder às medidas sanitárias: “não há razão segura que consiga levar aquelas inteligências rudes, e tapadas a mudarem e proceder ao seu convencimento, só violentamente pode ser levado a efeitos”.⁹⁵

A oposição popular às medidas sanitárias atinge um nível insustentável, ou seja, o povo começa a diabolizar os remédios ministrados pelos médicos considerando-os como os principais causadores das mortes que vão acontecendo. No concelho da Ponta do Sol, mais propriamente no sitio da Lombada, um dos habitantes não quis continuar a medicar-se como lhe fora aconselhado pelo clínico assistente ordenando que lhe retirassem as botijas de água quente que o rodeavam e só lhe dessem chazinhos de ervas do campo “gabando-se de que havia de ter muito que contar quando se levantasse, não chegou a realizar estes desejos morrendo como outros infelizes vitimados pelo flagelo e pela casmurrice.”⁹⁶

A crença mergulhava nos mais ridículos preconceitos em relação às medidas sanitárias, proporcionando as mortes mais inusitadas. *O Heraldo da Madeira* menciona três exemplos dessas mortes:

1- Uma idosa na freguesia de São Martinho no Funchal, que foi vítima de cólera porque não acreditava nos desinfetantes e muito menos no poder eficaz da água esterilizada, apontando como exemplo os seus pais que tiveram uma vida duradoura sem utilizar água fervida.

2- Um homem da Ribeira Brava atacado pela cólera que, tendo um seu irmão falecido se vestiu com o fato da vítima e andou a manifestar-se com forças superiores à doença, dizendo que não tinha receio de ser contaminado e que horas depois morreu.

3- Uma mulher do sítio do Torreão no Funchal que também foi vítima porque era para ela um incómodo atravessar a ponte do torreão e ir buscar água fervida mesmo acima, quando bem perto tinha água cristalina da fonte.⁹⁷

No concelho de Câmara de Lobos, homens que conduziam para o cemitério o corpo de um colérico falecido foram insultados por alguns camponeses. Ao chegarem à vila contavam eles o caso ao chefe das desinfecções, “quando o mulherio dali acompanhado de bastantes homens começaram a ameaçar a brigada de saneamento, que, vendo-se desarmados e sem elemento nenhum de defesa, abalaram numa lancha a vapor que passava em direção ao Funchal, enquanto os agitadores e agitadoras içavam no kiosque junto à Câmara, no mastro do cais e em outros pontos a bandeira azul e branca”.⁹⁸

⁹⁵ Cf. *Heraldo da Madeira*, 3/01/1911

⁹⁶ Cf. *Heraldo da Madeira*, 30/12/1910

⁹⁷ Cf. *Heraldo da Madeira*, 6/12/1910

⁹⁸ Cf. *Heraldo da Madeira*, 16/12/1910

Uma crónica num jornal fala da situação lamentável da ilha com o surto da cólera, provocando o isolamento. A publicação refere que existe quem use a imaginação para os vaticínios mais fantasiados, direcionando-se para a origem do micróbio e da forma como chegaram à ilha, flagelando estes habitantes “com uma praga das imundices dos pântanos da Ásia”. O Jornal refere ainda que “a ilha considerada por todo o mundo a estação de saúde...tal é o seu bem-dito clima” não existem justificações para esses pensamentos “só espíritos tacanhos e fanatizados é que podem crer em tal.”⁹⁹

Quem governava, acreditava que a solução era respeitar todas as medidas de prevenção e que a população deveria seguir os passos de quem, sabendo, alertava para as suspeitas coléricas. Eram medidas que favoreciam os interesses da saúde pública evitando o aumento de vítimas. Um aumento alimentado, segundo um periódico da região, “pela superstição, ignorância e até pela política, porventura mais daninha que os piores micróbios.”¹⁰⁰

No concelho de Machico as reações às medidas sanitárias atingiram uma dimensão que ficou fora de controle para quem administrava o concelho. Os remédios ministrados pelo médico local e pela farmácia deste sítio vão ser, na mente do povo, a verdadeira razão do elevado número de mortes da epidemia colérica no concelho, originando uma reação ostensiva dos populares e um clima de grande tensão e violência.

O povo levado pela ideia de que o Doutor Balbino Rego, médico do concelho, “se acha na Madeira, e, naquela ocasião que continha remédios com suspeitas de veneno, deslocou-se a casa do Sr. Dr. Camacho. Esta foi destruída, a livraria queimada e toda a farmácia e casa apedrejada”. O Dr. Camacho era o dono da farmácia do Machico que ministrava os remédios. Seguidamente dirigiram-se para o engenho, e, posteriormente para a Igreja, “dando vivas ao vigário e ao Presidente da Câmara”, este último falou com Júlio Cabral, governador civil, que, vendo a situação atingir contornos incontroláveis reuniu com o povo e perguntou o que desejava do Governo, visto que o número dos revoltosos já ultrapassava as 2000 pessoas, segundo as notícias. O povo disse que “desejava o isolamento dos atacados do forte do Cais, e as roupas que fossem lavadas como antes na Ribeira de Machico. Em seguida encaminhou-se para o forte do cais e ali arvorou a bandeira monárquica. As linhas que comunicavam com o norte da ilha foram interrompidas, a cadeia arrombada e os presos soltos.”¹⁰¹ Após a rebelião o jornal *O Povo* noticia que com a chegada da força de comando do “oficial Sr. Capitão Castro” nada mais houve de anormal “a não ser a efervescência popular, que não passava do limite de desafogar pela palavra, as sobras de raiva que a comparência de gente armada não deixava explodir de outro modo.” Nos campos, pela noite, segundo os testemunhos que se faziam chegar, “o povo ainda sobressaltado, guarda fontes e ribeiras, com medo não vão o Dr. Rego ou o José Maria conspurcar as águas com substâncias malignas, que contenham o germen da moléstia satânica”¹⁰².

⁹⁹ Cf. *Heraldo da Madeira*, 14/12/1910

¹⁰⁰ Cf. *Heraldo da Madeira*, 22/01/1911

¹⁰¹ Cf. *Heraldo da Madeira*, 20/12/1910

¹⁰² Cf. *O Povo*, 20/12/1910

A “*fatal credence*” dos remédios envenenados, segundo o jornal, “transformou uma população ordeira e boa num bando feroz e destruidor, correndo os boatos mais desencontrados possíveis a respeito do paradeiro desses dois «Lobisomens», de transformação vária, que são vistos, mas não podem ser agarrados”.¹⁰³

Os vaticínios sobrenaturais que o povo atribui à origem da cólera, com incidência nas histórias fantasiosas e lendas que se fizeram ouvir nos vários concelhos da ilha, é motivo de fortes críticas por parte da imprensa que menciona a falta de verdade e de dados informativos sobre a causa concreta da epidemia chegar à região.

Segundo o jornal, é fundamental informar que a cólera entrou na ilha por intermédio do porto do Funchal que carece de um posto de desinfecção e condições de seguro funcionamento. “O Povo precisa de conhecer as naturais portas da doença para que não atribua nem à má-fé nem à providência... a massa popular tem que saber a verdade de onde vem a doença para não a atribuir ao sobrenatural.”¹⁰⁴

Desde o momento que surgiu a epidemia da cólera na ilha da Madeira até ao seu termo, passados cerca de três meses, o clima revoltoso de que estava imbuída a mente da massa popular, originou as reações mais inesperadas de resistência às medidas médico-sanitárias adotadas contra ela. A ciência foi vista como uma inimiga, os médicos culpados através dos remédios que ministravam e a bandeira monárquica erguida de forma nostálgica. Acreditou-se que os infortúnios derivavam de todas as causas menos das verdadeiras e o povo profetizava e retirava as mais fantasiosas conclusões da epidemia.

O povo e a veneração das tradições primitivas do “romanismo”

É conhecido que o cristianismo nasce no quadro político e cultural do poderoso Império Romano. Este último, como sabemos foi uma das mais fortes potências económicas, políticas e militares do seu tempo, difundindo a sua cultura a uma escala mundial. É conhecido também que, durante os primeiros três séculos de afirmação do cristianismo, os romanos perseguiram os cristãos porque a sua religião era vista como uma ofensa ao estado, pois representava outro universalismo e proibia os fiéis de prestarem culto religioso ao soberano imperial. Após várias perseguições, os cristãos puderam viver em liberdade graças ao Édito de Milão, iniciando-se a Paz na Igreja e sendo permitida a liberdade de culto e restituição dos bens da igreja.

Neste contexto, é conveniente explicar o termo “romanismo”, algumas vezes mencionado pelos jornais regionais. Este termo é associado ao “modus operandi” da população madeirense profundamente ligado à homogeneidade com que venera as suas tradições primitivas, inerentes à génese e afirmação do cristianismo no quadro da obediência a Roma e à Santa-Sé, o centro nevrálgico do catolicismo.

¹⁰³ Cf. *O Povo*, 20/12/1910

¹⁰⁴ Cf. *Heraldo da Madeira*, 16/12/1910

As práticas religiosas romano-cristãs mais ancestrais como são: a adoração aos santos, culto das imagens, existência do purgatório ou as indulgências, parece que se agregam na conceptualização do “romanismo” aplicado pela imprensa republicana na ilha.

A aversão popular às práticas religiosas fora do contexto religioso aceite é uma constante. Um exemplo disso é o de um funeral protestante ocorrido no concelho de Machico. Segundo o jornal mensal, *A Voz da Madeira*, não existia em todo o território português “um pequeno canto onde o romanismo mais tem contribuído para o embrutecimento do povo pelo fanatismo que se pratica nesta cidade”. O jornal refere que há cerca de três quartos de século que o protestantismo está na ilha, e mesmo assim fazem dele o mesmo conceito que era aplicado há mais de sessenta anos. Parecia impossível, apesar dos tempos modernos, realizar um funeral, batismo, casamento, fora do padrão aceite pela população, sem que “...um bando faminto de mulheres escravas da sacristia surgindo aqui e acolá como aves de rapina perseguindo-os com insultos de mais baixo calibre; usando termos verdadeiramente obscenos e repugnantes ao ouvido da moral pública, com mulheres, crianças e homens à porta das suas cabanas esbofando-se em apupos e toque de toda a casta de instrumento bárbaro, tais como latas velhas, panelas rachadas e búzios.” Os insultos agressivos e horrendos que no funeral são proferidos como “*Cachorro! Cachorro! Lá vai o Cachorro*” referindo-se ao defunto, são “da índole mais rude e monstruosa”. A regra segundo o jornal parece ser “...aqueles que não puxam com eles à cega, no mesmo jogo, são verdadeiramente intoleráveis.”¹⁰⁵

Por outro lado, este mesmo jornal afirma que “muitas crendices verdadeiramente estúpidas não são meras demonstrações de uma fantasia local e peculiar somente de um povo, mas sim, uma espécie de credo cuja origem e localização remontam os antípodas em todas as partes do globo onde a civilização não tem podido demonstrar o seu verdadeiro aspeto luminoso.”¹⁰⁶

O “romanismo” foi visto como permanecendo na ilha da Madeira muito ligado à ignorância do povo, onde “se conservou para sugar (...) vantajosamente o sangue da desventurada ignorância”, e terá tido grande impacto junto da população que reagia nessa matriz rude aos desafios da modernidade.

O protestantismo e outras práticas religiosas eram contestadas de forma desordeira e ofensiva. A ideia de que para além da religião em que acreditavam, tudo o resto era profano e renegador dos princípios defendidos, para os “romanistas madeirenses” era um axioma.

Caso particular: Machico

O concelho de Machico situado na zona leste do Arquipélago da Madeira é único pela abundância de notícias que vinculam o perfil crente e supersticioso dos seus habitantes. A determinação com que os seus habitantes vaticinavam o sobrenatural, as lamentações com que profetizam castigos divinos, a crença no reaparecimento do rei D. Sebastião o “romanismo” exacerbado de que já falámos

¹⁰⁵ Cf. *A Voz da Madeira*, 1/1914

¹⁰⁶ Cf. *A Voz da Madeira*, 1/1914

anteriormente, ou mesmo as características assumidas pelo restauracionismo monárquico, posicionam este espaço da ilha como “excepcional” no perfil messiânico e sebástico, enriquecendo as linhas do nosso estudo.

O povo machiquense pode ser apelidado de revolucionário, reacionário, ou até ambos, apresentando-se como um povo insubmisso e rebelde, com uma mentalidade muito peculiar. No já referido jornal mensal, *A Voz da Madeira*, aponta-se o Machico como “um verdadeiro viveiro de crentes supersticiosos”. O jornal refere que nesta vila madeirense tudo é diferente “desde o povo que vive “às cegas” até aqueles “que leva pela mão às palpadelas”, sendo que ninguém se atreve a ir à casa dos crentes a não ser aqueles que menos têm a perder, ou entre aqueles que mais julgam poder ganhar em troco de sua alma. Desses são “os mendigos e os gulosos que também são fervorosos agentes do papa”.¹⁰⁷

O “romanismo” de que falamos anteriormente está fortemente arreigado no quotidiano deste povo e nas suas convicções. Exemplo disso é a ostensiva reação aos propósitos do protestantismo na ilha. A imprensa fala no concelho dizendo que “dificilmente existe outro centro pagão no país com tão má compreensão do dever moral pela região”.¹⁰⁸

Uma outra notícia, menciona uma campanha evangélica que percorria o país inteiro e que chegou também à “pitoresca cidade de Machico a 5 de Agosto de 1911”. Esta campanha, segundo os relatos, correu bem durante alguns meses até que, “surgiu a propaganda dos agentes do papa e de Roma” que com certeza, segundo os registos, deturpou a informação evangélica nas mentes deste povo. Segundo um jornal os machiquenses são “dos mais fantasiados da ilha da Madeira e talvez de todo o país, e dos que mais insultos e mais grosseiros doestos têm dirigido ao evangelho e aos seus pioneiros”¹⁰⁹.

Com a epidemia da cólera a chegar à ilha, como constatámos anteriormente, e com a diabolização dos remédios ministrados pelo médico local, Balbino Rego, desponta um clima de resistência de dimensões ímpares neste concelho e no resto da ilha. Mesmo depois de a sublevação ter sido controlada, um sem fim de fantasias continua na imaginação do povo prevendo-se o reaparecimento do médico na figura de um “lobisomem” responsável pela desgraça, segundo as invenções da mentalidade popular.¹¹⁰

A aparição de D. Sebastião passados 336 anos do seu desaparecimento no tempo adverso da I Guerra Mundial ocupa algumas das páginas a serem apresentadas mais à frente. Todavia aquilo que importa desde já mencionar, é o facto deste fenómeno de revivalismo da crença sebástica, o mais tardio de que se tem conhecimento, despontar precisamente neste lugar.

A crítica feroz por parte da imprensa republicana ao concelho de Machico faz-se ouvir através de uma reunião da administração civil que apresentava um plano estrutural de melhoria das vias e estruturas na região, e que contava com a presença de um deputado monárquico deste concelho. Este plano, que tinha sido aprovado pelos diversos deputados, teve no voto monárquico do deputado do

¹⁰⁷ Cf. *A Voz da Madeira*, 3/1914

¹⁰⁸ Cf. *A Voz da Madeira*, 1/1914

¹⁰⁹ Cf. *A Voz da Madeira*, 11/1912

¹¹⁰ Cf. *O Povo*, 20/12/1910

Machico a exceção à regra. Segundo a imprensa a reação de alguém deste concelho é ironicamente “normal”, pois se está a falar de “um pobre voto monárquico, representante daquela nunca esquecida bandeira das chagas, que na vila de Machico trapejou, entre a vasa reziforme dos coléricos e o vômito aguardentado do povaréu turbulento.”¹¹¹

O concelho de Machico apresenta-se como o território propício às atitudes e comportamentos de matriz messiânica e sebástica, neste período de instauração da 1ª República na ilha da Madeira. O perfil peculiar dos seus habitantes alcançou, aos olhos dos republicanos como nenhum outro local da região, patamares elevados de predisposição à imaginação e à crença no sobrenatural.

Clericalismo e “Jesuitismo”

O clericalismo e o “jesuitismo” representam, segundo a imprensa republicana, “o maior inimigo da liberdade dos povos, de cuja ignorância se tem servido para os seus segregados fins.”¹¹²

As características peculiares do povo madeirense que temos vindo a apresentar no domínio da crença e da religiosidade são também características usadas pelo clero com objetivos de manipulação através do seu conhecimento religioso e da sua autoridade eclesiástica, segundo os registos da imprensa republicana. Essa mesma imprensa acusa-o das piores coisas, de ser “instrumento de vis paixões, arrastando o povo que desde há muito vem fanatizando, ao campo de luta, origem do derramamento de sangue e da perda de muitas vidas”.¹¹³

É evidente o desconforto dos republicanos face à presença do clero “o Clericalismo tem fundas raízes em Portugal alimentado pelo analfabetismo que constitui um dos grandes males do país”.¹¹⁴ Os ataques ferozes continuam quando descrevem o padre, fazendo as analogias que envergonharam o passado dos representantes da religião pelas condutas impróprias antigas e recentes: “Representante de uma religião toda de paz e amor, o padre substitui o breviário pelo punhal e pelo veneno, para livrar os seus caríssimos irmãos dos sofrimentos deste vale de lágrimas, enviando-os mais cedo para o céu, enquanto eles, os descendentes dos Bórgias, e dos Torquemandas, vão fazendo o sacrifício de por cá ficarem, só para salvarem os seus caríssimos irmãos!”.¹¹⁵

Como se constata, o clero na ilha da Madeira representa “um polo de resistência” e saudosismo da Monarquia, sobretudo no meio rural. Arrasta o povo para a desobediência ao regime, e ameaça com “a excomunhão e as penas do inferno”.¹¹⁶ Estas ameaças por parte do clero aos fiéis são repetidas com vários exemplos que são visíveis nas notícias vão sendo vinculadas pela imprensa, essencialmente a ameaça da excomunhão que intimidava os paroquianos através das razões mais infundadas e muitas vezes injustas.

¹¹¹ Cf. *O Liberal*, 7/06/1914

¹¹² Cf Trabalho e União, 12/06/1912

¹¹³ Cf Trabalho e União, 12/06/1912

¹¹⁴ Cf. *Trabalho e União*, 20/01/1912

¹¹⁵ Cf. *Trabalho e União*, Funchal, 12/06/1912

¹¹⁶ Martins, Teresa Florença (2004), *O Movimento Republicano na Madeira...*, p. 85.

Na freguesia do Arco da Calheta foram arrematadas umas terras da confraria do sítio de São Sacramento, havendo muita gente a concorrer à praça, mas “logo o Padre saiu ao encontro dos pretendentes a dizer que se arrematassem aquelas terras seriam excomungados. Esses pretendentes com o terror de ser excomungados abstiveram-se de comparecer”. O mais caricato surge quando se soube que este mesmo padre arrematou juntamente com os seminaristas do concelho, as mesmas terras da confraria. O jornal republicano lança um conjunto de questões através deste acontecimento inusitado “Quem viola a religião? Quem se vale da religião para enganar os paroquianos? Que lei manda excomungar paroquianos por aumentarem bens de confraria? Quem se vale das coisas sagradas para enganar os paroquianos? Quem pretende desacreditar a religião de Cristo?” E conclui “Nós não somos! É o próprio padre que não teve pejo em falsear a verdade”.¹¹⁷

No Funchal um padre procura saber “de forma original” quantos paroquianos não frequentam a Igreja da Freguesia de Santa Maria Maior, para de seguida os excomungar, “Tem aparecido nos últimos dias uma cara rapada, cheirando a sacristia, a distribuir uns papeluchos pelas portas dos moradores da Freguesia de Santa Maria Maior, com o título de «recenseamento de Santa Maria Maior» que nos parece extra oficial, visto que o último feito a sério foi há um ano apenas! Afirmaram-nos ser coisa do novo vigário!”¹¹⁸

O jornal afirma que o padre quer saber “quantas ovelhas tem, os paroquianos que não estão inscritos no rol da desobriga e excomungá-los. Ora Sr. Vigário se se metesse em copas e deixasse em paz os seus paroquianos, ganharia o céu mais depressa e com menos incómodo para ambas as partes!...”¹¹⁹

No concelho de Machico, o padre Boaventura Estevão d’Ornelas excomungou o secretário das finanças, Caldas Pereira, que foi convidado por um casal a ser padrinho dos dois filhos gémeos. Prontamente aceite a pretensão em relação ao registo civil, porém, para o batismo católico pediu o padrinho que o dispensassem por que “lhes repugnava assistir a um ato que além de porco, é anti-higiénico”. Instado acabou por dar o consentimento, todavia quando se dirigia para a sacristia, foi-lhe dito pelo pai dos seus afilhados, que o padre não permitia que testemunhasse o ato porque não era amigo da igreja. A notícia continua através de uma crítica severa ao padre, ainda que irónica “as autoridades sanitárias devem estar presentes nestes batismos católicos evitando logo á nascença contaminar as crianças de doenças de atrofiação dos cidadãos e da pátria”.¹²⁰

O mesmo padre, Boaventura Estevão d’Ornelas, excomunga o “Sr Tesoureiro” da fazenda pública, que segundo o jornal, era religioso e participava na conta quota mensal desta paróquia e era “irmão” de várias confrarias. A sua excomunhão acontece porque uma dessas confrarias elege-o para fazer uma festividade, todavia o padre opõe-se, mencionando que o mesmo não poderia fazer a festividade devido a proteger a filha numa situação jurídica que ainda se litigia.¹²¹

¹¹⁷ Cf. *A Época*, Ponta do Sol, 3/11/1912

¹¹⁸ Cf. *Trabalho e União*, Funchal, 21/02/1914

¹¹⁹ Cf. *Trabalho e União*, Funchal, 21/02/1914

¹²⁰ Cf. *Trabalho e União*, Funchal, 30/06/1914

¹²¹ Cf. *Trabalho e União*, Funchal, 30/06/1914

A estas excomunhões, juntam-se outras notícias nos jornais republicanos que mencionam mais práticas questionáveis dos padres que, por vezes abusavam do poder que exerciam.

No Estreito de Câmara de Lobos, os professores no cumprimento dos seus deveres quiseram levar a efeito a nova festa republicana da Árvore, a que em toda a parte se procedia. A festa realizava-se normalmente, e as crianças cantavam entusiasmadas com os ensaios que os professores lhes faziam. Porém o padre do sítio decide manifestar-se contra aquela festa dizendo que, “era promovida pela maçonaria, que obrigarem as crianças a ajoelhar ao pé das árvores que se plantassem (!) e que para tal pecado, ele, ministro de Deus de bondade se recusaria a dar perdão!...”.¹²² A festa acabou por não se realizar com as crianças a abandonarem os ensaios nos últimos dias com a declaração das mães, que se persistissem em realizá-la, elas não voltariam mais à escola.

O *Jesuitismo* é um termo usado de forma pejorativa pela imprensa republicana madeirense, não aplicado à histórica ordem religiosa liderada por Inácio Loyola com os princípios missionários e educacionais da religião católica que já tinha sido extinta pela República, mas sim, a elementos que deturpavam os princípios dessa mesma companhia, servindo-se desse estatuto para difundir informação contra ela “tinham má-fé e encontravam-se dominados por infâmes paixões”, e eram conspiradores (...) anarquizando, corrompendo e perturbando a mesma com princípios “inflamados” da religião. Inimigos e antipatrióticos servidos de fanáticos maus e inconscientes, ingénuos e traficantes”.¹²³

Uma notícia de um jornal republicano de Câmara de Lobos menciona que os “jesuítas” madeirenses convenceram “as carolas de cá”, que aqui estava o castigo de deus sobre os republicanos da ilha aludindo ao Surto da Cólera. Divulgam uma “oração manhosa” se referindo a esse facto que merece ser transcrita «Glorioso patriarca Ignácio Loyola nós vos suplicamos que vos digneis alcançar-nos da bondade do Senhor a graça de sermos livres do pecado, o maior de todos os males, bem como a de sermos preservados desta doença contagiosa, a cólera, um dos flagelos com que Deus costuma castigar os pecados das nações. Que com o vosso exemplo, nossos corações se inflamem no ardente desejo de empregarmos todos os nossos esforços na aquisição de maior honra e glória de Deus e salvação do próximo. Assim seja.» A resposta do jornal é hilariante respondendo com a “Oração da autoridade”: «Gloriosa Santa Autoridade, nós vos suplicamos que vos digneis alcançar da bondade da República a graça de sermos livres dos Jesuítas, o maior de todos os males, bem como sermos preservados de ouvir as suas lamúrias contagiosas, um dos flagelos com que eles costumam perturbar a paz doméstica e entorpecer as inteligências da puerícia. Que o vosso exemplo, nossos corações se inflamem no ardente desejo de empregarmos todos os esforços na aquisição de maior liberdade, honra e glória da república e assim a salvação do povo analfabeto e incauto. Assim seja!»¹²⁴

¹²² Cf. *Trabalho e União*, Funchal, 04/04/1914

¹²³ Cf. *A Época*, Ponta do Sol, 07/07/1912

¹²⁴ Cf. *Trabalho e União*, Funchal, 6/04/1912

A imprensa republicana encontra nestes elementos fortes obstáculos que dificultam a difusão da mensagem do novo regime, num campo de atuação preenchido por tantas e tão diversas crenças, e numa ilha “onde medra a difamação, a “intriga jesuítica”, o “despeito e a inveja”¹²⁵.

A ação do clero preocupa o Governo da República que não podia consentir que “ministros da religião” se levantem em rebelião protestando hostilmente contra as novas leis.

Segundo um periódico, a Lei da Separação “obra intangível do Sr. Afonso Costa, cavou um profundo abismo entre os partidários deste estadista e a parte sã do país, ofendendo gravemente as crenças dos católicos”.¹²⁶ A classe sacerdotal classificou-a de “perseguição à Igreja e recebeu semelhante monstruosidade de lança e riste, movendo-lhe uma guerra de extermínio e rejeitando quase por unanimidade a pensão que a mesma lei lhe concebia, para não incorrer no desagrado papal”. As sublevações populares sucediam umas atrás das outras, “muitas vezes se diziam que eram capitaneadas por sacerdotes”. O descontentamento entre o povo rude e crente repercutia-se no padre da aldeia “o principal instigador” que recrutava pessoas e “fomentava a insurreição dentro do país, recrutava gente para as hostes de Paiva Couceiro que, na Galiza, esperava o momento oportuno de conquistar Portugal”.¹²⁷

O clero com a nova República passa a ter um papel subalterno e a igreja, antes diretora espiritual e material da sociedade, trabalha para que se mantenha o seu predomínio. Segundo o jornal *Trabalho e União* a Igreja “faz que acompanha as leis físicas e ciências naturais em geral”, e, ao ver-se combatida e sem probabilidade de “se colocar á altura dos tempos”, abandona completamente as doutrinas de Jesus que a obrigavam a ser a defensora dos pobres e oprimidos, cobrindo-se “com as asas de abutre dominante, cujos interesses protege até certo ponto”.¹²⁸

Todavia na ilha da Madeira os abusos de poder vão jogar com as crenças da população que acaba por demonstrar obediência ao fragilizado clero que mesmo impedido do poder de outrora contribui para a manter oposta aos novos tempos de mudança.

Poder Político

O poder político é visto pela imprensa republicana como estando em luta contra um passado monárquico enraizado nas estruturas sociais e bem presentes na mente popular: “A República fez-se para os portugueses, mas fez-se contra os monárquicos conservadores”. O camponês, pelo contrário é visto como entranhado “nas quadrilhas monárquicas por inconsciência e inércia” e pelo cacique que faz disto “uma Falperra e nos arrastou à última degradação.”¹²⁹

¹²⁵ Cf. *Trabalho e União*, Funchal, 24/02/1912

¹²⁶ Cf. *O Povo*, 27/12/1913

¹²⁷ Cf. *O Povo*, 27/12/1913

¹²⁸ Cf. *Trabalho e União*, Funchal, 31/01/2014

¹²⁹ Martins, Teresa Florença (2004), *O Movimento Republicano na Madeira...*, p. 74.

A deturpação política e os maus políticos, segundo um jornal republicano, eram de forma curiosa alcunhados de “*Lepra social*” incidindo a expressssão sobre todos os que se abstêm do sentimento de patriotismo e humanidade. São usados vários adjetivos (ganância, hipocrisia, egoísmo, charlatanice, trampolinice, venalidade, abuso) para qualificar este mal de que “infelizmente muito enferma a nossa moderna sociedade.”¹³⁰

Noutra crónica do mesmo jornal compreendemos a visão do perfil total da população madeirense e das insuficiências de quem governa e de quem é governado numa “Madeira por republicanizar” que nas suas fileiras tem “uma população de 130 mil almas manietadas à ganância de meia dúzia de capitalistas. Estes grandes só influenciam pela intriga mesquinha, jesuítica e muito miúda, gerindo as alminhas.”¹³¹

Os conceitos democráticos parecem utópicos numa sociedade inconsciente da realidade dos tempos modernos, havendo um novo regime republicano implantado, mas profundamente desconhecido na sua compreensão junto dos insulares. “Na Madeira não há a democracia tal como ela deve compreender-se, nem se conhece mesmo o que isso seja. “Há gregarismos; há rebanhos humanos; há adoradores do mesmo ídolo. Nem mesmo há monárquicos ou republicanos cientes do papel que devem representar para serem úteis à pátria.”¹³²

Um jornal da região chega mesmo a questionar se a implantação da República ocorreu na ilha da Madeira, visto que parecem ainda permanecer nos cargos de governação os antigos monárquicos e faltarem membros do novo regime. “Não é raro ouvir-se por aqui, para justificar a nomeação de monárquicos para os cargos oficiais e corpos administrativos que na Madeira não há republicanos, ou, se os há são bem poucos e sem competência para desempenharem os cargos”.¹³³

Na notícia é possível concluir que os erros políticos vêm desde o próprio dia em que foi proclamada a República sucedendo-se numa interrupta série de novos erros, “ao ponto de já se dizer que a monarquia está restaurada na ilha”. Esta notícia prossegue afirmando que há republicanos em todas as classes sociais, desde o operariado, comércio ao elemento militar. Se não se manifestam, é porque têm razões bem fundamentadas para se retraírem num meio “onde o elemento monárquico ainda prepondera em todas as repartições públicas, essa influência produz os seus naturais efeitos, ao ponto de alguns republicanos serem preteridos e outros perseguidos.”¹³⁴

A “superstição e a ignorância” da população é usada pelos políticos anti-republicanos, segundo a imprensa, para fazer “psicologia adoentada e débil” arrastando assim a sociedade insular a uma “bola de neve obsoleta”, em que é possível salientar “a estupidez, ignorância, fanatismo, credence, ilusão, sonho, vidência de toda esta mórbida psicologia.”¹³⁵

¹³⁰ Cf. *Trabalho e União*, 3/08/1912

¹³¹ Cf. *Trabalho e União*, 6/12/1912

¹³² Cf. *O Radical*, Funchal, 20/04/1911

¹³³ Cf. *Trabalho e União*, 4/05/1912

¹³⁴ Cf. *Trabalho e União*, 4/05/1912

¹³⁵ Cf. *O Povo*, 22/12/1910

Concluindo, a elite política, segundo as notícias veiculadas pela imprensa republicana na região, alimenta a ignorância do povo corrompendo-o com a hipocrisia e a ganância que aniquila qualquer tipo de transformação social pretendida pelo novo regime. Não existe unanimidade relativamente à linearidade da atuação republicana, numa ilha profundamente enraizada no passado monárquico. Os elementos que no passado tinham influência nos destinos insulares não desapareceram do contexto político, simplesmente procederam de acordo com a realidade arcaica e retrógrada da estrutura social da ilha, gerindo os seus interesses e manipulando o frágil aparelho administrativo.

Profetismo e os ecos da 1ª Guerra Mundial na Ilha da Madeira

Expectativas apocalípticas e a ideia dos castigos divinos

O despontar da 1ª Guerra Mundial na Ilha da Madeira foi vivido de forma intensa, pois as previsões mais variadas eram lançadas por profetas que recorriam às passagens bíblicas para lançar os vaticínios mais impiedosos que despertaram um clima dramático entre os insulares com expectativas dolorosas a ocorrer num futuro próximo.

O ano de 1914 é diabolizado pelos “Messias” que perspetivam o fim do mundo “Ai!...triste de nós! se assim é; se as primeiras dores do fim do mundo se aproximam...”¹³⁶ associando a guerra presente às “primeiras dores” desse desfecho apocalíptico.

Essas “dores” estão ligadas às palavras proferidas por Cristo aos discípulos no Monte das Oliveiras, mencionando as guerras, terremotos e pestes. Por outro lado, surgiriam os falsos profetas em nome de Deus “Haverá na terra grande consternação por causa do impetuoso bramir das ondas do mar, e os homens desfalecerão diante da expectativa das coisas que hão-de vir sobre toda a superfície da terra. O evangelho de Deus e do seu Reino será pregado em toda a superfície da terra, para servir de testemunho a todos os povos; então virá o fim do mundo.”¹³⁷

O fenómeno apocalíptico do fim do mundo é mencionado, no jornal republicano *A Época*, através de uma profecia impressa que direccionava as forças divinas num ritual seguido pelo juízo final que pertencerá ao “Messias prometido ou filho do Homem”. Como a notícia sobre esta profecia narra “virão santos rufando trombetas e depois o filho do homem entre as nuvens, para acabar o fim do Mundo”. Em seguida ocorrerá a eleição divina que será procedida segundo dois grupos políticos. Os que pertencem à direita democrática e os que pertencem à esquerda comunista “os anjos reunirão os seus eleitos pelas quatro partes do Mundo formando dois grupos, esquerda e direita!”. A eleição condenará a esquerda comunista, enquanto a direita democrata seguirá pelo caminho do céu “Os do partido das direitas vão para o céu e os da esquerda para o inferno. Nesse caso o partido democrático é o da esquerda, é que está

¹³⁶ Cf. Brado D'Oeste, Ponta do Sol, 12/08/1914

¹³⁷ Cf. Brado D'Oeste, Ponta do Sol, 12/08/1914

condenado às profundezas do abismo.”¹³⁸ Esta profecia, segundo o jornal, também anuncia presságios negativos que são perspectivados para o pós-guerra como o surgir de pestes e fomes.

A conflagração mundial inquietou os populares na ilha da Madeira e qualquer acontecimento noticiado era objeto das mais diversas, interpretações correndo o risco de alterar a ordem e agitar as decisões políticas. Podemos observar um registo noticioso que refere o receio do governador civil de uns folhetos impressos na tipografia do «Diário da Madeira» relatando supostas modificações no regime político do nosso país nesta época difícil da 1ª Guerra Mundial, o que provocou a apreensão destes mesmos folhetos. Esta medida foi tomada para que “a leitura fantasista daqueles folhetos não viesse mais atormentar o estado de espírito da população crédula já alvoraçada pela crise que atravessamos nascida da Guerra Mundial.”¹³⁹

O jornal *Liberal*, jornal anti-republicano, comenta a situação de França e os males que afligem este país com a conflagração mundial afirmando que as causas da situação francesa residem no facto de ser um país “*sem religião*”. Faz-se uma analogia, no mínimo curiosa, com Portugal, que deveria se libertar da impiedade dos princípios e demagogia jacobina: “a humanidade saía ao menos curada da sua impiedade, curada do seu jacobinismo, das suas loucuras demagógicas, curada numa palavra das funestas teorias bebidas na revolução e nas quais contém o gérmen de todos os males atuais”. Afirmava-se também que o mal já se desenrolava desde a implantação da República em 1910: “Crimes destes clamam castigo... Também nós expiamos e por crimes semelhantes. A nossa expiação, porém, vem de mais longe, desde 1910 pelo menos. Que futuro nos reserva a presente conflagração? Mistério, que a ninguém é dado a desvendar? O que, porém, nos cumpre é pedir a Deus que a espada da sua justiça se não descarregue inutilmente e que desta tremenda provação.” A libertação, segundo o jornal reacionário, *O Liberal*, estaria em a sociedade se desprender destes princípios boçais que será necessário anular, através do “dilúvio para a salvação da humanidade.”¹⁴⁰

O cenário da Guerra Mundial é usado para fazer as mais variadas insinuações, e também para fazer política a partir das crenças do povo. Portanto, o cenário de crise, que, segundo o jornal, só é comparável ao surto da cólera em 1910, é causado pelo Governador Civil, lançando-se ataques à sua credibilidade, e acusando-o de todos os males da região. Há quem denuncie as “...estúpidas insinuações contra o Governador Civil como o único culpado de todas as desgraças e dores de calos havidos e por haver nesta ilha”. Estas insinuações contra o Governador, segundo o jornal, são uma forma de fazer política convencendo o povo ignorante que o flagelo que se vivia tenha como origem as más decisões administrativas “a primeira autoridade do distrito é obrigada a esconjurar todos os perigos, a remediar instantaneamente todas as calamidades que por infelicidade caíam sobre o seu distrito, e não tendo eles

¹³⁸ Cf. *A Época*, Ponta do Sol, 13/08/1914

¹³⁹ Cf. *O Liberal*, Funchal, 30/08/1914

¹⁴⁰ Cf. *O Liberal*, Funchal, 13/08/1914

outra coisa para se agarrarem, foram buscar a situação precária em que se encontra a classe marítima para fazer política.”¹⁴¹

O profetismo remanescente surge com os ecos da 1ª Guerra Mundial e preenche muitas páginas dos noticiários nesta época, as predições proféticas com base nos testemunhos bíblicos primitivos são, segundo o *Diário de Notícias*, “uma bela fruta da Estação Presente porque as notícias da guerra deixam sempre muito a desejar por serem poucas, por terem em grande parte um sentido vago e porque são até contraditórias.”¹⁴². Neste jornal foi traduzida uma profecia atribuída ao irmão Johannes no ano de 1600 intitulada “o Anticristo”, devido ao seu conteúdo o jornal dá-a a título de curiosidade “e sem a garantia que seja de 1600 ou de 1914”, devido às predições proféticas parecerem incidir sobre a época vigente.¹⁴³

Numa publicação sobre a 1ª Guerra Mundial é possível constatar que as notícias parciais que chegam do campo de batalha projetam profecias que encaminham a humanidade para o Reino da Paz: “decalçadas sobre os acontecimentos já desenrolados com inúmeras anedotas que nos sorriem à mente. Fiam-se no sentimento para o início da incomensurável empresa de assegurarem a paz na civilização para fundarem o fantástico reino da paz e da pacificação geral e permanente.” Nesta crónica é também mencionado o destino dos seres vivos, que obedece à «luta pela vida» havendo uma «seleção natural» que causa essa guerra fazendo ponderar “o mais forte mediante o aniquilamento, com mais ou menos violência, do mais fraco.”¹⁴⁴

Está presente a ideia de que os madeirenses foram assolados por castigos divinos como é patente em algumas publicações da imprensa regional. Numa destas crónicas compreendemos a importância do mar na vida económica e a influência que a Guerra teve no percurso corrente da vida quotidiana: “A Madeira é uma das regiões do globo que só vive do mar e qualquer alteração que venha prejudicar o normal movimento flutuante do nosso porto, irá refletir-se na vida económica” acresce que das raras vezes que a ilha é “visitada” por doenças infecciosas ou catástrofes, pairam uma série de calamidades “como o seu castigo negro”, tudo paralisa com o porto fechado. “Com a atual conflagração mundial que fez desaparecer quase por completo todo o movimento marítimo, a Madeira sofre as mesmas consequências duma peste, se não na mortandade pelo menos na demora prolongada dos acontecimentos precipitados pelo egoísmo feroz duma testa coroadada, mas podendo adivinhar-se até quando o estado das coisas durará.”¹⁴⁵

Existe um clima profético inerente aos acontecimentos que vão agitando a ilha e o mundo, mas também está presente no peculiar perfil do povo madeirense. A 1ª Guerra Mundial assusta os espíritos populares numa região assolada por uma grave crise económica que imana desta mesma guerra. O povo crente acredita nas mais variadas previsões lançando diversos sinais catastróficos e apocalípticos, como juízos futuros do que está para ocorrer, através das notícias que vão chegando da Europa. A vida

¹⁴¹ Cf. *O Liberal*, Funchal, 23/08/1914

¹⁴² Cf. *Diário de Notícias*, 24/09/1914

¹⁴³ Cf. *Diário de Notícias*, 15/10/1914

¹⁴⁴ Cf. *O Liberal*, 7/06/1914

¹⁴⁵ Cf. *O Liberal*, 6/09/1914

económica é inviabilizada pela escassa circulação marítima no porto do Funchal, e com estes sucessos a perspectiva do fim do mundo é cada vez mais verosímil. Os “castigos divinos” profetizados interrelacionam-se com os acontecimentos e notícias que neste ano vão aparecendo e é neste clima que o povo desta Ilha vai manifestando as suas reações e comportamentos de matriz messiânica.

O Sebastianismo “vive” na ilha da Madeira em pleno século XX

O mito Sebastianista na cultura portuguesa tem, na sua mais remota e tradicional interpretação, o tão aguardado regresso do Rei D. Sebastião, que alimentou as mentes portuguesas desde os meados do século XVI, com o seu desaparecimento misterioso na Batalha de Alcácer Quibir no ano de 1578.

Os estudos historiográficos apontam o fim da tradicional “espera do rei” para a época das invasões francesas e, no mais tardar, com as ideias liberais da Revolução Portuguesa de 1820, passando o tema a partir desta época, a ser tratado exclusivamente pela literatura portuguesa.

Todavia o fim da ideia do “regresso do rei desejado” parece, na realidade nacional, não coincidir com a realidade da ilha da Madeira, pois compreendemos que este fenómeno não só vive ainda no século XX, como também se entrecruza com lendas populares e trovas regionais que nasceram através do mito do malogrado pei, aliciando o povo neste cantinho do Atlântico.

O fenómeno de revivalismo sebastianista na ilha da Madeira, do renascer desta histórica lenda tradicional é, de facto, de salientar visto que pode alterar a cronologia da duração da crença nos estudos historiográficos sobre o tema se tivermos em conta que o fenómeno agitou a população da ilha, de facto, já no século XX. Como nos refere Luna de Carvalho, “a expressão *Sebastianismo* foi muito utilizada durante a 1ª República em todo o território do continente português, especialmente para nomear depreciativamente as tentativas de restauracionismo monárquico. Na ilha da Madeira, porém a expressão foi utilizada para nomear o reaparecimento de novos fenómenos”¹⁴⁶.

A existência de lendas e rituais coletivos que evocavam D. Sebastião são fundamentais para explicar a persistência e o revivalismo do fenómeno Sebástico da “espera do rei” nos inícios do século XX na ilha. É neste sentido que se devem ter em conta três lendas populares, *Arguim*, *Espada de D. Sebastião* e *São Sebastião* presentes na mente das populações.

Arguim existe tanto para a história como para a lenda, esta última criada pelo povo madeirense que vê em Arguim a ilha do refúgio do rei, depois da catástrofe de Alcácer Quibir, onde se encantou D. Sebastião. De Arguim esperam ainda os sebastianistas e os crentes das profecias do Bandarra que surgirá “O Desejado”. Nesta crença afirmam os pescadores, por vezes os surpreender a visão da ilha encantada na linha do horizonte.¹⁴⁷

¹⁴⁶ Carvalho, David Luna de (2011), *Os Levantes...*, p. 305.

¹⁴⁷ Pereira, Eduardo (1989), *Ilhas de Zargo*, Funchal, Câmara Municipal do Funchal

A credulidade popular que “é tão sincera e espontânea” entre as gentes do arquipélago da ilha da Madeira, que, segundo as predições populares, todos os anos na noite de São João, quando o povo desce do arraial na ilha do Porto Santo, vai ao mar ver a sombra ou ouvir os clamores distantes da cidade encantada, perdidos entre as ondas, em que é vulgar soarem as trovas regionais evocando ao Rei D. Sebastião, que apareça no horizonte numa ilha envolta em brumas onde está, e dorme o seu sono de encantamento desde a jornada lutuosa de Alcácer-Quibir.¹⁴⁸

Conta-nos Moutinho (1978) que, segundo a lenda, nesta ilha de Arguim D. Sebastião passou a viver num castelo de ouro e marfim, guardado à porta por um leão e que “curtiria os remorsos que isto de batalhas deve acalçar nas cabeças”. Menciona um barco de jesuítas que se deslocava para o Brasil e que ao ancorar nesta ilha, os navegantes ficaram completamente surpresos quando descobriram que o calhau da praia era de “ouro puro e areinho pedrarias de marfins”. Assistiram os navegadores a uma audiência na nova corte de D. Sebastião “em cerimónia que lhes foi inteiramente dedicada com todos os pormenores das festanças do paço real de séculos atrás”.¹⁴⁹

Terminada a receção aos navegadores ficam as promessas régias de D. Sebastião que, segundo o escritor e jornalista madeirense Fernando Henrique de Aguiar (1951), estariam para ser cumpridas em breve e seriam “para libertar os seus povos do imundo liberalismo”.¹⁵⁰

Em termos histórico-geográficos, Arguim representa a maior e mais importante ilha de um arquipélago na costa africana do Sahara no Senegal. Interessa à história da Madeira pois pertenceu à jurisdição eclesiástica da diocese do Funchal. Esta ilha foi descoberta em 1443 por Nuno Tristão, navegador português, e por alguns anos serviu para transações comerciais com os indígenas do continente africano, sendo erguida uma fortaleza pouco tempo depois. As novas descobertas com o aparecimento de novas feitorias no Senegal fizeram Arguim perder importância. Desde então esta ilha esteve sucessivamente no domínio de ingleses, holandeses e franceses, achando-se hoje abandonada.

Do Funchal, depois da construção da Fortaleza e de estar assegurado o domínio de Portugal, iam sacerdotes prestar serviços religiosos ali. Quando Arguim deixou de pertencer aos portugueses, os bispos desta diocese deixaram de ter a sua jurisdição real que passou a ser meramente honorífica, só até bem recentemente os prelados do Funchal deixaram de intitular-se bispos de Arguim.¹⁵¹

Segundo Sarmiento (1946), Arguim deixou de pertencer a Portugal quando os holandeses em 1638 se apoderaram dela, bombardeando-a e reduzindo-a a ruínas. Depois de várias vicissitudes da Companhia Holandesa das Índias que administravam a ilha, o tratado de Versalhes a 3 de Setembro de 1783, reconheceu definitivamente os direitos de França sobre esta região.¹⁵²

¹⁴⁸ Porto da Cruz, Visconde do (1924), *Algumas lendas e alguns monumentos do Arquipélago da Madeira*, Tipografia do comércio, Lisboa

¹⁴⁹ Moutinho, José Viale (1978), *Lendas e Romances da ilha da Madeira*, Porto, Editora Nova crítica

¹⁵⁰ Aguiar, Fernando de (1951), *Cousas da Madeira*, Lisboa, Mar largo

¹⁵¹ Silva, Fernando da, e Carlos Meneses (1998), *Elucidário Madeirense*, Funchal (1ºVol.), Direção Regional dos Assuntos culturais

¹⁵² Sarmiento, Alberto Artur (1946), *Ensaio Histórico da minha terra*, Funchal (vol. II), Edição da junta geral autónoma do distrito do Funchal

Relativamente a outra lenda sebástica insular, intitulada a “A espada de D. Sebastião” existem dois lugares, nos registos das trovas regionais, onde supostamente estava enterrada a Espada de D. Sebastião.

O primeiro situa-se num desfiladeiro imponente situado numa vila chamada Porto da Cruz, pertencente ao concelho de Machico. Este desfiladeiro, ou “dorso gigantesco de um Titan de pedra e lava” como o Visconde do Porto da Cruz o descreve,¹⁵³ chama-se Penha d’ Águia.

Segundo o escritor, este desfiladeiro, “rasgando-se em grandes cavernas onde nunca entrou um ente humano e que ao romper do dia ou do anoitecer alembra grandes olhos negros e sombrios dos monstros das lendas que detiveram durante tantos tempos a audácia dos navegadores por toda a Europa”¹⁵⁴ assombrava a população madeirense e europeia que por lá passava e se amedrontava em credices e superstições variadas. É precisamente sobre o lado do mar que o desfiladeiro corta verticalmente, numa só linha muito bem definida, destacando-se uma elevação que “serviu de motivo à fantasia popular criar a lenda de que a espada de D. Sebastião ali estava enterrada...”. A população intimidada pelo tamanho e o lugar onde supostamente se encontra a espada, lamenta não conseguir arrancá-la, acrescentando o mito em redor desta zona inacessível. “E o bom povo lastima-se de não poder ir ao cabeço mágico e, tomando pelos copos a Espada encantada, arrancá-la da rocha, trazer com o Rei desejado o bem engrandecimento desta Pátria”.¹⁵⁵

O segundo registo situa-se no cabo do Garajau, escarpa rochosa junto ao mar no sítio do Caniço, pertencente ao concelho de Santa Cruz. De acordo, com a lenda quando o rei passara pela Ilha da Madeira para se refugiar no lugar lendário de Arguim depois da fatídica batalha, passou pelo cabo Garajau “em cuja rocha mais atrevida às águas cravou com força a sua enorme espada.” Aí permaneceu encantada a arma do monarca aguardando que ele um dia a recolhesse para a reconquista da terra portuguesa, ocupada pelos Filipes de Castela.¹⁵⁶

Por fim, existe ainda a Lenda sebástica de “São Sebastião” que ocorre após a demolição da Igreja do mártir São Sebastião, na cidade do Funchal. A demolição aconteceu para desafogar o lugar, sendo abertas artérias, fazendo aquele setor citadino tornar-se mais amplo. Segundo os registos, a Igreja foi erguida pelas ordens do jovem rei D. Sebastião que antes de partir para Alcácer Quibir ordenou por decreto em todas as povoações nobres erguer uma igreja ou capela invocando ao patrono do seu nome.

A lenda só começa porque a Igreja não voltou a ser reconstruída desde esse momento, no ano de 1803. Começa então a circular um inúmero conjunto de profecias sobre aquele novo espaço. Conta-se que havia principalmente um homem desconhecido “em boas e leais parecenças” que ali aparecia e profetizava “o alagamento da cidade do Funchal pelas águas do mar”, indicando que os homens “padeceriam caso não reedificassem depressa a casa sagrada no lugar onde sempre estivera”. Segundo o relato, os crentes dizem que este homem seria São Sebastião “com roupas do século em que apareceu” enquanto “outros mais encantados” aventam a hipótese de ser o menino-rei D. Sebastião “a protestar

¹⁵³ Porto da Cruz, Visconde do (1924), *Lendas do...*, p. 12

¹⁵⁴ Porto da Cruz, Visconde do (1924), *Lendas do...*, p. 12

¹⁵⁵ Porto da Cruz, Visconde do (1924), *Lendas do...*, p. 12

¹⁵⁶ Moutinho, José Viale (1978) *Lendas e Romances da ilha...*, pp. 29-33

contra a demolição do templo do santo do seu nome, de quem tanto devoto sempre se mostrara, enquanto reinante de Portugal.”¹⁵⁷

As trovas regionais de matriz sebástica profetizam, bem ao estilo dos vaticínios do Bandarra, o aparecimento de D. Sebastião, com as particularidades inerentes à insularidade do território.

A crença sebástica na população da ilha da Madeira é muito fecunda e as lendas regionais alimentam o imaginário popular de que o rei aparecerá para o libertar da adversidade presente e reavivar a glória do passado. Esta realidade vai se manifestar depois da proclamação da República e, segundo Luna de Carvalho, o interesse pelas profecias sebásticas datava de Maio de 1911, quando uma notícia incerta num periódico refere que eram “muito lidas as profecias do Bandarra e as de alguns ociosos frades, que pretendiam na sua época explorar a ignorância do povo. Apareciam também algumas da lavra dos bandarras modernos, caracterizadas pelas mais ridículas previsões.”¹⁵⁸

Não é certo que as trovas sebásticas antes da instauração da República circulassem pelo arquipélago Madeirense como no conjunto do país. Essa realidade, como sabemos, fora intensa no “retângulo português” nos três séculos anteriores, com Bandarra como o profeta de charneira na espera messiânico-sebástica da vinda do rei salvador. Todavia podemos afirmar que a relação mito/lenda e crença popular reavivaram, nesta época inicial conturbada da 1ª República, o espírito sebastianista na sua forma mais tradicional na ilha da Madeira. A “espera do rei” foi alimentada não só pelos “boateiros imaginosos” que animavam a esperança dos ingénuos, como também por elementos monárquicos como Paiva Couceiro, que surge neste período como a “figura de gestação para a ruína da República.”¹⁵⁹

As especulações monárquicas de restauração do antigo regime político assombravam o espírito público e “incendiavam a imaginação do povo”. O mito sebastianista e o interesse monárquico de restauração do regime deposto parecem ter muitos pontos em comum, motivo que leva um periódico madeirense a fazer uma analogia muito interessante. Segundo esta crónica, as especulações monárquicas relembram o caso do rei para explicar que esta situação não é nova: “O caso não é novo. Já especuladores do tempo de D. Sebastião, especularam com o desaparecimento misterioso deste e tão bem o fizeram que o sebastianismo quase veio até aos nossos dias. E enquanto houver papalvos há sempre matéria-prima para essas especulações” por outro lado, os especuladores, apesar de perturbarem a normalidade vão tentando sobreviver ao novo regime através da hipocrisia e oportunismo, e acabam por ir resistindo na sombra das fragilidades do novo regime “...”Papalvos e pescadores de águas turvas, porque estes também tremem diante os espantalhos, não por ingenuidade, mas por não quererem pôr o pé em falso... os boateiros sucessivos da incursão, se por um lado perturbam a normalidade de que precisávamos, por outro arredam dos partidos republicanos essa sucia de amarelos, que são tão prejudiciais como as pragas do Egipto.”¹⁶⁰

¹⁵⁷ Moutinho, José Viale (1978) *Lendas e Romances da ilha...*, pp. 35-37

¹⁵⁸ Carvalho, David Luna de (2011), *Os Levantes da República...*, p.307.

¹⁵⁹ Cf. O Radical, Funchal, 12/04/1911

¹⁶⁰ C.f O Radical, Funchal, 3/05/1912

O povo é atraído neste jogo de boatos e especulações que alastra com a proclamação da 1ª República e as profecias vão originar duas manifestações distintas do messianismo sebástico na região.

A primeira manifestação de crença sebástica localizou-se no povoado do Seixal, concelho do Porto Moniz. As notícias referem que o povo do Seixal, num dia de pouca visibilidade, identificou uma luz estranha no enevoado clima que se vivia. Esta luz foi interpretada pela população como um sinal “de umas profecias que dias antes tinham ali feito época, ficando sobressaltados, gritando que o Mundo se estava a acabar” e “fechando-se e aferrolhando-se medrosamente com cânticos e rezas a Deus para sua Salvação.”¹⁶¹

No entanto, sabe-se que o ocorrido deveu-se aos holofotes do barco “San Gabriel” devido ao excesso de nevoeiro que se fazia sentir nesta zona da ilha, e evitar o naufrágio da embarcação.¹⁶² Contudo o pânico que aquela luz representava evocando o aparecimento ancestral do Rei Desejado, inquieta a imaginação crente do povo, que receando um castigo apocalíptico do rei, faz preces para sua salvação.

O segundo fenómeno ocorre no já mencionado concelho de Machico no ano de 1914, numa época em que os ecos da 1ª Guerra Mundial alastravam em toda a ilha. Portanto, neste local peculiar, acreditava-se no célebre aparecimento de D. Sebastião, como também se acreditava que o rei iria por termo à guerra Mundial. A lenda da “espada de D. Sebastião” que já mencionamos anteriormente revive, pois acreditava-se por esta época que essa mesma espada escondida no solo Machiquense seria novamente utilizada para a glória que teimava em não acontecer: “Desde que o eco da guerra começou a repercutir-se através deste fundo vale, nenhum outro pensamento tem ocupado a mente desvairada pelo fanatismo desta gente”. Existe mesmo a crença que o Rei forçosamente irá aparecer para intervir na presente e horrorosa conflagração “pois só ele é capaz para pôr termo a tamanha crise que nos está ameaçando a nós e ao mundo inteiro”. Forma-se a convicção que no dia 30 de Agosto de 1914 “o rei erguer-se-á triunfante do seu longo e misterioso encantamento, e que de acordo com esse evento, nascerá um rio desde a antiga capela de S. José no sítio do Piquinho unindo-se ao mar para fazer da vila e toda a margem da ribeira que nela desemboca, um perfeito Oceano; convertendo-se a referida capela em baixa piscatória por excelência.”¹⁶³

Esta crença sebástica estabeleceu um verdadeiro pânico entre o povo nos dias anteriores ao aparecimento previsto do rei. O jornal informa que na celebração do Santíssimo Sacramento na vila de Machico de 1 de Setembro, muitos habitantes abandonaram a vila e a festividade religiosa, deslocando-se para zonas mais altas por causa de uma suposta inundação, abandonado as suas casas, aterrorizados com o cenário previsto para a zona baixa da cidade de Machico. “Acham-se também muitas pessoas de Machico no Santo da Serra, localidade muito pitoresca deste concelho. Muitas pessoas fugiram para o Santo da Serra por causa de uma inundação que se daria há dias.”¹⁶⁴

¹⁶¹ Cf. *Diário da Madeira*, 5-01-1912

¹⁶² Carvalho, David Luna de (2011), *Os Levantes da República...p. 306.*

¹⁶³ Cf. *A Voz da Madeira*, 9/1914

¹⁶⁴ Cf. *Diário de Notícias*, 3/09/1914

Como nos conta o relato o padre da freguesia repreendeu severamente aqueles que o interrogavam sobre o caso, chegando a perguntar-lhes com verdadeira indignação onde iam buscar tal crença.

A situação, porventura mais inusitada desta crença, é o facto de não só agitar a mente do povo, maioritariamente analfabeto e ignorante, como também invadir a mente de homens “letrados e racionais” que habitam neste concelho, alimentando o seu espírito com a plena convicção que D. Sebastião vai aparecer: “se há entre os próprios de gravatas e alguns até cursados em ciência que nela acreditam e falam dela com sincera convicção religiosa”. Esta singularidade de ilustrados e ignorantes partilharem da mesma convicção religiosa do regresso de um rei passados 336 anos, é *sui generis* na tradição do Sebastianismo em Portugal. A crença sebástica do concelho de Machico e, consequentemente da Ilha da Madeira é porventura uma das convicções da tradicional “espera do rei” mais plena e original com que o “pós-Alcácer Quibir” nos presenteou.¹⁶⁵

A persistência na crença messiânica de que o Rei D. Sebastião vai aparecer em pleno século XX, é reavivada pelos madeirenses que, transportados pelo conjunto de situações adversas como a proclamação da República e as suas leis laicizadoras, o surto da cólera ou a Guerra Mundial que origina graves crises económicas pela escassa circulação na zona portuária do Funchal, catapultam os seus medos para os presságios no desejado regresso. Por outro lado, uma sociedade devota e a crente com uma massa popular maioritariamente analfabeta e com fortes convicções sobrenaturais, apresenta alguns dos predicados que explicam a amplitude da crença sebástica na região.

¹⁶⁵ Cf. *A Voz da Madeira*, 9/1914

O carácter atlântico do messianismo português

Após a investigação feita na ilha da Madeira, é fundamental compreender o carácter global do messianismo português no Atlântico, não só na ilha, mas também no Brasil. De facto, logo no início da colonização as profecias do Bandarra foram transmitidas para a recente colónia portuguesa na América do Sul e o messianismo de componente sebastica durou tal como em Portugal, até ao final do século XIX e início do século XX com movimentos de matriz messiânica de grandes dimensões integrados que nascem no quadro das transformações sociais, políticas e económicas com o despontar da proclamação da República no Brasil. Destaque para os os movimentos messiânicos de Juazeiro (1889-1934), Contestado (1911-1912) e Canudos (1896-1897).

Segundo a especialista em movimentos messiânicos, Maria Isaura Pereira de Queiroz, “os primórdios da colonização brasileira coincidiram justamente com esta época perturbada do início da decadência do Império Português, e é lícito supor que desde os primeiros tempos, ao Brasil tivessem chegado indivíduos que conhecessem as trovas de Bandarra.”¹⁶⁶

Besselaar explica o encontro da sociedade brasileira e portuguesa na comunhão do sebastianismo e as suas marcas nos movimentos messiânicos do século XIX que ocorreram no Brasil. A decadência do império português no século XVI e XVII e uma situação social adversa, nutrem esperanças messiânicas no salvador em Portugal, tal como no ocorrerá no Brasil, no tempo da implantação da República: “O povo oprimido pode ser uma nação inteira, ou uma determinada classe da sociedade: existe não só um messianismo nacional, como também um messianismo social. Aquele foi, quase sem excepção, o caso do sebastianismo português, ao passo que este marcou os movimentos messiânicos que no século XIX ocorreram no Brasil.”¹⁶⁷

Destaque para o papel do Padre António Vieira no século XVII, já que ele circulou intensamente entre Portugal e o Brasil. Naquele tempo, como explica Artur Teodoro de Matos, a obra de António Vieira configura-se como “uma imagem e uma mensagem do espírito que mais perfeitamente representou e exprimiu o Barroco português na sua dimensão luso-brasileira”. Sendo aluno do Colégio dos jesuítas na Baía no Brasil, Vieira “seguiu naturalmente o programa de estudos determinado pela *Ratio studiorum*, em vigor nas escolas da Companhia de Jesus em toda a Europa, no Brasil e no Oriente em especial em Goa e no Japão”. Os ideais desta Companhia eram baseados no “Humanismo renascentista, embora adequado à formação dos padres destinados à milícia apostólica inaciana, de modo mais geral, à formação do homem cristão”.¹⁶⁸

Segundo, José Eduardo Franco, “Vieira acaba por tornar-se, num contexto luso-brasileiro, uma figura emblemática daquela marca distintiva dos membros da Companhia de Jesus”.¹⁶⁹ É neste contexto

¹⁶⁶ Queiroz, Maria Isaura Pereira (1977), *O Messianismo...*, pp. 217-218

¹⁶⁷ Besselaar (1987), *O Sebastianismo...*, p. 11

¹⁶⁸ Castro, Aníbal Pinto de e Matos, Artur Teodoro de (2008), *O Padre António Vieira e o Mundo de Língua Portuguesa*, EPAL-CEPCEP, Lisboa p.9

¹⁶⁹ José Eduardo Franco e Jacinto Jardim (2013), *Portugal...*p. 138

que o escritor Mário Garcia nos explica o perfil de Vieira citando André de Barros, primeiro historiador que escreveu e publicou em 1746 a vida do Padre António Vieira “Viu sem dúvida nele o Mundo um coração tão sublime, que manejando tantos negócios políticos, e de Estado, nada o pode divertir das atenções de Religioso: assim servia o Príncipe, e à pátria, que com diferente culto, dos que idolatram nas Majestades, queria só por prémio do valimento o viver pobre”¹⁷⁰.

Num destes sermões de Vieira, citado por Garcia compreendemos a matriz messiânica e evangélica do Padre e da sua missão junto dos nativos “O mundo estava cheio de pecados, e por isso veio cheio de graça: o mundo estava cheio de erros, e ignorâncias, e por isso veio cheio de verdade: cheio de graça, para comunicar a graça de Deus aos que estavam fora de graça: e cheio de verdade, para ensinar as verdades da Fé aos que estavam ignorantes dela. Isto é o que fez o Verbo vindo ao mundo, e isto é o que fazem quando vão às gentilidades os Missionários da Companhia: levam a graça aos que estão na miséria do pecado; e levam a verdade aos que estão nas trévoas da ignorância”¹⁷¹

Até ao século XVII, neste tempo do padre António Vieira, a identidade entre o Brasil e Portugal é semelhante na crença na figura messiânica que vai tirar Portugal da decadência e projetá-lo entre as nações do Mundo, “que as polémicas de lá e daqui em torno da lendária personagem são idênticas”, todavia no início do século XIX, segundo Queiroz, já não fazia sentido para os brasileiros “a recondução de Portugal à liderança entre as nações; o que importava era o enriquecimento individual e a ascensão social, anseio supremo dos que vinham “fazer América”. A figura de D. Sebastião é, pois, a de um monarca de magnificência oriental, a distribuir bens às mancheias.”¹⁷²

Com o despontar das Invasões Francesas em Portugal, desenvolveu-se a imagem de um enviado que seria “um grande Príncipe, destinado a arrancar Portugal das garras do opressor e, ainda mais, a transformá-lo em cabeça das nações, concentrando o herói todos os caracteres do Rei dos últimos dias”. No Brasil, como verificamos, principalmente no movimento liderado por António Conselheiro “o rei distribuirá entre os seus adeptos imensas riquezas e cargos honoríficos, instalando num mundo um paraíso terrestre.”¹⁷³

É neste contexto que em seguida explicaremos estes movimentos messiânicos no Brasil, arraigados a um passado histórico e à ligação umbilical que Brasil e Portugal sustentaram durante vários séculos.

O messianismo brasileiro brota das influências do passado colonial português, mas também se deve ter em conta que a religião, com múltiplas facetas, representa segundo Queiroz, uma constante da vida quotidiana da sociedade brasileira: “constatámos a existência de fenómenos religiosos de toda a espécie, tanto dentro da religião oficial - o catolicismo - quanto fora dele”. A autora considera que no Brasil, por

¹⁷⁰ Garcia, Mário S.J., “A matriz inaciana do Padre António Vieira, em duas exortações e um sermão aos jesuítas”, (coord.) Castro, Aníbal Pinto de e Matos, Artur Teodoro de (2008), *O Padre António Vieira e o Mundo de Língua Portuguesa*, EPAL-CEPCEP, Lisboa p. 131

¹⁷¹ Garcia, Mário S.J., “A matriz...” p.138

¹⁷² Queiroz, Maria Isaura Pereira (1977), *O messianismo...*, pp. 219-220

¹⁷³ Queiroz, Maria Isaura Pereira (1977), *O messianismo...*, p. 219

ser uma nação com várias etnias, a religião sofreu influência de costumes muito diversos, que se manifestaram em cerimónias ou ritos muito diversos, ou deram um influxo especial à sua evolução.¹⁷⁴

Os movimentos messiânicos brasileiros começaram a ser estudados, segundo Jaquiline Hermann, na década de 1960. Em 1963, vem a público a primeira edição da obra clássica *O Messianismo no Brasil e no Mundo*. Segundo Hermann, esta obra é “esforço notável de sistematização de um amplo quadro comparativo das mais diversas formas de manifestação messiânica, divididos entre *Movimentos messiânicos primitivos*, *Movimentos messiânicos na civilização ocidental* e no caso do Brasil, *Movimentos messiânicos primitivos* e *Movimentos messiânicos rústicos*.”¹⁷⁵

Queiroz, para explicar o que significa “cultura rústica” Brasileira menciona Georges Gurvitch. Segundo o autor, cultura rústica é o “universo das culturas tradicionais do homem do campo”, as quais “resultaram do ajustamento do colonizador português ao novo mundo seja por transferência e modificação dos traços da cultura original, seja em virtude do contacto com o aborígine”.¹⁷⁶

Um dos movimentos messiânicos que vamos apresentar tem como protagonista, segundo Hermann e Queiroz, o messias brasileiro mais conhecido e estudado: *António Conselheiro*. Este, manifesta-se imbricado ao passado histórico com ligações portuguesas.

Sendo de cariz messiânico e religioso o movimento que ocorreu em *Canudos*, surge num cenário político instável e potencialmente explosivo. O país era liderado pelo primeiro governo civil empossado por Prudente Moraes, depois da proclamação da República em 1889. O momento político era delicado e o governo foi cenário da disputa entre militares e civis na liderança, o embate entre diferentes projetos políticos e institucionais manifestou-se de forma veemente. É neste cenário que as autoridades republicanas receberam a trágica notícia da morte do coronel Moreira César, eminente figura do Exército Brasileiro que liderava a terceira expedição enviada para Canudos em 1897.¹⁷⁷

Até aqui o “Império de Belo Monte”, como se apelidou a comunidade do Nordeste da Bahia intitulada “Canudos”, fazia fé nas palavras do messias António Conselheiro, que para além de pregar e rezar, construía capelas, reparava muros de cemitério e queimava em autos-de-fé tudo que lhe parecia não condizer com o melhor sentir religioso. A princípio andava sozinho, todavia, algum tempo depois estava rodeado de fiéis que acompanhavam os seus passos. À medida que a fama se espalhava, o profeta messiânico adquiria traços de agressividade que, com a proclamação da República se avolumaram. Abertamente encarando-a como o prenúncio do fim do mundo, a República era prenúncio do anunciado Juízo final onde se iria instalar a Nova Jerusalém, furtando-se ao governo do Anticristo.¹⁷⁸

¹⁷⁴ Queiroz, Maria Isaura Pereira (1977), *O Messianismo...*, p. 161

¹⁷⁵ Hermann, Jacqueline, “Religião e política no alvorecer da República: os movimentos de Juazeiro, Canudos e Contestado”, por Ferreira, Jorge e Delgado, Lucília de Almeida Neves (coords.) (2006), “O Brasil Republicano, Rio de Janeiro”, 2ª ed. Civilização Brasileira

¹⁷⁶ Gurvitch, George (1958), “*Traité de Sociologie*”, 2 volumes, Presses Universitaires de France, Paris, citado por Queiroz, Maria Isaura Pereira (1977), *O Messianismo...*, p. 162

¹⁷⁷ Hermann, Jaquiline (2006), “Religião e política...”, pp. 139-140

¹⁷⁸ Queiroz, Maria Isaura Pereira (1977), *O Messianismo...*, p. 226

Este presságio do fim do mundo adensa com as esperanças messiânicas na figura de D. Sebastião “que introduziria ao mundo o paraíso terrestre, adquirindo Canudos foros de antecâmara do Éden, nova terra de Canaã.”¹⁷⁹

A obra *Os Sertões* de Euclides da Cunha, que Hermann descreve como “o livro definitivo no processo de formação do pensamento sociológico brasileiro”, é um ex-libris do tema graças às reportagens feitas pelo autor no terreno. Neste clássico mostra-se que em Canudos a crença sebastiana fazia-se eco do sebastianismo através de versos muitos particulares como: “D. Sebastião já chegou / E traz muito regimento / Acabando com o civil / E fazendo o casamento / O anticristo nasceu / Para o Brasil governar / Mas aí está o Conselheiro / Para dele nos livrar / Visita nos vem fazer / Nosso rei D. Sebastião / Coitado daquele pobre / Que estiver na lei do cão”.¹⁸⁰

Por outro lado, Cunha registou um trecho do Sermão do messias Conselheiro que dizia “Em verdade vos digo, quando as nações brigam com as nações, Brasil com Brasil, Inglaterra com Inglaterra, a Prússia com a Prússia, das ondas do mar D. Sebastião sairá com todo o seu exército”.¹⁸¹

Com o despontar da guerra com o exército republicano a resistência conselheirista só cedeu ao fim de quatro expedições enviadas para Canudos. A resistência heroica dos fiéis e do messias transformou este cenário num “laboratório vivo” para Euclides da Cunha que refletia sobre as inquietações, sobre a formação da nação brasileira e sobre os entraves que impediam a concretização dos pressupostos positivistas que uniam a divisa “Ordem e Progresso”.

A comunidade formada em torno do messias Antônio Conselheiro, encontrava base na solidariedade desenvolvida a partir da crença em seus poderes messiânicos. Este movimento tornou-se memorável na formação da sociedade brasileira, essencialmente porque um conjunto de sertanejos do nordeste brasileiro seguia um líder que apontava veementes irregularidades na classe que detinha o poder. A lealdade do grupo fê-los oporem-se ao poder do exército e acreditar que a morte era uma transição para o paraíso. O ataque a Canudos por parte do governo como também, “o contexto político que transformou famintos sertanejos em inimigos nacionais, processo que legitimou a construção de uma identidade, de um lado, e a necessidade da exclusão física do opositor, do outro”¹⁸², - imortalizou e vulgarizou boa parte das discussões que permeavam os principais centros da intelectualidade brasileira na passagem do século XIX para o XX.

Outros movimentos messiânicos como o de Juazeiro e o do Contestado continuam a despertar o interesse e a desafiar os pesquisadores, embora tenham sido durante muito tempo, apontados como “rebeldias fanáticas e irracionais”. Todavia, como Hermann nos deixa claro, é necessário “compreender e comparar essas e tantas outras manifestações similares que o Brasil já abrigou, é preciso percebê-las

¹⁷⁹ Queiroz, Maria Isaura Pereira (1977), *O Messianismo...*, p. 227

¹⁸⁰ Cunha, Euclides (2000), *Os Sertões*, Edição «Livros do Brasil», Lisboa

¹⁸¹ Queiroz, Maria Isaura Pereira (1977), *O Messianismo...*, p. 227

¹⁸² Hermann, Jacqueline (1996), “Canudos destruído em Nome da República”, *Tempo*, Vol.2, nº.3, Rio de Janeiro, pp. 81-105

como respostas locais e particulares a um conjunto amplo de transformações impostas pela natureza do regime brasileiro.”¹⁸³

Em suma é importante salientar estes movimentos messiânicos brasileiros no contexto do caráter atlântico do messianismo português. A índole sociológica acentuada destes movimentos no roteiro atlântico com raízes históricas portuguesas, essencialmente através da circulação de pessoas, mas também de tradições e costumes, proporciona uma certeza, a da existência não só na ilha da Madeira, mas também no Brasil, de um fenómeno sociológico de aculturação desta crença que alastra pelo além-mar português.

¹⁸³ Hermann, Jaquiline (2006), “Religião e política...”, p.156

TERCEIRA PARTE - VIDA E OBRA DE DOIS LITERATOS MADEIRENSES MESSIÂNICOS E UTÓPICOS

No capítulo anterior analisamos como as atitudes e movimentos de matriz messiânica e sebástica ocorridos na ilha da Madeira, singularizaram a crença popular deste espaço no território português. Os movimentos messiânicos e sebásticos tardios que ocorreram na região, no início do século XX, reavivaram a tradição nacional de carácter sebastianista, com a população madeirense a reavivar presságios messiânicos na secular “espera do rei D. Sebastião”. Esta realidade já se havia extinguido no tempo das invasões francesas e o mais tardar com a Revolução Liberal em Portugal, altura em que o sebastianismo passou a ser abordado sobretudo como tópico literário e histórico.

Nesta parte do trabalho o objetivo passa por compreender a convivência popular da crença messiânica e sebástica com o pensamento de dois escritores da elite literária madeirense que cultivaram esta temática nos seus escritos analisando como a vertente erudita se correlacionou com as vivências messiânicas populares e com todo o ambiente crente e “mágico” da ilha neste período.

O pensamento e obra destes dois escritores madeirenses, Abel Tiago de Sousa e Vasconcelos (1865-1937) e Vasco da Gama Rodrigues (1909-1991) representam a vertente culta da tradição nacional messiânica de cariz Sebastianista, Joaquimita e Quinto-Imperialista.

O nosso estudo sobre a Ilha da Madeira é, neste aspeto, *suis generis* pois teve o objectivo de alcançar uma dimensão erudita e uma dimensão popular considerando que elas atuaram temporal e espacialmente quase em sintonia em particular num dos casos que examinaremos. Esta é uma singularidade no nosso estudo que pretende cruzar uma tradição nacional que renasce na sua dimensão popular através da espera messiânica de um “Salvador”, com o seu cultivo literário. Consideramos importante recordar que é regra dos letrados e mesmo dos simples alfabetizados da ilha ou estarem deslocados em território continental (como é o caso dos escritores em estudo) ou corresponderem a um número diminuto de uma população, maioritariamente analfabeta.

Abel Tiago de Sousa e Vasconcelos (1865-1937)

Abel Tiago de Sousa e Vasconcelos nasce a 26 de junho de 1865, sendo natural do concelho de Machico na ilha da Madeira. É registado através da cerimónia do batismo quase dois meses depois a 20 de agosto na Igreja Colegiada de Nossa Senhora da Conceição deste mesmo concelho. O seu pai é João de Sousa Júnior que exercia a profissão de taberneiro, e sua mãe Maria da Conceição, também naturais de Machico, residentes no sítio da Banda d'Além. No seu registo de batismo estão identificados como padrinhos Manuel Correia de Aguiar e Maria Cândida Fernandes moradores na Rua da Queimada de Baixo freguesia da Sé no Funchal. O seu falecimento ocorre a 28 de Agosto de 1937 em Lisboa.¹⁸⁴

Nos 72 anos que balizam o nascimento e morte de Abel Tiago existem variações no seu percurso académico e profissional, bem como particularidades de pensamento que singularizam o trajeto deste ilustre madeirense.

Frequenta o Seminário Diocesano antes de ingressar no Liceu Nacional Central do Funchal (atual Escola Secundária Jaime Moniz) para concluir os estudos secundários. Inicia a carreira universitária matriculando-se na Escola Médico-cirúrgica do Funchal pelo ano de 1891. Realiza vários exames prescritos nesta escola entre os anos de 1891 e 1894, sendo aprovado em todos eles. Em 1894 viajou para França onde estagiou em Paris nos hospitais daquela cidade, especializando-se em obstetrícia.¹⁸⁵ Regressa à ilha da Madeira, e no ano de 1899 é aprovada pela comissão da Escola Médico-cirúrgica do Funchal a habilitação para exercer Medicina e cirurgia.¹⁸⁶

A nível profissional exerceu durante largos anos a profissão na qual se tinha habilitado, dispondo de um consultório no Funchal que era muito procurado, mantendo muitos pacientes¹⁸⁷. No Funchal, como médico, era conhecido pela isenção do seu carácter austero e afabilidade com os mais carenciados que encontravam nele carinho e solicitude.¹⁸⁸

Em 1910 com o despontar da epidemia da cólera na Madeira, a cidade do Funchal sob a administração de Gregório Pestana Júnior, decidiu reunir os médicos locais a fim de tomarem as medidas de saneamento necessárias para debelar as doenças infecciosas que se propagavam na cidade. Abel Tiago foi um dos médicos destacados correspondendo-lhe a “Zona 7” ou seja entre a Ribeira João Gomes e a de Santa Luzia, tendo por limite norte a rua do Carmo e Phelps.¹⁸⁹ Como médico, e nas circunstâncias difíceis que enfrentou, não só pela dimensão caótica que a epidemia provocou em toda a Ilha da Madeira, como também pelo facto de, como já explicamos na segunda parte deste trabalho, a população ser maioritariamente analfabeta e definitivamente crente, “supersticiosa” (aos olhos das elites) e muitas vezes insurreta face às medidas sanitárias ministradas, Abel Tiago contribui decisiva e

¹⁸⁴ ARM, Emissão de certidões, Liv. 2797, fls.52.

¹⁸⁵ ARM, Registo de Passaportes, cx. 105, proc.183

¹⁸⁶ ARM, Escola Médico-cirúrgica do Funchal, v. 46

¹⁸⁷ Clode, Luiz Peter (1987), *Registo Bio-Bibliográfico de Madeirenses - Séculos XIX e XX*, Funchal

¹⁸⁸ Cf. *Jornal da Madeira*, 29/08/1937

¹⁸⁹ Cf. *Heraldo da Madeira*, 19/11/1910

diretamente no terreno através do auxílio médico num momento delicado para a “sua” comunidade madeirense.

Para além das suas consultas, exercia funções como professor de Inglês no liceu do Funchal e este gosto pelo ensino acabou por levá-lo a ingressar no concurso para a carreira de docente do ensino técnico, tendo sido professor na Escola Industrial e Comercial do Funchal, onde lecionava a disciplina de Inglês. No ano de 1913, contava 48 anos, apresenta-se na administração do governo civil do Funchal com o propósito de requerer o passaporte para se deslocar para Portugal Continental, mais propriamente para a Covilhã.¹⁹⁰ Desde este momento Abel Tiago abraçou as letras e deslocou-se para Lisboa onde foi professor efetivo das escolas técnicas Francisco Benevides e António Arroio lecionando as disciplinas de Português, Francês, Inglês, História e Geografia. É também em Lisboa que promove a sua obra literária que corresponde a três publicações: *Os Sinais dos Tempos* (1924), *Confronto dos sinais dos tempos* (1927), e *A vida e os números* (1935).

A sua vida pessoal é preenchida em 1894 quando casa na paróquia de Santa Luzia com Maria Carlota de Oliveira, residente na freguesia de São Pedro do Funchal.¹⁹¹ Abel Tiago e a esposa não tiveram filhos e acabam por falecer no mesmo ano de 1937, ela com 64 anos, ele com 72 anos.¹⁹²

Descrito pelo *Diário da Madeira* como um “marido exemplar”, e também entre colegas e alunos como alguém com um “espírito fino e culto, muito dedicado ao estudo, sendo um cidadão de incorruptível linha de conduta”.¹⁹³

Tinha uma relação muito próxima com o seu sobrinho e amigo Abel Martinho de Sousa Alves, farmacêutico, cirurgião dentista e político, muito influente na sociedade madeirense, que o recebia na sua residência sempre que Abel Tiago regressava à ilha da Madeira.¹⁹⁴

No terceiro volume da coletânea intitulada “Notas e Comentários para a História Literária da Madeira” escrito por Alfredo de Freitas Branco (Visconde do Porto da Cruz), onde se evidencia o contributo literário de vários autores para a história literária do Arquipélago da Madeira, o mesmo descreve Abel Tiago como alguém dotado de uma “magnífica cultura e inteligência brilhante” com as suas obras a serem elogiadas e comentadas “pelas principais individualidades em destaque nos meios intelectuais do País e no estrangeiro”. Conclui classificando o escritor como “fundamentalmente católico e monárquico, mas também um prosador e um filósofo profundo”.¹⁹⁵

¹⁹⁰ ARM, Registo de Passaportes, cx. 182, proc.177.

¹⁹¹ ARM, Registos de Casamentos, liv.6488 A, fls.7.

¹⁹² ARM, Registos de Batismo, liv. 1377, fls, 4 vº4.

¹⁹³ Cf. *Diário da Madeira*, 29-08-1937

¹⁹⁴ Clode, Luiz Peter (1987), *Registo Bio-Bibliográfico de Madeirenses - Séculos XIX e XX*, Funchal

¹⁹⁵ Porto da Cruz, Visconde do (1953), *Notas e Comentários para a História Literária da Madeira, Período (1910-1952)*, Volume III, Edição da Câmara Municipal do Funchal, Funchal

Obra Literária: Messianismo e Utopia

A obra literária de Abel Tiago molda-se pela interpretação messiânica e utópica das profecias bíblicas, considerando estes registos presságios finimundistas e apocalípticos para a época. O escritor envolve o leitor num curioso jogo interpretativo, entre a época vivida pelo mesmo, ou seja, os anos seguintes à primeira Guerra Mundial (1914-1918), e os vaticínios previstos pelos profetas que construíram o Evangelho. Segundo o escritor estes anos imediatos à Grande Guerra, assinalam e coincidem com as previsões preditas pelas letras bíblicas.

A utopia na obra de Vasconcelos define-se como Quinto-Imperialista, pois defendia que o povo português juntamente com o povo judeu foram os dois povos eleitos pelo céu para as grandes realizações à escala da história da humanidade, reunindo as nações em torno de uma fé única. A Portugal estava destinada a missão de fazer a apoteose da história, fundando o Quinto Império da humanidade.

O Messianismo na obra do escritor é explícito na figura de Jesus Cristo que representa o grande “Messias” e a sua doutrina constitui “a única terapêutica” para a restauração social. A previsão através das práticas do grande “Messias” com os apóstolos, é analisada por Vasconcelos como o grande “juízo final” que irá definir o destino do mundo.

Com o pseudónimo de “Lusitanus”, que usou na sua produção literária, enquadra as suas reflexões sobre as profecias e tratados escatológicos na linha de autores como António Vieira, Sebastião da Paiva ou Fernando Pessoa, seu contemporâneo. Os seus estudos, como explica o especialista em História da Cultura José Eduardo Franco, atualizaram a tradição messiânica nacional de fundo Sebastianista, Quinto-Imperialista e Joaquitita.

Nas páginas seguintes apresentaremos as principais linhas de pensamento da misteriosa e inexplorada obra deste “ignoto” pensador da cultura portuguesa.

«Sinais dos Tempos» (1924) - Fim das Nações, o Império Universal e o Fim do mundo

“Lusitanus”, nesta obra, analisa as ocorrências que considera anormais no seio da humanidade na época por si vivida, enquadrada no pós-1ª Guerra Mundial. A época para o autor é “*mórbida e inquietadora*”, e ele faz prognósticos sobre o tempo que está para vir interpretando as crises mundiais profetizadas por Jesus Cristo e trazidas aos homens pelos Evangelhos de São Marcos, S. Mateus, e S. Lucas. Prevê para um tempo próximo futuras tempestades que define como “*demolidoras dos alicerces sociais*”¹⁹⁶. O autor é perentório em afirmar que a 1ª Guerra Mundial ameaça os horizontes sociais e a própria humanidade, “Logo após o início da guerra passada, relanceamos os horizontes sociais, e lá topámos o gigantesco arcanjo do abismo, com um pé fincado no oriente, e outro no ocidente, subvertendo a sociedade e ameaçando a humanidade com as suas asas letais”¹⁹⁷. Os acontecimentos subsequentes castigariam a

¹⁹⁶ Lusitanus (1924), *Sinais dos Tempos*, Imprensa Lucas & C.ª, Lisboa

¹⁹⁷ Lusitanus (1924), *Sinais dos...* p. 12

humanidade: “Engolfados nos fenómenos alarmantes, desencadeados no seio social, acudiu-nos a ideia de que o *digitus Dei* feria a humanidade”.¹⁹⁸

Esta ideia do autor, segundo a sua exegese das letras sagradas em que os acontecimentos posteriores à 1ª Guerra Mundial, são perspetivados pela Bíblia como terríveis para os tempos futuros, correspondem à principal vontade do mesmo em realizar esta obra nos anos subsequentes à guerra, culminando com a sua publicação em 1924: “Acudiu-nos também a ideia de que todos esses fenómenos e epifenómenos consecutivos deviam estar preditos nas letras sagradas - o que nos levou a fazer o estudo deste humilde trabalho, pouco depois dos desencadeamentos dessa Guerra, única nos anais da história da humanidade.”¹⁹⁹ A assimilação da 1ª Guerra ao anúncio do fim do mundo, prossegue nas palavras do autor, “Irrrompendo a conflagração universal, derramou-se um oceano de sangue; acumulou-se himalaias de ruínas; houve um compasso de espera entre algumas nações; conseguimos, quando muito a guerra na paz. Esta não reina, entre os homens, e sem ela não pode subsistir a sociedade.”²⁰⁰ Nesta ordem de ideias, o autor não tem a menor dúvida em apontar Deus como o verdadeiro regenerador do estado de calamidade presente. “Não nos resta a mínima duvida de que esse pandemónio infernal, essa Babel, observada, nas sociedades, é obra exclusiva do anjo do abismo, que paira sobre as nações, assumindo mais ampla liberdade, por consentimento de Deus, para, puni-las e regenerá-las.”²⁰¹

O próprio título da obra *Sinais dos Tempos* encarna na hermenêutica do autor à Bíblia, pois analisa a prática de Cristo com os apóstolos Pedro, João, Tiago e André, no Monte das Oliveiras. O escritor vai dando conta através da sua análise dos sinais evangélicos, das atribuições da humanidade, do sentido figurado das parábolas, das provas do Apocalipse, vaticinando os tempos difíceis que estavam para vir.²⁰²

As “abominações da desolação” são um indicativo desses sinais do tempo, remetendo para práticas destrutivas de Jerusalém como são a idolatria ou as gentes muçulmanas que proliferavam neste local, considerados ímpios e profanos.²⁰³

As “tribulações como nunca houve nem haverá” correspondem ao “começo das dores” que se iniciarão muitos anos antes do apocalíptico juízo final. Na sua prática Cristo vaticinava “os tempos das nações” que modificarão a situação atual, através de uma grande batalha “cujo número de combatentes é como a areia do mar”, em que só governará um Imperador que terá o domínio universal.²⁰⁴

Com o fim das “tribulações” é previsto reinar um Quinto Império ou reino de Deus, sendo os seus fundadores, segundo o autor, o povo português e o judeu estando o cargo de Imperador Universal destinado a um português. São dois povos considerados pela hermenêutica de Abel Tiago como

¹⁹⁸ Lusitanus (1924), *Sinais dos...* p. 12

¹⁹⁹ Lusitanus (1924), *Sinais dos...* p. 12

²⁰⁰ Lusitanus (1924), *Sinais dos...* p. 12

²⁰¹ Lusitanus (1924), *Sinais dos...* p. 13

²⁰² Porto da Cruz, Visconde do (1953), *Notas e...* pp. 44-45

²⁰³ Lusitanus (1924), *Sinais dos...* p. 16

²⁰⁴ Lusitanus (1924), *Sinais dos...* p. 18

“prediletos do céu”, justificando como principal motivo a “proteção divina” nos cenários mais adversos e nas causas maiores destes povos, salvaguardando os heróis nacionais e as suas façanhas.²⁰⁵

O Grande “Messias” Jesus Cristo

Sinais evangélicos

Segundo o escritor “as grandes tribulações” preditas por Cristo estão divinamente simbolizadas e destrinchadas, nos sete cálices e nas sete trombetas do Apocalipse no Evangelho segundo João, pretendendo prevenir a humanidade vindoura através destes sinais evangélicos.

Os sinais evangélicos correspondem a várias passagens nos Evangelhos que coincidem com palavras de Cristo que, segundo Abel Tiago, assinalam alterações que estão próximo de acontecer, servindo de alerta para modificar a indisciplina e desorganização social vigente.

O primeiro sinal intitulado “*Espiritismo/Teosofismo*” refere-se aos falsos profetas e cristãos que após as horrorosas catástrofes convenceram a humanidade que Cristo já está no Mundo ou fizeram-se passar por Cristo e arrastaram muitas almas na falsa doutrina. “Acautelei-vos para que ninguém vos seduza, porque muitos virão em meu nome, dizendo: Eu sou o Cristo e enganarão a muitos” (São Marcos cap. XIII --6º). O espírito atual, segundo o escritor, é um espírito de erro e doutrinas do demónio e apostasias por ele provocadas, o aparecimento de “falsos profetas que hão de seduzir a muitos” são apanágio destas tribulações.²⁰⁶

O segundo sinal está ligado com as guerras entre as nações tendo por desfecho a grande guerra de Armageddon. Não são sinais da vinda de Jesus Cristo, são “o começo das dores” ou “das tribulações como nunca houve nem haverá”. “Quando ouvirdes falar de guerras e opiniões de guerras, não vos assusteis, porque levantar-se-á nação contra nação, reino contra reino, gente contra gente, havendo por esse tempo, guerras, fomes, pestes, e terremotos por diversos lugares”.²⁰⁷

O terceiro sinal é transcrito com a seguinte passagem do Evangelho “a abundância das iniquidades e resfriamento da caridade”, ou seja, segundo Vasconcelos, vive-se uma vida material: a fé e a caridade, “chamas que alimentam a vida da alma”, extinguíram-se, procurando-se agora, de modo insólito, o egoísmo descontrolado. Fomes, pestes e terremotos são tudo fatores que ocasionaram carências de toda a ordem, e a guerra passada foi uma consequência arrebatadora dos fatores enunciados que englobou todos estes acontecimentos em “tribulações como nunca houve”.²⁰⁸

O quarto sinal é a pregação do Evangelho por todo o Mundo, já que Cristo disse que a consumação ou a sua chegada só ocorreria depois do Evangelho estar pregado em toda a parte. Para haver a conversão

²⁰⁵ Lusitanus (1924), *Sinais dos...* p. 189

²⁰⁶ Lusitanus (1924), *Sinais dos...* pp. 20-28

²⁰⁷ Lusitanus (1924), *Sinais dos...* pp. 28-39

²⁰⁸ Lusitanus (1924), *Sinais dos...* pp. 39-52

geral de toda a humanidade, é necessário que haja só um rebanho um só pastor, sem dissonância de opiniões religiosas e que todos aceitem a legítima interpretação dos Evangelhos para haver paz geral na Igreja e em todo o Mundo profano.²⁰⁹

O quinto sinal é intitulado a “abominação da desolação” e indica as profanações e sacrilégios praticados nos templos de Jerusalém. No Evangelho de São Mateus diz Cristo que a abominação será feita num lugar santo e que não se salvaria pessoa alguma se não se abreviassem esses dias atribulados.²¹⁰

Em suma, o autor considera o estado revoltado das sociedades suas contemporâneas com indisciplina e desorganização social como as causas das calamidades previstas pelos sinais evangélicos anteriormente mencionados como as guerras, pestes, fomes, terremotos, diminuição da caridade, a abundância de iniquidades, o aparecimento de falsos cristãos e profetas. É também de destacar o facto de, segundo o autor, já ter sido iniciada a “abominação da desolação” com “o início do sionismo trazendo de volta os judeus para a Palestina”. As marcas do sionismo representam, segundo o autor, um sinal divino de aproximar desses tempos, visto que os Judeus ao ocuparem novamente a Palestina, tudo estará consumado para as preditas “tribulações” a que se seguirá uma regeneração evangélica da humanidade que será auxiliada por este povo eleito. Enfim, estes sinais são profundamente analisados pelo autor, indicando o início das “grandes tribulações” ou “começo das dores” previstos nos registos bíblicos.

Londres a “Babilónia do Apocalipse”

A cidade de Londres e o império britânico materializam os sinais evangélicos que destacam a indisciplina e “abundância de iniquidades”. Com o qualificativo de “grande” (é assim que Babilónia está explicita nos registos bíblicos), Londres personifica esta cidade na época vivida pelo autor, destacando-se em relação às várias cidades, pela sua área, riqueza, domínio.²¹¹

“Lusitanus”, através dos registos do livro Apocalipse situa Londres como a grande Babilónia e o império britânico e o seu rei como a verdadeira besta do Apocalipse. As analogias com os registos bíblicos, na conceção do escritor, confirmam os comportamentos insanos e profanos que aqui se praticam. São várias passagens do Livro do Apocalipse que o mesmo traz a lume para fundamentar que a Babilónia do Apocalipse é Londres:

No capítulo XIII, vers. I e II do Livro do Apocalipse «É uma besta figurada num Leopardo e que tem 7 cabeças e 10 cornos», o autor considera as 7 colónias ou domínios com chefes e associa aos 7 protetorados de Inglaterra, ou seja (Austrália, Canadá, Índia, Egito, Nova Zelândia, África do Sul,

²⁰⁹ Lusitanus (1924), *Sinais dos...* pp. 52-61

²¹⁰ Lusitanos (1924), *Sinais dos...* pp. 61-69

²¹¹ João, Evangelho segundo, *Bíblia*, citado por Lusitanus (1924), *Sinais dos...* p. 142

Indostão). Os 10 cornos são os 10 reis que deram à besta a sua força e o seu poder (Portugal, Itália, França, Bélgica, Rússia, América, Sérvia, Grécia, Roménia, Montenegro).²¹²

Destaca o nome do rei da Inglaterra, Georgeus Albertus Frederick Ernestus, na numeração romana correspondendo ao número «666» que no Apocalipse corresponde ao número da besta.²¹³

No capítulo XVII, vers I «É a grande prostituta que está montada entre as nações», “Lusitanus” questiona se não será a Inglaterra que se apoia e domina entre as outras nações, já no capítulo XVII, vers. V «A grande Babilónia é a mãe das fornicções e abominações da terra», o escritor explica que as colónias de Inglaterra foram na maior parte extorquidas e que esta exerceu as mais hediondas abominações e crueldades nos cristãos, no tempo da implementação do Luteranismo e Calvinismo.²¹⁴

No capítulo XVIII, vers. II «Todas as nações beberam do vinho da sua prostituição e os reis da terra se prostituíram com ela, e os mercadores da terra se fizeram ricos com o excesso do seu luxo», o autor indica uma nação ou cidade que arrastou muitas nações à prática de iniquidades, influenciados pelo grande império comercial que enriqueceu muitos negociantes estrangeiros com os negócios feitos com ela, predicado que encaixa bem na cidade de Londres.²¹⁵

No vers. IX deste capítulo «Chorarão e baterão no peito por causa dela (Babilónia) os reis da terra que se prostituíram com ela: e viveram com ela delícias quando virem o fumo do seu incêndio», o autor explica que, quando acontece o incêndio da Babilónia, o mesmo é provocado pela praga de gafanhotos; andando a Inglaterra, com outras nações que lhe prestam o seu apoio e praticam com ela iniquidades, numa paz amistosa de aliança, contudo com o incêndio choram e arrependem-se de ter acompanhado Babilónia na prática de morticínios e crueldades.²¹⁶

Em suma, o autor deduz três desgraças vaticinadas pelo Apocalipse, que vão incidir sobre Londres. Primeiro, uma praga de gafanhotos (aeroplanos) que pairará sobre o trono da Besta, só para atormentar os homens infiéis, e em seguida, dois terremotos de dimensões diferentes, o primeiro destruirá muitas pontes e edifícios e eliminará 7000 pessoas, o segundo de proporções gigantescas dividindo o território britânico em três partes não sendo mais habitado. Estas três grandes catástrofes na Babilónia fazem parte das “tribulações como nunca houve nem haverá”, sendo que Londres, perfila-se, segundo “Lusitanus” como a Babilónia do Apocalipse, para onde está destinado este desfecho apocalíptico que os sinais evangélicos registam.²¹⁷

Utopia Quinto-Imperialista Judaico/Portuguesa de “Lusitanus”

Nos registos bíblicos do Evangelho, a exegese do autor explana que, com a realização das “tribulações” vaticinadas por Cristo, o Quinto Império ou Reino de Deus, surge como uma continuação

²¹² João, Evangelho segundo, *Bíblia*, citado por Lusitanus (1924), *Sinais dos...* pp. 132-133

²¹³ João, Evangelho segundo, *Bíblia*, citado por Lusitanus (1924), *Sinais dos...* pp. 135-138

²¹⁴ João, Evangelho segundo, *Bíblia*, citado por Lusitanus (1924), *Sinais dos...* pp. 142-143

²¹⁵ João, Evangelho segundo, *Bíblia*, citado por Lusitanus (1924), *Sinais dos...* pp. 143-144

²¹⁶ João, Evangelho segundo, *Bíblia*, citado por Lusitanus (1924), *Sinais dos...* p. 145

²¹⁷ Lusitanus (1924), *Sinais dos...* p. 152

destas calamidades que prosseguem numa via evolutiva. As nações, segundo o mesmo, são punidas e completa-se a missão de Cristo de reinar sobre toda a Humanidade.

Para o escritor “Deus reinará no seio do seu rebanho, cujas ovelhas viverão como um Éden, visto a terra converter-se num céu”, esse reino ou Império Universal terá um Imperador Português, ou seja, «um só pastor».²¹⁸

O povo português e o povo judeu estão destinados para serem os fundadores do Império Universal porque são considerados “prediletos do céu”. Os judeus como os primeiros evangelizadores, os portugueses como os primeiros a levar a boa nova à maior parte do Mundo.

Thomas Morus em 1516 batizou e singularizou a sua sociedade perfeita com a palavra “Utopia” que também seria o nome da sua obra publicada neste mesmo ano. A partir dessa obra, a palavra "utopia" tornou-se sinónimo de uma sociedade ideal ou ideia quimérica, embora de existência impossível. Neste livro Morus centra-se numa dupla visão; a real da época vivida pelo autor em Inglaterra com injustiça social, criminalidade, perseguições religiosas, abismo entre as classes sociais, poder régio ávido de riquezas, sempre pronto para a guerra e, por outro lado, a visão da “Republica da Utopia” narrada e interpretada na personagem de Rafael Hitlodeu, que descreve a sua viagem à Utopia num lugar em que não se prejudicava ninguém em nome da religião. A intolerância e o fanatismo eram punidos com a servidão, o povo escolhia as suas crenças e cultos vivendo em harmonia.²¹⁹

A Utopia Quinto-Imperialista, segundo José Eduardo Franco, é embebida no ideal que exprime o esforço “de pensar o Homem e a História na perspectiva de salvação individual e coletiva proposta pelo Evangelho”.²²⁰

O Padre António Vieira é, nesta linha de reflexão, o grande pioneiro utópico português e reformador do ideal Quinto-Imperialista, a sua fé absoluta na realização do Quinto Império, levam-no a acreditar na regeneração da sociedade portuguesa em particular e da comunidade humana em geral.²²¹

Com uma certa paixão e certeza no ideal como António Vieira, ou partilhando o ideal quimérico de sociedade ideal de Thomas More, “Lusitanus” acredita nos trajetos passados da história judaica e portuguesa, com a principal razão destes povos serem “eleitos do céu” e estarem destinados a concretizar a fundação do Quinto Império ou Reino de Deus, de acordo com o anunciado pelo Evangelho. Estes dois pequenos povos, segundo o autor, estão destinados a causas que orientam a humanidade, através das predições divinas, a estabelecerem o Reino de Deus ou Quinto Império, pois são os mesmos que foram os principais obreiros da iniciação e evangelização de Deus e do seu reino na terra.²²²

Na Judeia surgiram os apóstolos precursores, enquanto que, de Portugal o Evangelho chegou às regiões mais remotas através dos «argonautas evangélicos». O autor encontra diversas analogias entre as

²¹⁸ Lusitanus (1924), *Sinais dos...* p. 161

²¹⁹ Morus, Tomás (1994), *A Utopia*, Guimarães Editores, trad. José Marinho, Lisboa

²²⁰ Franco, José Eduardo (1999), “Teologia e Utopia em António Vieira”, *Lusitania Sacra*, 2^osérie, Tomo XI

²²¹ Franco, José Eduardo (1999), “Teologia...”, p. 157

²²² Lusitanus (1924), *Sinais dos...* p. 189

histórias destes dois povos, para reforçar o patamar de exceção que ocupam nos destinos futuros do mundo.

Geograficamente os territórios têm uma forma retangular, e latitudes aproximadas, e são banhados ocidentalmente pelo Mediterrâneo e pelo Atlântico, Portugal é intitulado a “finis terrae”, e a Judeia “o umbigo do mundo”.²²³

Historicamente, ambos os povos foram perseguidos pelos romanos que dominavam o ocidente e oriente. Aquando do surgimento da boa nova cristã, Portugal conservou sempre firme e sólida a sua fé face às investidas do Luteranismo e Calvinismo. O povo judeu foi o único da antiguidade que foi monoteísta adorando o verdadeiro Deus, sendo que ambos foram punidos por perseguições e opressões.²²⁴

O povo judeu esteve 400 anos no Egito sob o jugo de Faraós, os Lusitanos pelo mesmo período de 400 anos sob a tirania dos Romanos. Estes últimos faziam de tudo para banir o Cristianismo. Retalhado o Império Romano pelo «flagelo de Deus» perderam o domínio nesta zona que passou para os Alanos, Vândalos, Suevos, Visigodos e mais tarde para os Árabes, até o surgir do libertador Afonso I que os expulsou.²²⁵

Estes povos voltaram a ter em comum um novo período de 60 anos em que estiveram sob o arbítrio de outros, no caso do povo judeu teve a autoridade da Babilónia e só viria a ser libertado por Ciro, rei da Pérsia que surpreendeu Baltasar rei da Babilónia. No caso português a subjugação foi perante os castelhanos que cometeram as maiores barbaridades com uma Inquisição avassaladora que chacinou inúmeros cristãos novos.²²⁶

Em suma estas considerações históricas, não só estabeleceram o confronto entre muitos pontos análogos, como também salientam a predileção divina por ambos os povos. Sendo que, para o escritor, não é de admirar que os dois venham a ser “instrumentos de providência por parte dos céus para a execução de estender o seu reino a todos os povos do Mundo”. Por fim, a utopia do Quinto Império em “Lusitanus”, encontra na sua explanação a eleição divina como guia dos destinos do Mundo. Judeus e Portugueses definem na terra a vontade expressa dessa força transcendente que abraça o pensamento do escritor para a realização próxima dos destinos da Humanidade.

O Imperador Português do Mundo

A história de Portugal e as façanhas dos seus heróis nacionais, é exaltada por “Lusitanus” que não fica indiferente ao passado de glória de um país que considera enriquecido por personalidades consagradas a causas maiores. A sua exegese dos registos bíblicos destina ao Mundo um Imperador Português, que os vários profetas citados (*Isaiás, Joel, Izequiel, Esdras, Daniel*) designam de *Redentor, Justo, Salvador,*

²²³ Lusitanus (1924), *Sinais dos...* p. 190

²²⁴ Lusitanus (1924), *Sinais dos...* p. 191

²²⁵ Lusitanus (1924), *Sinais dos...* p. 192

²²⁶ Lusitanus (1924), *Sinais dos...* pp. 192-193

Inclito, Vencedor, Rei, Pastor, Príncipe, David ou filho. Este não representaria a figura de Jesus Cristo, mas sim a figura de um imperador, seu vassalo terrestre, destinado a chefiar os destinos do mundo.

O escritor destaca uma profecia considerada autêntica pelo Padre António Vieira em que São Francisco de Paula escreve cinco cartas proféticas ao seu companheiro e também português Simão Ximenes, onde é possível compreender a nacionalidade do Imperador Universal que, segundo estes registos, seria portuguesa.

Francisco de Paula vaticina a existência de um Imperador Universal Português que exercerá o pontificado visto «ter o domínio temporal e espiritual e regerá a Igreja de Deus» e «que todo o poder e toda a extensão do Império sobre tudo o que está debaixo do céu será dado ao povo Santo Altíssimo, ao qual servirão todos os reis da terra». Francisco de Paula conclui que serão 10 reinos vassalos do imperador e suas nações desaparecerão, por se converterem em protetorados do domínio do Império Universal, onde as nações completam o seu tempo com a chefia do imperador português.²²⁷

“Lusitanus” e a sua ideia sebástica pós-Quibir

O escritor defende que D. Sebastião não morreu na Batalha de Alcácer Quibir e que vagueou por Veneza em Itália e depois foi enclausurado em Castela sem que se soubesse mais dele. O texto do historiador francês Nicolas de La Clède é transcrito por “Lusitanus” e nele se descrevem os anos de sobrevivência de D. Sebastião pós-Quibir, aparecendo depois da batalha em outras diferentes batalhas, sofrendo severos tratos, por ordem do tio D. Filipe I de Portugal, que lhe herdou o trono e que receoso de que ele viesse a reassumi-lo desterrou-o para Castela, onde se perde o seu rasto.

Nestas passagens do texto de La Clède, Lusitanus corrobora o destino que o francês traça ao rei desaparecido. Os vários trajetos pós-Quibir mencionados, explicam a “nova vida” paradoxal do Rei que passa a ser considerado um impostor, é vítima de vexames por parte dos Espanhóis em Itália. De facto, apesar das várias provas que os italianos admitiam de que fosse o rei desaparecido, os espanhóis insistiam em negar o seu passado.

Entre estes vários trajetos destaque para o facto de D. Sebastião, segundo La Clède, permanecer até ao anoitecer após a batalha, “no meio dos mortos e feridos” e depois durante a noite se ter deslocado para o litoral “onde achou uma embarcação portuguesa e nela o Duque de Aveiro, Cristovão de Távora, seu confidente e valido, com o Conde de Redondo”²²⁸ partindo nesta embarcação para o Algarve.

As reflexões do rei pós-Quibir sobre “as horrorosas desgraças que ocasionara ao reino com a sua obstinação” fizeram-no definir um novo destino guiado pelo seu sentido muito religioso, “resolvera fazer penitências, e dar a volta ao mundo para expiar os seus pecados” percorrendo os vários continentes como África, Ásia e Europa, deparando-se com cenários críticos “com muitas batalhas contra infiéis”,

²²⁷ Lusitanus (1924), *Sinais dos...* pp. 196-222

²²⁸ Lusitanus (1924), *Sinais dos...* pp. 223-224

sofrendo muitas feridas, que levaram a mudar este tipo de vida: “cansado de andar vagabundo, retirou-se a uma ermida para acabar a penitência”.²²⁹

O ermita revelou coisas que o fizeram deslocar para Itália, chegando a Veneza, “onde foi reconhecido pelos portugueses” acabou por ser encaminhado para Pádua pelos conterrâneos receosos de que o prendessem. No entanto, de Pádua foi expulso e enviado para Veneza, “onde foi acusado pelos espanhóis de crimes atrozes, sendo preso e lançado num calabouço do Jardim” acabando por sobreviver com a caridade de algumas pessoas “afirmando sempre que era D. Sebastião, rei de Portugal.” Os espanhóis, irritados, levam as suas queixas perante o governo italiano que, ouvindo D. Sebastião, reconheceram provas evidentes, “revelando negócios de estado, havidos, durante o seu governo, com a chancelaria italiano”, todavia, os italianos não querendo indispor-se com o governo espanhol encarregaram um médico de fazer um inquérito sobre o ocorrido, e as provas não deixavam dúvidas novamente.²³⁰

Os italianos retiraram-no do calabouço e o médico foi de parecer que ele saísse de Veneza, “a fim de arredá-lo da vigilância dos espanhóis”. O rei espanhol D. Filipe ordenou então que capturassem o impostor, “os espanhóis o levaram para Nápoles e aí o encerraram no castelo d’Ovo”. Lançaram-no novamente num calabouço e no dia seguinte trouxeram-lhe uma corda e uma faca e disseram; “Estes são viveres, que se vos destinam; escolhei dos dois o que melhor vos convém”.²³¹

Segundo as passagens do texto de La Cléde, D. Sebastião mostrou-se insensível às palavras dos espanhóis e revelou toda a sua crença messiânica em Deus, “diante de um crucifixo, que tinha, e com os olhos nadando em lágrimas” dizia: “Debalde me tentais, cruéis; Deus que me conhece qual a minha inocência, ajudará minha fraqueza, que eu todo me entrego à sua providência”. Nos dias seguintes várias vezes instigaram D. Sebastião a mentir sobre a sua origem como rei de Portugal, contudo o rei firme dizia “Podeis fazer o que quiserdes..., mas eu sou D. Sebastião, rei de Portugal, que depois de ter declarado guerra aos mouros, perdeu uma bem ferida batalha contra eles”.²³²

Outro episódio deste trajeto de D. Sebastião pós-Quibir descrito nos *Sinais dos Tempos*, ocorreu com a visita do Conde de Lemos, antigo embaixador de D. Sebastião na sua regência, que resolveu falar-lhe e ouvi-lo. Ao encontrar D. Sebastião, o rei que agora era considerado um impostor diz ao Conde: “Cobri-vos, conde de Lemos. Com que autoridade me mandais vós? tornou o conde. Como rei, replicou D. Sebastião. Não façais que me desconheceis, lembrai-vos que tive bastante motivos para me conhecerdes e eu a vós. Duas embaixadas vos deu a cargo de mim el-rei Filipe, meu tio. Depois disto, entrou com ele em longa pratica sobre os negócios mais secretos, concernentes a estas duas embaixadas o que pôs o Conde em tamanha perturbação”²³³, após estas palavras o conde intitulou D. Sebastião de

²²⁹ Lusitanus (1924), *Sinais dos...* p. 224

²³⁰ Lusitanus (1924), *Sinais dos...* p. 224

²³¹ Lusitanus (1924), *Sinais dos...* p. 225

²³² Lusitanus (1924), *Sinais dos...* pp. 225-226

²³³ Lusitanus (1924), *Sinais dos...* p. 227

“embusteiro”, todavia, para o historiador francês, isso deveu-se a todas as comodidades e cargos que tinha no serviço à corte de Castela.

Segundo, Là Cléde, o povo tanto em Portugal como Itália, informado do mau tratamento a D. Sebastião, não o podendo consolar da miséria fazia publicamente preces ao céu pela sua consolação e liberdade. D. Sebastião, segundo o autor, quando via um português dizia “Meus filhos pedi a Deus que sustenha com o seu poderoso braço a minha fraqueza. Que eu sou um grande pecador, e o tenho gravemente ofendido...Porém, não me desampareis e fazei que nunca cessem de orar a Deus por mim, nas Igrejas de Lisboa”²³⁴

Saído de Itália e transportado para Espanha o vexame do rei D. Sebastião foi ainda maior, percorrendo as ruas e exposto ao riso público. D. Filipe de Espanha temendo que D. Sebastião partisse mandou-o transportar para Castela onde o encerraram num castelo “e nunca mais se ouviu falar nele” segundo o historiador.

Em suma este trajeto das várias vivências de D. Sebastião pós-Quibir, segundo a descrição de La Cléde, vem reforçar a tese do Padre António Vieira, e reforçar o pensamento de “Lusitanus” já que, segundo o documento do juramento de D. Afonso Henriques, descoberto em 1597, coincide com o aparecimento de D. Sebastião em Veneza e as promessas feitas por D. Afonso Henriques «de pôr os olhos da sua misericórdia, na décima sexta geração, quando a prole dos reis estivesse atenuada».²³⁵ Para Lusitanus este juramento do “Conquistador” refere-se a D. Sebastião que coincide também com o 16º Rei de Portugal e que Deus irá pôr os olhos na sua misericórdia fazendo-o reaparecer, para ser o desejado “Imperador Universal”.

Os prediletos do céu

A plêiade dos heróis nacionais é atestada pelos registos bíblicos através da hermenêutica de “Lusitanus”, como uma relação entre Portugal e os seus homens, que guiados por forças divinas são destinados a grandes feitos, muitos deles inimagináveis e em situações completamente adversas que se erguem e triunfam nas causas maiores de forma categórica. “Lusitanus” cita escritores que salientam a crença da nação portuguesa e a sua devoção à religião e a Cristo. Destaca António Caetano de Sousa (1674-1759) que se refere a Portugal, como “sendo dentro de todas as demais nações o exemplo de perseverança, no culto da religião católica” e Camões que diz “Duma árvore de Cristo mais amada que nenhuma nascida no Ocidente”. O próprio “Lusitanus” conclui que em “nenhuma nação houve reis que tanto propagassem a fé e levantassem tantas casas a Deus”²³⁶.

Nesta epopeia assistida por forças celestiais são entoados nomes que eternizaram uma história *suis generis* de conquista e ousadia. “Lusitanus” descreve pessoas, acontecimentos e ideias que singularizam

²³⁴ Lusitanus (1924), *Sinais dos...* p. 229

²³⁵ Lusitanus (1924), *Sinais dos...* p. 237

²³⁶ Lusitanus (1924), *Sinais dos...* pp. 270-271

o povo português na sua ligação com o divino. A história é assim transmitida através duma trilogia narrativa que entoa as façanhas heroicas da nação portuguesa.

Primeiramente menciona aqueles que compõem o núcleo restrito de ilustres pessoas que, segundo o autor, completaram grandes feitos assistidos pelo céu, sendo intitulados “os mensageiros” predestinados a solucionar “as causas de Deus”. De entre os notáveis, descritos como heróis da nação, destaca-se Viriato, D. Afonso Henriques, D. João I, Nuno Álvares Pereira, Infante D. Henrique, D. Manuel, Vasco da Gama, Duarte Pacheco Pereira e D. João IV. Nesta linha de magníficos distingue o pastor Viriato, que se apresenta como o primeiro desta plêiade de heróis nacionais. Viriato viveu nos tempos ancestrais, antes da fundação de Portugal, ainda o território era a Lusitânia, e defendeu-se do poder romano travando lutas sangrentas e alcançando grande número de vitórias, sobre muitos generais com os seus numerosos exércitos. O facto de o povo lusitano, já em remotas épocas sofrer o jugo e opressão romana “à maneira do povo judeu”, encaminhou o céu a eleger este povo como o primeiro do ocidente onde raiou a luz do evangelho.²³⁷

Como “Conquistador” destaca-se D. Afonso Henriques, a quem os céus destinaram a constituição da nacionalidade portuguesa e a expulsão dos reis mouros numa épica batalha de Ourique que jamais se apagará da memória coletiva deste povo “imaculado”.²³⁸

D. João I, e o seu fiel escudeiro Nuno Alvares Pereira tinham o ideal de Deus acima da pátria, foram predestinados a assolar os castelhanos num memorável triunfo considerado “miraculoso”.²³⁹

O Infante D. Henrique foi uma das maiores figuras de destaque na história de Portugal e do mundo, pois foi destinado a iniciar a descobertas marítimas e conquistas além-mar, propagando a fé de Cristo nas mais remotas paragens.²⁴⁰

D. Manuel, sobrinho do Infante D. Henrique, foi o continuador do plano do seu tio. Na aliança com Samorim na Índia, o seu principal intuito era a glória de Deus com a conversão deste território à fé de Cristo, afirma que o seu tio foi tocado no coração pelo Espírito Santo para iniciar as descobertas e navegações com um propósito primordial: a propagação da fé.²⁴¹

Vasco da Gama figura “imortal” da epopeia portuguesa, engendra a mais arriscada viagem por via marítima à Índia, até então só realizada por via terrestre, enfrentando a fúria dos mares com a sua tripulação, sendo favorecido pelo céu e alcançando o destino desejado.²⁴²

Duarte Pacheco Pereira, outro herói eterno, liderou exércitos reduzidos em cenários adversos, tanto no mar, como em terra, com indígenas bem armados ou contra frotas egípcias, venezianas ou árabes, sempre favorecido com vitórias consideradas milagrosas.²⁴³

²³⁷ Lusitanus (1924), *Sinais dos...* pp. 271-272

²³⁸ Lusitanus (1924), *Sinais dos...* pp. 344-345

²³⁹ Lusitanus (1924), *Sinais dos...* pp. 345-352

²⁴⁰ Lusitanus (1924), *Sinais dos...* pp. 353-357

²⁴¹ Lusitanus (1924), *Sinais dos...* pp. 353-357

²⁴² Lusitanus (1924), *Sinais dos...* pp. 358-368

²⁴³ Lusitanus (1924), *Sinais dos...* pp. 374-381

Por fim, D. João IV, destinado pelos céus para instrumento da libertação de Portugal do jugo castelhano.²⁴⁴

Em segundo lugar, nesta trilogia, destaque para os acontecimentos que singularizaram o povo português na sua ligação com o divino como foram: as descobertas e conquistas marítimas, a batalha de Ourique, a batalha de Aljubarrota e a restauração da independência.

As descobertas e conquistas marítimas são consideradas uma missão evangélica destinada aos portugueses, predestinados a levar a fé ao extremo oriente, divulgando o Evangelho ao resto das nações remotas do mundo.²⁴⁵

A batalha de Ourique é considerada “miraculosa” pela aparição de Cristo a D. Afonso Henriques indicando que o mesmo venceria nas condições adversas que se encontrava.²⁴⁶

A batalha de Aljubarrota opera-se, segundo o autor, por interferência dos céus chegando-se a ocorrer o milagre, por intercessão da Virgem.²⁴⁷

A restauração da independência teve a interferência do céu, pois Portugal, cercado de dificuldades ergue-se contra o monarca mais poderoso do Mundo (Filipe III) quase sem nenhum esforço e com apenas 3 mortes, obra de Deus acredita “Lusitanus”.²⁴⁸

Em terceiro lugar nesta trilogia narrativa estão as ideias de alguns pensadores da cultura portuguesa (Luís de Camões, António Caetano de Sousa, António Vieira, Alexandre Herculano e Oliveira Martins) que corroboram ou não a crença da interferência divina nas mencionadas causas maiores de Portugal.

Luís de Camões dá grande importância e valor à Batalha de Ourique e admite a intervenção do céu e a aparição de Cristo a D. Afonso Henriques. Ex: estância LXIV “que representou nesses cinco escudos os trinta dinheiros porque Jesus Cristo foi vendido”, o rei quis preservar na memória a lembrança de Deus que lhe dispensara a sua proteção.²⁴⁹

Camões sobre D. Afonso Henriques e o seu juramento, diz que Cristo promete fundar o seu “Império Universal!” num descendente do primeiro rei português, e que, aos portugueses estava destinado pelo céu, tornarem-se argonautas do evangelho, propagando-o por todo o Mundo.²⁵⁰

António Caetano de Sousa crê no milagre de Ourique, pois referindo-se à Batalha diz «que o caso foi milagroso» e «que o céu já tinha anunciado o fabrico dessa augusta coroa Lusitana», e que «D. Afonso e seus soldados pelejaram mais pela glória de Deus que pelo desejo de alargar seu territórios». ²⁵¹ O autor acredita também que São Bernardo apareceu na Batalha de Aljubarrota, com um báculo, símbolo de

²⁴⁴ Lusitanus (1924), *Sinais dos...* pp. 368-374

²⁴⁵ Lusitanus (1924), *Sinais dos...* pp. 272-275

²⁴⁶ Lusitanus (1924), *Sinais dos...* pp. 299-303

²⁴⁷ Lusitanus (1924), *Sinais dos...* pp. 340-341

²⁴⁸ Lusitanus (1924), *Sinais dos...* pp. 328-230

²⁴⁹ Lusitanus (1924), *Sinais dos...* pp. 284-289

²⁵⁰ Lusitanus (1924), *Sinais dos...* pp. 282-284

²⁵¹ Lusitanus (1924), *Sinais dos...* pp. 289-297

poder, impondo a sua proteção a D. João I, este mesmo rei jurou perante vasta multidão em Alcobça assistir a ofícios divinos deste santo que lhe guiou á vitória.²⁵²

O Padre António Vieira na obra “História do Futuro” intitula também a batalha de Ourique de “Miraculosa” admite a aparição de Cristo a D. Afonso e considera o povo português messiânico, cuja missão lhe foi ditada pelo seu primeiro rei. “Sabiam que tinha Cristo prometido a seu primeiro rei, que os escolhera para Argonautas apostólicos de seus Evangelhos, e para levarem seu nome e fundarem seus impérios entre gentes remotas e não conhecidas; esta fé os animava nos trabalhos; esta confiança os sustentava nos perigos; esta luz do futuro era o norte que os guiava; esta esperança a âncora e amarra firme, que nas mais desfeitas tempestades os tinha seguros».²⁵³

Alexandre Herculano escrevendo sobre o Milagre de Ourique na sua “Historia de Portugal”, nega essa intervenção de Cristo, porque «lhe repugna à consciência e acha antievangélica» a intervenção divina nos campos de Ourique, pois pensa “que Cristo ou o Deus de paz e de misericórdia viesse pessoalmente ou enviasse os seus anjos a incitar os cristãos a derramar o sangue humano, a levarem a assolação e a morte no meio daqueles que não o adoravam - o que considera antievangélico”.²⁵⁴ “Lusitanus” refuta os argumentos de Herculano considerando que a sua falta de fé provoca-lhe cegueira intelectual e que desde o momento que revela descrença e má-fé, avançando uma proposição contra a fé canónica, estribada no Antigo e Novo Testamento, deve ser posto fora do debate de discussão, por negação formal do milagre.

Por fim, Oliveira Martins acreditaria que o cerco a Lisboa por parte dos castelhanos tinha sido miraculosamente acabado devido à peste que os assolou, “os castelhanos foram tocados pela vara do anjo negro da peste e que o cerco foi milagrosamente acabado”.²⁵⁵

Dimensão atribuída por “Lusitanus” a Portugal no Mundo

Neste último tópico sobre a temática “O Portugal do Mundo” o escritor eterniza os feitos da epopeia portuguesa, catapultando Portugal para um patamar de excelência entre as nações considerando os portugueses como “o povo que mais serviços prestou a Deus e à civilização”.

A interpretação que “Lusitanus” faz sobre o povo português articula-se plenamente com a temática do trabalho que está sendo desenvolvido. O escritor considera este, um “povo messiânico que continua expectante, confiando sempre nas promessas, feitas ao seu primeiro Rei” sendo esta a “confiança que os incitou e encorajou na solução dos seus casos maiores”.²⁵⁶ As façanhas descritas por “Lusitanus” através dos momentos gloriosos deste povo, elevam este último a um patamar olimpico na civilização humana, onde o reconhecimento dos feitos na terra, no ar e no mar são entoados com grande entusiasmo.

²⁵² Lusitanus (1924), *Sinais dos...* pp. 342-344

²⁵³ Lusitanus (1924), *Sinais dos...* pp. 297-298

²⁵⁴ Lusitanus (1924), *Sinais dos...* pp. 304-323

²⁵⁵ Lusitanus (1924), *Sinais dos...* pp. 330-333

²⁵⁶ Lusitanus (1924), *Sinais dos...* p. 382

Segundo o autor, os portugueses ensinaram todo o mundo a navegar no mar largo, descobrindo o astrolábio e abrindo as portas do Oceano Atlântico e do Índico «abrindo o mar profundo por onde nunca veio gente humana». Nomes de navegadores ficaram eternizados como Pedro Alvares Cabral, Vasco da Gama, Fernão Magalhães, Gil Eanes. Desbravaram o mar ignoto e prepararam o caminho para os evangelizadores que foram às paragens mais remotas difundir a luz da «boa nova».²⁵⁷

No ar o escritor destaca Gago Coutinho e Sacadura Cabral, dois arrojados aviadores que ensinaram ao mundo a maneira científica de viajar, de uma região a outra do globo através de um espaço infinito, como fizeram através da viagem aeroatlântica partindo de São Vicente em Cabo Verde com destino final ao Arquipélago brasileiro de São Pedro e São Paulo do estado de Pernambuco. Este feito resolveu um problema e estes dois aviadores portugueses atingiram a glória, ensinando as demais nações no processo de viajar, navegando por ares nunca antes navegados.²⁵⁸

Em suma “Lusitanus” deixa claro nesta sua obra que o povo português é eleito pelo poder divino, com o objetivo de cumprir o grandioso plano final de estabelecimento do Reino de Deus na terra, juntamente com o povo judeu. Os feitos portugueses são descritos pelo escritor com grande entusiasmo e admiração, enaltecendo-os e particularizando-os em relação às demais nações. A certeza messiânica e utópica que o povo português e judeu guiarão os destinos do Mundo é apanágio deste escritor, que, através da sua exegese dos registos bíblicos vai listando cenários possíveis que levarão a esse fim.

“Confronto dos Sinais dos Tempos” (1927)

Após apresentar as principais ideias do pensamento de “Lusitanus”, expressas no seu livro *Sinais dos Tempos* publicado em 1924, passo a expor síntese da obra que surgiu em 1927, que designou de *Confronto dos Sinais dos Tempos*. Esta aparece sobretudo como um apêndice ao livro *Sinais dos Tempos*, com o objetivo de ministrar aos leitores desta obra opiniões autorizadas que corroboram muitas teses e interpretações nela expostas.

Nesta curta obra o escritor apresenta opiniões que atestam as teses dos “Sinais dos Tempos” e passo a referir aqueles que o autor considera que se manifestaram adeptos dessas interpretações: o Cardeal de Lisboa na sua pastoral do dia 25 de março, os publicistas russos Dmitri Mérejkowsky e Z. Zippius e D. Philosophoff no seu livro “Régne de L’ Anté-Christ”, André Michelin, o *Diário de Notícias* de Lisboa nos dias 19-11-1927 e 16-12-1927, o periódico *A Época* dos dias 12-2-1925 e 21-8-1925 e o *Diário de Lisboa* do dia 11-1-1927.²⁵⁹

Na obra “Sinais dos Tempos” o pensamento messiânico e utópico do autor foi sempre pautado pela sua exegese dos acontecimentos e previsão futura que os registos bíblicos anteviam para o desenlace desses mesmos acontecimentos no futuro. Segundo afirma nesta outra obra os desenlaces previstos no

²⁵⁷ Lusitanus (1924), *Sinais dos...* pp. 386-389

²⁵⁸ Lusitanus (1924), *Sinais dos...* pp. 390-399

²⁵⁹ Lusitanus (1927), *Confronto curioso do Livro Sinais dos Tempos*, Imprensa Lucas & C. ^a, Lisboa

livro anterior acabam por receber aceitação por parte de outras publicações que manifestam concordância em muitas ideias.

O Cardeal de Lisboa na pastoral de 25 de Março de 1925 manifesta claramente essa aceitação e o escritor explica que a Igreja já tomou medidas, nomeadamente no que concerne aos vaticínios bíblicos que prognosticam “tribulações”.²⁶⁰

O Cardeal concordaria com a ideia de “Lusitanus” sobre a analogia da História que relaciona o povo judeu e o português. O Cardeal afirmaria esta mesma asserção na Pastoral ao dizer: “A nossa história é tal qual a do povo escolhido (judeu) revela em cada página predilecções divinas”²⁶¹ Também confirma a ideia de proteção e graça nas conquistas e descobertas marítimas, restauração e todos os casos maiores “Adorável Jesus, esta nação pertence-vos porque nasceu, cresceu, prosperou e se dilatou, sempre favorecida por uma especial graça e proteção do vosso amor”.²⁶²

“Lusitanus” incita a que na eminência das tribulações o clero reunido com o povo faça a seguinte prece “Perdoai Senhor, perdoai ao vosso povo”. O Cardeal na sua pastoral estabelece um dia intitulado de Reparação Nacional e ordena que o clero, reunido com o povo em todas as paróquias do patriarcado faça as seguintes preces “Perdoai (Senhor) as nossas infidelidades, os castigos provocados, os crimes dos últimos tempos, pelo vosso coração”.

Nos “Sinais dos Tempos” está presente o documento de juramento de D. Afonso Henriques e no Alvará de D. João IV, a intercessão da Virgem Maria na proteção do reino de Portugal. O Cardeal confirma esses votos “Por essa Conceição Imaculada que nossos maiores juraram defender, por intercessão desta soberana que um dos nossos reis e o povo, solenemente, escolheram para sua rainha e padroeira...”²⁶³

O livro *Le Règne de L' Anté-Christ* de Dmitri Mérejkowsky e Z. Zipius e D. Philosophoff estaria também em pleno acordo em muitos pontos com os “Sinais dos Tempos”. Principalmente o facto de as guerras passadas não terminarem e prosseguirem em algumas nações agravadas pelos bolchevistas, com ambos os livros a utilizarem a palavra “recrudescência”.²⁶⁴ Os publicistas russos acreditam que a Alemanha e o bolchevismo são “a mesma besta” e os responsáveis desta “recrudescência”, tal como “Lusitanus” que através das letras sagradas atribui também o lugar de “quarta besta” à Alemanha, sendo ela e o bolchevismo a mesma.²⁶⁵

Os dois livros voltam a concordar com que a paz geral não existe entre os homens e que se aproxima uma nova conflagração mundial que não será somente política, mas também religiosa. A Europa, segundo os pontos de vista semelhantes de ambos os livros, está a dormir com a situação na Rússia, e quando acordar já vai ser tarde para controlar a guerra prevista que irá despotar.²⁶⁶

²⁶⁰ Lusitanus (1927), *Confronto...* pp. 11-12

²⁶¹ Lusitanus (1927), *Confronto...* p. 13

²⁶² Lusitanus (1927), *Confronto...* pp. 16-17

²⁶³ Lusitanus (1927), *Confronto...* p.19.

²⁶⁴ Lusitanus (1927), *Confronto...* pp. 26-29

²⁶⁵ Lusitanus (1927), *Confronto...* pp. 29-32

²⁶⁶ Lusitanus (1927), *Confronto...* pp. 33-38

Em *Le Règne de L'Anté-Christ*, os autores fazem a previsão de que a guerra bolchevista será de exterminação e extinguirá a humanidade. O mesmo acontece com “Lusitanus” que prevê através do sexto cálix uma guerra entre os exércitos chefiados por Gog, o chefe do bolchevismo, e que nesse combate morrerá uma terça parte dos homens. Ambos os autores concordam que a guerra e as catástrofes mundiais estão iminentes, explícitas no arrancamento ou quebra dos sete selos do Apocalipse (cálices e trombetas). Concordam com que os exércitos bolchevistas são inspirados e impelidos por espíritos malignos, sendo “a encarnação do demónio, ou filhos do demónio”.²⁶⁷

Concordam também com que a guerra terminará com o triunfo da Cruz sobre o Pentagrama, sinónimo da vitória divina contra o bolchevismo que pode ser personificado num desses sinais divinos explícito em D. Afonso Henriques na Batalha de Ourique «com este sinal, vencerás!». Com a guerra terminada, o autor deixa claro que tal não significa o fim da humanidade e que a mesma sobreviverá, citando *Le Règne de L'Anté-Christ*, “Haverá sangue e fogo em toda a parte como se o fim do mundo chegasse e as catástrofes mundiais terão alguma coisa de semelhante ao fim do mundo”.²⁶⁸

Estes autores concordam também que a causa para as catástrofes mundiais é a crise espiritual mais profunda que a Europa já conheceu. As ideias de ambos casam na medida em que consideram a vida material, grosseira e epicurista dos homens como a principal razão do esquecimento de Deus e causa das grandes tribulações.

“Lusitanus” é apologista do messianismo, onde se a caridade e o amor coletivo se cumprirem na plenitude, significará o estabelecer do reino de Deus em toda a terra e se instaurará essa nova ordem social. Enquanto os autores do *Le règne de l'Anté-Christ* referem que “No messianismo o amor é um princípio individual e coletivo, ao mesmo tempo, é o reino de Deus na terra como no céu, o novo preceito”.²⁶⁹

Os dois livros defendem uma nova ordem social, com a vontade de Deus a se fazer cumprir em toda a humanidade. Os novos princípios desta ordem estabelecerão a época da fraternidade onde imperará a caridade e o amor coletivo neste futuro Reino de Deus na Terra.

Num artigo intitulado «10.000 aviões - Tal é a frota que a Rússia conta para a luta com Inglaterra» enviado de Londres no dia 14-12-1927 e publicado no *Diário de Notícias* de Lisboa a 16-12-1927, menciona-se uma entrevista de Estaline a um jornal sueco chamado *Dagblad*. Este artigo reafirma a posição russa no combate aéreo contra os Ingleses. Segundo Estaline, a Alemanha fornece à aviação soviética as bases técnicas formando um poderoso arsenal aéreo com uma inumerável esquadra. Esta posição russa confirma o parecer de Lusitanus de que a Alemanha chefiará o bolchevismo, sendo o chefe deste exército Gog um prussiano e que *a praga de gafanhotos* simboliza a força aérea soviética sobre Inglaterra.²⁷⁰

²⁶⁷ Lusitanus (1927), *Confronto...* pp. 38-52

²⁶⁸ Lusitanus (1927), *Confronto...* pp. 52-73

²⁶⁹ Lusitanus (1927), *Confronto...* pp. 74-82

²⁷⁰ Lusitanus (1927), *Confronto...* pp. 91-93

Segundo o autor do livro que apresentamos, André Michelin, vice-presidente do comité francês de propaganda aeronáutica num artigo intitulado «Perigos de um ataque aéreo químico russo-alemão», publicado na revista *Chimie et Industrie* de Fevereiro de 1925, afirma que a força aérea alemã e russa com os seus aeroplanos vão dizimar e invadir a Europa rapidamente «numa hora». A cidade de Londres, cujo destino foi vaticinado também por “Lusitanus” baseado na sua exegese ao Evangelho de S. João, será a zona afetada nestes presságios.²⁷¹

O General Foch numa entrevista concedida a um jornal suíço e publicada no *Diário de Lisboa* a 11-1-19127, afirmara que “Os ares serão toldados por esquadrilhas compostas por 100 a 1000 aeroplanos, transportando gases mortíferos; outros transportando bombas que explodindo no ar produzirão nuvens formidáveis, espessas e negras que escurecerão o espaço, ainda outros lançarão granadas escurecendo o sol e o ar assim como inúmeras metralhadoras despejarão contra o inimigo”²⁷². Citando o jornal *A Época*, na publicação de 25/2/1925 e o artigo intitulado «A guerra aeroquímica» o seu autor reforça que “Na França, Bélgica e Inglaterra é, neste momento, assunto de discussão e de várias apreensões a possibilidade de uma nova guerra provocada pela Alemanha, guerra muito mais terrível que a de 1914”. O articulista deste jornal, tal como André Michelin anteriormente citado, informa o leitor através do relatório do comité das Nações Unidas redigido por químicos e fisiologistas iminentes.²⁷³

Em suma, “Lusitanus” apresenta o parecer de muitos peritos na arte da guerra e não só, que, na sua opinião, confirmam algumas das teses do livro “Sinais dos Tempos” sobre os acontecimentos próximos e também sobre os agentes que provocarão estas catástrofes mundiais. O escritor confronta assim o que escreveu em 1924 com novos pareceres que comprovam os acontecimentos vaticinados por si reforçando a exegese dos sinais evangélicos que faz sobre as letras sagradas.

“A Vida e os Números” (1935)

Ocultismo dos números e o messianismo na obra de “Lusitanus”

Na parte final da sua vida, Abel Tiago de Sousa e Vasconcelos auto-denominando-se de novo “Lusitanus” publicou um livro intitulado *A Vida e os Números*. Neste trabalho é possível constatar o interesse do autor pelo pré-histórico sistema da numerologia oculta. Sobre a sua origem, o escritor explica que os povos mais primitivos já dela tinham conhecimento, acabando por fazer grandes conquistas e descobertas admiráveis para as ciências e artes. Dá o exemplo de grandes feitos para a astronomia, como a divisão do Zodíaco em 12 períodos ou a conceção do alfabeto hebreu. O autor menciona também a escola criada pelo erudito filósofo grego Pitágoras, que se torna o grande mestre da

²⁷¹ Lusitanus (1927), *Confronto...* pp. 93-94

²⁷² Lusitanus (1927), *Confronto...* pp. 106-107

²⁷³ Lusitanus (1927), *Confronto...* pp. 94-103

criação do estudo da propriedade dos números e precursor do conhecimento sobre a numerologia oculta.²⁷⁴

Esta teoria dos números, segundo “Lusitanus”, obedece a leis e regras baseadas na influência eletromagnética dos astros do nosso sistema solar sobre a Terra e restantes planetas, datando aos tempos pré-históricos. A partir daqui a influência eletromagnética dos astros é examinada e vivida pelo autor de forma entusiasta. Segundo ele existe uma “harmonia maravilhosa da criação” onde tudo sobre a terra tem a sua posição e o seu número, incluindo o tempo, nos seus minutos, horas, semanas, meses e anos.²⁷⁵

O grande interesse de “Lusitanus” pela numerologia oculta leva-o a aplicar estes conhecimentos nas figuras messiânicas dos registos bíblicos que já muito haviam ocupado o pensamento do escritor nas suas obras anteriores.

Este conhecimento pelos números, como o escritor reforça, data de tempos pré-históricos onde escasseiam os registos e documentação. Por este motivo “Lusitanus” conclui da possibilidade de “auxílio divino”, com estes conhecimentos planetários a serem diretamente transmitidos por Deus nos tempos em que falava diretamente à humanidade.

Na figura de Moisés, sábio e profeta de Deus no Antigo Testamento, conhecedor de todos os ramos da ciência egípcia, mestre da astrologia e colaborador da Bíblia sagrada, o autor encontra uma figura inspiradora. É precisamente no contributo para a Bíblia que Moisés escreveu o Génesis, o Êxodo, mas sobretudo o Levítico com os Números e o Deuterónimo, em que confessa, inúmeras vezes, que falou com Deus. “Lusitanus” acredita mesmo que “sendo Moisés professor de Astrologia, espírito ávido de saber é possível que, num desses frequentes colóquios com Deus, o tivesse consultado, acerca dos astros, e daí tivesse vindo o conhecimento planetário dos primitivos hebreus e o sistema de numerologia, transmitido até nós”.²⁷⁶

O escritor reforça a ideia de que a ciência moderna já confirmou centenas de anos depois, as descobertas astronómicas maravilhosas dos povos antigos. No entanto, segundo ele, os céticos da ciência oculta acreditam que esses povos fizeram grandes descobertas astronómicas sem a intervenção de Deus, apesar de não haver vestígios que provem a existência desses instrumentos nas épocas pré-históricas em que o sistema da numerologia oculta foi descoberto. Mas para os céticos “Lusitanus” vai aos registos históricos do aparecimento do telescópio datando a era cristã e o ano da época moderna de 1609, com o célebre inventor, matemático e físico italiano Galileu.²⁷⁷

Um dos exemplos que, segundo “Lusitanus”, indicam intervenção de Deus no sistema da numerologia oculta, situa-se no tempo do Rei David, cerca de mil anos antes da era cristã. Nesta época, segundo o escritor, apenas existia metade da Bíblia atual e só dois mil anos depois, é que foi dividida em capítulos e versículos. David foi um dos colaboradores importantes da Bíblia, autor dos salmos, ainda hoje cantados e rezados na Igreja católica. Portanto para “Lusitanus” “O profeta David não podia saber

²⁷⁴ Lusitanus (1935), *A vida e os números*, Editorial Império, Lisboa

²⁷⁵ Lusitanus (1935), *A vida...* p. 9

²⁷⁶ Lusitanus (1935), *A vida...* pp. 23-24

²⁷⁷ Lusitanus (1935), *A vida...* pp. 26-27

que, a ordem que, num futuro muito longínquo, irão dar aos seus salmos tem uma disposição maravilhosa, que só podia ser planeada por um desígnio providencial”.²⁷⁸

Nesta exegese ao sistema de numerologia oculta, “Lusitanus” procura, entre muitos outros registos, fazer a leitura do número, nas figuras messiânicas de Deus, Jesus Cristo e Maria. Nesta interpretação dos números ocultos de Deus, Jesus Cristo e Maria, estes coincidem no mesmo número que corresponde ao 9. Para “Lusitanus” esta conjugação e harmonia perfeita da numerologia oculta explica que: “a palavra de Jesus foi indicada por Deus, sendo o seu portador o anjo que disse, a S. José e a Maria Santíssima que batizassem o menino, dando-lhe o nome de Jesus, isto é, a 1ª pessoa da Santíssima Trindade, Deus pai, ordenou que a 2ª pessoa, seu filho Unigénito, e também Deus, tivesse o seu número 9, idêntico ao de Maria, sua mãe.”²⁷⁹

Conclusões da obra literária de “Lusitanus”

Em “Lusitanus”, pseudónimo literário do madeirense Abel Tiago de Sousa e Vasconcelos, o pensamento patente nas suas criações literárias é pautado por uma regra que define essa mesma produção. Essa regra encontra-se na compreensão de muitos momentos da história portuguesa através da exegese da doutrina cristã na figura do grande “Messias”, Jesus Cristo ou do seu pai, o próprio Deus. O passado, o presente e o futuro da humanidade, segundo o mesmo estão planeados por forças divinas que vão atuando em conformidade com a hermenêutica que faz dos registos bíblicos.

A história judaica, as causas maiores da fundação/consolidação do império português, a Europa em conflito iminente ou o conhecimento dos números e do remoto sistema de numerologia oculta, acabam por ser temas profundamente analisados à luz da intervenção divina, que encaminha a humanidade para um fim que denomina o “Reino de Deus” ou “Quinto Império”.

A utopia do “grande Messias” guiará o mundo para este reino de Deus, ou melhor, reino messiânico “onde a caridade e o amor coletivo a se cumprir na plenitude, significará o estabelecer do reino de Deus em toda a terra, instaurando a nova ordem social”.

A utopia em “Lusitanus” procura uma sociedade restaurada com um novo ideal de ordem social, que segue os desígnios do “grande Messias”, e só se cumprirá após “tribulações como nunca houve nem haverá”, que libertarão a sociedade atual do egoísmo e dos valores individualistas de que está imbuída.

A restauração social através de uma nova ordem messiânica destinada por Cristo, que conta na sua liderança com portugueses e judeus, povos que no passado fizeram feitos únicos, explana as características messiânicas e utópicas do pensamento do escritor que observa a atualidade com preocupação, todavia sem nunca se desencontrar da fé e crença na sua “exegese bíblica” profunda, que o faz acreditar no destino redentor dos acontecimentos futuros da humanidade.

²⁷⁸ Lusitanus (1935), *A vida...* pp.145-153

²⁷⁹ Lusitanus (1935), *A vida...* pp. 85-87

Prosseguindo a via do pensamento messiânico vamos encontrar um pouco mais tarde um outro notável escritor madeirense, Vasco da Gama Rodrigues a quem dedicaremos as próximas páginas este capítulo.

Vasco da Gama C. Andrade Rodrigues (1909-1991)

Vasco da Gama Rodrigues nasceu a 27 de Janeiro de 1909 na ilha da Madeira, numa vila denominada Paul do Mar situada no concelho da Calheta.²⁸⁰ É registado através da cerimónia de batismo na Igreja desta vila a 28 de Março de 1909. O seu pai é Francisco Hilário Rodrigues e a sua mãe é Maria Amélia de Sousa Andrade.²⁸¹ O falecimento de Vasco da Gama Rodrigues ocorreu a 3 de Maio de 1991 em São Jorge de Arroios, Lisboa.²⁸²

Nesta longa etapa de vida, percorrendo 82 anos do século XX, a nível académico e profissional, deve referir-se que o futuro poeta estudou no liceu do Funchal não tendo ingressado, todavia no Ensino Superior. Desloca-se para Moçambique onde foi funcionário dos Caminhos de Ferro e Transportes. No ano de 1934 após um desastre em que lhe foi amputado o braço direito²⁸³, decide deixar o Continente Africano e estabelece-se em Lisboa. Desde então exerce funções como técnico no Secretariado Nacional de Informação (SNI) do Departamento de Turismo. Entre 1972 e 1973 foi colaborador das emissoras nacionais criando várias peças radiofónicas transmitidas nestes veículos de informação²⁸⁴. Por fim em 1976 torna-se inspetor do Turismo da Direcção-Geral de Turismo em Lisboa.²⁸⁵

Na vida pessoal o poeta casa-se com Olímpia Teresa de Sousa e Freitas a 2 de Agosto de 1930, na Conservatória do Funchal. Deste casamento nasceu em Moçambique a 14 de Agosto de 1931 o seu único filho Vasco da Gama Freitas Rodrigues, que acabou por falecer aos 43 anos em Lisboa a 7 de Abril de 1975. Vasco da Gama Rodrigues divorciou-se a 27 de Novembro de 1948. Casou em segundas núpcias com Catarina Adelaide Lopes de Melo Garrido a 16 de Fevereiro de 1949, na Conservatória de Lisboa, sendo que o casamento católico consumou-se a 15 de Fevereiro de 1969.²⁸⁶

A poesia neste escritor surge, como nos escreve Alfredo de Freitas Branco Visconde do Porto da Cruz, desde muito cedo, ainda no Liceu, quando Gama Rodrigues já evidenciava dotes literário-poéticos. Em termos de produção literária publicou, em vida, duas obras: *Os Atlantes* (1961) e *As Três Taças* (1972). Postumamente foi publicada, no ano de 1995, a obra de poesia intitulada *O Cristo das Nações* que havia sido organizada pelo próprio escritor.

A produção literária de Vasco da Gama Rodrigues é desconhecida da maioria dos leitores, todavia foi reconhecida por alguns dos mais ilustres representantes da cultura portuguesa, essencialmente amigos e contemporâneos, dos quais refiro alguns nomes: António Quadros, Agostinho da Silva, Álvaro Ribeiro, José Luís Conceição Silva, Júlio Fragata, Pinharanda Gomes entre outros.

²⁸⁰ Clode, Luiz Peter (1987), *Registo Bio-Bibliográfico de Madeirenses - Séculos XIX e XX*, Funchal

²⁸¹ ARM, Emissão de certidões, Livro 7727, fls. 9

²⁸² ARM, Emissão de certidões, Livro 7727, fls. 9

²⁸³ Porto da Cruz, Visconde do (1953), *Notas e Comentários para a História Literária da Madeira, Período (1910-1952)*, Volume III, Edição da Câmara Municipal do Funchal, Funchal

²⁸⁴ ANTT, Fundo: SNI (1929-74), Colaboração de Vasco da Gama Rodrigues (1972-1973), Repartição da informação Audiovisual

²⁸⁵ Clode, Luiz Peter (1987), *Registo Bio-Bibliográfico...*, pp. 413-414

²⁸⁶ ARM, Emissão de certidões, Livro 7727, fls. 9

A sua escrita está enquadrada numa corrente *mística e espiritual* como a classifica Agostinho da Silva²⁸⁷. No conteúdo da sua poesia está subjacente um substrato épico direcionado para os feitos dos portugueses (reis, infantes, guerreiros, navegadores...), “endeusados” nos seus feitos e nas causas maiores da epopeia portuguesa.

O seu amigo e confidente, o Professor José Luís Conceição Silva explica que “Vasco da Gama Rodrigues pode considerar-se um ocultista no mais elevado sentido do termo. Foi o seu profundo conhecimento da ciência astrológica, sobretudo do ramo a que poderemos chamar «astrologia mística», baseado no movimento processional do Sol através do Zodíaco e a sua influência na evolução dos povos, que lhe permitiu chegar, após prolongado labor, a um conjunto de ideias claras, embora transcendentais, acerca do verdadeiro sentido da missão portuguesa (melhor diríamos, Lusitana) no conjunto da história da humanidade.”²⁸⁸

Participou em debates e colóquios em torno do problema das filosofias nacionais e produziu uma reflexão profunda e antipositivista acerca do sistema educativo português, desde a escola à universidade. Destaque para o denominado Grupo da Filosofia Portuguesa, de que fez parte juntamente com nomes como António Quadros, António Braz Teixeira, Afonso Botelho, Jesué Pinharanda Gomes, Orlando Vitorino, António Telmo, Dalila Pereira da Costa entre outros.²⁸⁹

Vasco da Gama Rodrigues situa-se também muito próximo da orientação profética e messiânica de Joaquim de Flora, correspondente à teologia da História explícita nas três Idades da Santíssima Trindade e no consumar do Evangelho eterno através da Terceira Idade do Espírito Santo. A sua poesia tem como grande objetivo o anúncio do Reino do Amor ou também o designado Reino do Espírito Santo como esclarece na carta manuscrita ao seu contemporâneo António Quadros.²⁹⁰

Obra Literária

A obra literária de Vasco da Gama Rodrigues molda-se pela interpretação mística e espiritual das raízes ancestrais dos portugueses em quem, através do mito, do símbolo e da profecia, procura encontrar um desígnio profético anunciando o “Reino do Amor, ou seja, o Reino do Paraclete”.²⁹¹

Gama Rodrigues está muito próximo da linha profética Joaquiimita e a sua linha utópica e messiânica emerge na “metempsicose” ou transcendência das raízes mais remotas da nacionalidade. Agostinho da Silva mostra Vasco da Gama como um místico, “isto é, convicto que o possível é mais vasto que o real,

²⁸⁷ Rodrigues, Vasco da Gama (1972), *As Três Taças*, Tipografia Ideal, Lisboa

²⁸⁸ Rodrigues, Vasco da Gama (1961), *Os Atlantes*, Tipografia Ideal, Lisboa, [Exemplar fotocopiado pela editora Roger Delraux em 1980, Lisboa]

²⁸⁹ Quadros, António (1987), *A Filosofia Portuguesa de Bruno à Geração do 57 seguido de O Brasil Revisitado*, Instituto Amaro da Costa, Lisboa. (online) consultado em 02.08.2016. Disponível em: <http://antonioquadros.blogspot.pt/p/escola-do-porto.html>

²⁹⁰ Rodrigues, Vasco da Gama (1983), Carta (manuscrito) dirigida a António Quadros (1983.06.03), (02 fólhos), Lisboa. FAQ., cx. 0009, cod. PT/FAQ/AQ/01/001/0283/00001

²⁹¹ Rodrigues, Vasco da Gama (1983), Carta...

e a ele aderindo em suas crenças, raciocínios e vida, respeita a ciência, mas ultrapassa-a, e acha, por outro lado, que o divino é mais importante que o bancário”²⁹².

As três obras literárias que apresentaremos em seguida, segundo A. C. Teixeira que realizou o prefácio da última obra do poeta “O Cristo das Nações”, são um “tríptico” que se completa e esta última produção literária consagra um “Quinto Império já referenciado por Daniel e da Idade do Espírito Santo, que outra não é que a do culminar na derradeira Terceira Taça”²⁹³.

O messianismo na sua obra poética explana um trajeto Crístico genuíno que transforma Cavaleiros de Cristo ou da Ordem de Avis em hábeis nautas que “mapeiam o globo de uma ponta a outra” lançando “as bases da Nova Ciência” transportando consigo a palavra do messias até ao outro lado do mundo, “cumprindo nada mais do que a velha palavra de Ourique” através “da proteção do Anjo Guardião”²⁹⁴

A utopia em Gama Rodrigues está presente na ideia de um “Cristo-Nação” para “todas as Nações” onde nação e Cristo se fundem num propósito único, o da “salvação humana” através de uma “Alma Lusa ou de Luz” capaz de emergir e fundar um “Novo Cosmos - A Atlântida” ou “O Advento do Espírito Santo”.²⁹⁵ Segundo A. C. Teixeira “não é, de facto, algo utópico, uma vez que é o regresso ao estado original, primordial e puro, que a humanidade tivera antes da queda”²⁹⁶. Gama Rodrigues considera esse regresso estruturando-o em várias fases denominadas Lusitânia e Portugal.

Os Atlantes (1961)

A obra poética *Os Atlantes* é acima de tudo uma revelação interpretativa da história profética de Portugal. Segundo explica o Professor José Luís Conceição Silva, amigo e confesso confidente do autor desta obra, debatendo muitas ideias com ele, esta produção literária contém “todas as ideias mestras originais do poeta e presta-se, por isso, a uma tentativa de interpretação geral daquilo que eu chamo a sua visão profética de uma missão portuguesa no mundo”²⁹⁷.

Esta produção literária está dividida em três capítulos; O primeiro capítulo chama-se “Lusitânia” em que se inserem três partes intituladas “O Amor de Luzia”, “As Três Batalhas” e “O rapto da Luzia”; O segundo capítulo chama-se “Portugal” correspondendo também a três partes intituladas “Letargia”, “Vigília” e “Consciência”; por fim o terceiro e último capítulo que se chama “Atlântida” e tem três partes intituladas “A voz do Tempo”, “O Príncipe Descobridor” e “O Encoberto”.

Segundo Conceição Silva, os avanços que a humanidade está a ter são essencialmente eficazes no domínio da “matéria”, todavia esse avanço, segundo o mesmo, é “acompanhado lamentavelmente” pela perda de valores morais e espirituais. Num ambiente de lutas sociais e questões entre nações, segundo o

²⁹² Rodrigues, Vasco da Gama (1995), *O Cristo das Nações*, Tertúlia, Lisboa

²⁹³ Rodrigues, Vasco da Gama (1995), *O Cristo...* p. 11

²⁹⁴ Rodrigues, Vasco da Gama (1995), *O Cristo...* p. 11

²⁹⁵ Rodrigues, Vasco da Gama (1995), *O Cristo...* p. 12

²⁹⁶ Rodrigues, Vasco da Gama (1995), *O Cristo...* p. 10

²⁹⁷ Rodrigues, Vasco da Gama (1961), *Os Atlantes*, Tipografia Ideal, Lisboa, [Exemplar fotocopiado por Roger Delraux Editora em 1980, Lisboa]

autor, “sente-se a aproximação do caos e não se vislumbra em parte alguma um princípio de sã reacção a este estado das coisas, capaz de trazer um pouco de esperança num melhor futuro para os homens”²⁹⁸. O futuro imprevisível e o comportamento da sociedade levam Conceição Silva a afirmar que Vasco da Gama Rodrigues transmite a mensagem profética neste sentido regenerador da humanidade, acreditando numa reacção da “alma lusitana” ao trajeto decadente em que a sociedade caminha.

Nas seguintes passagens da obra constatamos esta intenção espiritual e mística de regeneração de uma sociedade que se encontra decadente, evocando os seus feitos mais remotos. No primeiro capítulo, “Lusitânia”, a que corresponde a parte intitulada “O Amor de Luzia” o poeta escreve: “*Neste Lugar - começo e fim - / Do formoso e rico lar da Princesa Europa, / Viriato - audaz guerreiro - / Conquista montes e vales sem par. / E galgando ufano terras opulentas, / Canta alegre, como um rouxinol, a fortuna, / Preso de Amor pela divina Luzia, / A Senhora aos pés de quem se humilha a Treva.*”²⁹⁹

Na terceira parte do segundo capítulo intitulada “Consciência” Gama Rodrigues escreve: “*O que não pode Henrique haver, / Houve a golpes de rude força o Filho. / Despertando-lhe a memória vaga o lúcido galo, / Pouco a pouco a secreta Missão realiza, / Até que sua cabeça ao extremo da ibéria a encosta. / É o carneiro encarnado, seu profundo recorte que ali fica, / Preso ao encanto duma sinfonia, vinda aos longos do Mar, / Que o torna indiferente aos rogos firmes, constantes, de Catela.*”³⁰⁰

Para o autor, a primeira dinastia reinante em Portugal opera a missão Crística, que explora o primeiro passo para atingir o “Reino do Amor” ou a “Atlântida Oculta”. O mar é o itinerário místico e espiritual que encaminha a glória deste povo “protegido”. A crença messiânica na conquista, acaba por eternizar os feitos coletivos do povo português. Gama Rodrigues enaltece e solicita o retomar do espírito e mística que triunfaram outrora.

As Três Taças (1972)

A produção literária e poética *As Três Taças*, embora versando o mesmo tema que *Os Atlantes*, tem um sentido mais universal evocando os destinos concorrentes de três povos - hebreus, romanos e portugueses - cuja missão histórica é encarada em conjunto e, explica, segundo José Luís Conceição Silva, “a missão do Ocidente na conservação da tradição espiritual e abre perspectivas para o ressurgimento da humanidade numa nova Idade de Ouro”³⁰¹.

A metamorfose messiânica Joaquimita de que já falamos anteriormente, poderá ter inspirado o poeta madeirense para a realização da estrutura da sua obra, fazendo emergir *As três Taças*, num lugar bem próximo da teologia da história do abade cisterciense. Aqui, Gama Rodrigues apresenta a história do Ocidente manifestada através das mesmas três pessoas da Santíssima Trindade (Pai, Filho e Espírito Santo) associados à “Alegria”, à “Dor”, e à “Graça”. Cumprida a Idade do Pai com os patriarcas da qual

²⁹⁸ Rodrigues, Vasco da Gama (1961), *Os Atlantes...* p. 145

²⁹⁹ Rodrigues, Vasco da Gama (1961), *Os Atlantes...* p. 98

³⁰⁰ Rodrigues, Vasco da Gama (1961), *Os Atlantes...* p. 116

³⁰¹ Rodrigues, Vasco da Gama, (1972) *As Três Taças*, Tipografia Ideal, Lisboa

destaca “*Moisés - O Herói*”, emerge na Idade do Filho “*Jesus - o Sábio*” e na Terceira Idade (a do Espírito Santo) “*Príncipe da Paz - o Santo*”. Definindo o poema igualmente por “Espaços” e “Tronos” faz surgir essas idades irradiadas de três lugares “*Jerusalém - o Templo de Luz*”, “*Roma - o Templo de Cruz*” e o misterioso lugar “*Ilha do Encoberto - o Templo do Amor*”. A estes três atos, no tempo, associou como povos desencadeadores, respetivamente, “*os Hebreus*”, “*os Romanos*” e “*os Atlantes*”³⁰².

Esta projeção idílica e fraternal dos destinos do Mundo é apoiada nesta criação poética nos triunfos gloriosos do passado remoto. No terceiro poema “os Atlantes” do capítulo IV intitulado “Os Tempos - os Povos” citando o autor “*De vela nova subida / Venceu todo o elemento / E as correntes de Ar e Mar. / A Terra foi toda unida. / O maltês d’oiro sedento / Falta agora conquistar.*”³⁰³

O filósofo e escritor português Álvaro Ribeiro escreve sobre *As Três Taças* explicando que esta obra “surpreende pelo estilo enigmático dos seus versos constituídos de atributos, predicados e epítetos, que nos convidam à demanda do sujeito fugitivo, mas essencial. Tal como as adivinhas tradicionais ou populares, que estimulam e educam a inteligência da humanidade em situação pueril, esta obra poética, notável por muito mais, impõe-se à reflexão obrigatória dos pensadores responsáveis”³⁰⁴.

O filósofo, um dos mais representativos da chamada “filosofia portuguesa”, classifica o poema de Vasco da Gama Rodrigues de “religioso e profundamente cristão e de intenção redentorista e de inspiração rosa-cruz”. Explica que o mesmo proclama a fé na vinda do Messias, e divide em duas eras o programa misterioso da história. Determina assim o condicionalismo, invisível, mas sagrado, em que se irá cumprir a vida política de Portugal.³⁰⁵

O Professor Júlio Fragata, por seu lado, defende que *As Três Taças* encerram a “profundidade especiosa do triunfo do espírito e revelam os sentimentos duma vida que penetra na dor e no amor, que sabe ter alento e inculcar alento...”. Segundo o mesmo, nesta obra existe “esplendor, trevas, aurora”, existem «taças» de alegria, de dor, de amor para a vida.³⁰⁶

Por sua vez Agostinho da Silva explica que “Na Assunção ou Ascensão da humanidade dá Vasco da Gama Rodrigues grande papel a Portugal ou ao que mais propriamente diríamos gente de língua portuguesa, e por aqui encontra Pessoa, ou, ainda mais certo, gente de fé portuguesa, de fé na humanidade dos homens, de fé na igualdade de meios, de fé na fraternidade, de fé na liberdade, de fé na unidade do mundo, de fé, afinal, naquilo que Vieira chamou Quinto Império, Cristo o Reino de Deus, Kropotkine a Anarquia, S. Francisco a Paz”.³⁰⁷

A intenção da produção literária do poeta, manifestada no anúncio do “Reino do Amor” ou “Reino do Paraclito”, é perceptível no terceiro poema “Príncipe da Paz - O Santo” do capítulo II intitulado “Os

³⁰² Rodrigues, Vasco da Gama, (1995) *O Cristo das Nações*, Tertúlia, Lisboa

³⁰³ Rodrigues, Vasco da Gama, (1972) *As Três...* p. 54

³⁰⁴ Rodrigues, Vasco da Gama (1961) *Os Atlantes...* p. 78

³⁰⁵ Rodrigues, Vasco da Gama (1961) *Os Atlantes...* pp. 78-79

³⁰⁶ Rodrigues, Vasco da Gama, (1972) *As Três...* pp. 22-23

³⁰⁷ Rodrigues, Vasco da Gama, (1972) *As Três...* p. 20

Profetas - Os Mestres”: “*Opôs à treva o encanto / Dessa estrela radiosa / De cinco pontas sem par. / Mas passou por todo o pranto / Antes de alcançar a Rosa / O Mestre do Verbo Amar.*”

O destino místico e espiritual previsto por Gama Rodrigues, encaminha a humanidade num ideal benévolo e fraterno anunciando uma restauração social através de um retorno às raízes mais remotas da nacionalidade portuguesa.

O Cristo das Nações (1995)

Esta obra de poesia foi publicada após a morte de Gama Rodrigues, ou seja, no ano de 1995. O livro está estruturado em cinco capítulos e um epílogo que são apresentados de uma forma pouco usual, mas que faz sentido no contexto da mensagem que Vasco da Gama Rodrigues pretende transmitir. O primeiro capítulo é intitulado *O Começo* onde se insere dois subtítulos, *O Cais da Europa* e *Os Reis Fundadores*. O segundo capítulo designa-se “Apogeu” enquadrando quatro grupos, *A Descoberta do Mundo*, *Os Reis Universais*, *Os Príncipes da Ínclita Geração*, e *Os Mensageiros da Cruz*. O terceiro capítulo denomina-se “Declínio” e incorpora duas categorias, *A Perdição do Reino* e *Os Reis do Crepúsculo*. O quarto capítulo é intitulado “Queda” e insere duas categorias, *A Descida aos Infernos* e *O Fim do País dos Portos*, em seguida é apresentado o epílogo intitulado “O 25 de Abril” onde insere uma única categoria denominada, *O Cristo das Nações*, e por fim, completando esta estrutura está o quinto capítulo designado “Novo Cosmos” onde se insere duas categorias, *A Atlântida* e *O Advento do Espírito Santo*.

Nas passagens da obra o poeta coloca o povo português no apogeu das grandes conquistas da humanidade. No primeiro capítulo e 1º poema deste livro, intitulado “*D. Afonso Henriques – O Conquistador*”, constatamos esta realidade. O poeta demonstra a relação entre o divino e o rei português: “Príncipe sou, Rei serei de nação/Meu sangue a tanto impele é meu escudo/Mas poder sê-lo falta quase tudo/Falta vencer a Sombra e o seu Dragão/Treva soberba sobre mim sentada/Não me deixa entregar a quem me dou/Eu dou-me à Lusitânia, por si vou/Pelo seu corpo erguer a minha espada/O que enleva mais assenta nisto: / aqui voltar a ter doce pousada/ Erguer Luzia à tanto sepultada/ E prender nossa vida é luz de Cristo.”³⁰⁸

No segundo capítulo, intitulado “*Apogeu A Descoberta do Mundo, a) Reis Universais*”, no 1º poema designado, “*D. João I – O Vencedor*”, o poeta apresenta a relação de Portugal com os seus homens, sendo estes destinados a grandes feitos com o auxílio do céu como podemos constatar nesta leitura: “Quem pisa o ufano o chão nosso fronteiro/E um pendão traz bem alto desfraldado?/Quem quer daqui tanto cavaleiro/Quem vem do Leste contra nós armado?/Quem ronda atento frente à minha porta/Como um fantasma altivo e arrogante?/Quer ele o nosso Trono? Pouco importa./Nosso Trono é do Povo nosso amante!/Deixa seus sonhos tanta gente agora,/fica deserto tanto lar sagrado./Quem soluça e treme? Quem ali chora? Quem por mim chama quer-se em mim achado./Em perigo o Reino, foi por Deus eleito,

³⁰⁸ Rodrigues, Vasco da (1995) *O Cristo...*, p. 44.

/ Galaaz, Mestre de Silva e defensor. / Em risco o Graal irrompe em força um pleito, / E logo se abre o Ignoto ao Vencedor!”.³⁰⁹

O percurso excepcional dos portugueses na sua epopeia é sustentado nesta obra através da áurea mística e espiritual que o pensamento do escritor nos vem mencionando. A «alma lusitana», raiz sagrada da ação e ousadia deste povo, é guiada através de uma luz que provém de uma ordem divina, destinando a Portugal e aos portugueses uma missão Crística. Neste trajeto os portugueses serão protegidos em situações adversas por essa mesma força divina com o objetivo de fundar o “Reino do Amor/Reino do Espírito Santo”, que levará a lei evangélica ao mundo.

Conclusões da obra literária de Vasco da Gama Rodrigues

O poeta madeirense Vasco da Gama Rodrigues segue uma linha de pensamento muito *suis generis* nas suas criações literárias. Os seus escritos poéticos emergem através dos conhecimentos da história portuguesa na sua vertente mais mística e misteriosa. Pensa a história futura do seu país através de uma construção, identitária que procura naquilo que considera serem as raízes mais remotas da nacionalidade portuguesa.

A tríade literária de poeta, *Os Atlantes*, *As Três Taças* e *O Cristo das Nações*, segue uma linha muito particular do pensamento místico português, que acaba por extravasar num processo ecuménico, ou missão universal destinada a Portugal. Os conhecimentos da astrologia que lhe são reconhecidos pelos seus contemporâneos, mencionados anteriormente, anunciam uma ascensão da humanidade celebrizada por uma gama inolvidável de homens portugueses sob a égide da liderança espiritual de Cristo que atribui a estes a missão Crística que irá instaurar o “Reino do Amor” ou “Reino do Espírito Santo”.

A dimensão ecuménica do “Mundo Português” na obra do poeta, é analisada por Agostinho da Silva relacionando-se no espírito “Crê Vasco da Gama Rodrigues, e, crendo-o, sua crença vive, que é essencial e central para que tudo isto a existência do mundo português, a que logo junto, eu, o dos outros iberos e os de sua expansão. Com ele o creio; com ele eu me arrisco na aposta. Com ele a ganharei”³¹⁰.

Em suma, a obra poético-literária de Gama Rodrigues informa sobre uma nova história de Portugal que assenta numa compreensão mística e obscura, muitas vezes marginalizada nos estudos da historiografia nacional. O poeta procura conduzir o leitor ao espírito e à mística ancestral do povo português, sobrevalorizando as raízes da nacionalidade cujos predicados são centrais na sua obra. As ações dos homens e os acontecimentos do passado glorioso são indícios amplamente manifestados pelo poeta que transmitem a aspiração de retomar ao espírito audaz da “alma lusa”. Pensar a grandeza do passado e aplicá-la no combate ao conformismo presente na época, são condimentos poéticos e ambiciosos que Gama Rodrigues se preocupou em transmitir.

³⁰⁹ Rodrigues, Vasco da Gama (1995) *O Cristo...*, p. 50

³¹⁰ Rodrigues, Vasco da Gama, (1972) *As Três...* p. 22

Conclusões finais

Esta dissertação teve como principal objetivo estudar a relação entre as correntes eruditas e as correntes populares de expressão messiânica na ilha da Madeira. Nela se percorrem várias fases do percurso que enquadra esta temática num campo mais geral, que permite compreender as metamorfoses do messianismo de matriz portuguesa ao longo dos anos, a sua inspiração bíblica e joaquimita, as suas transformações sebásticas e as suas repercussões em termos sociais, políticos e literários. Em seguida partiu-se para um campo mais particular, tendo como objetivo analisar várias manifestações messiânicas de matriz popular e erudita nos finais do século XIX e no século XX na ilha da Madeira.

Primeiramente, e indo às origens, o messianismo na sua conceção basilar, é compreendido nas fases pré-Cristo e pós-Cristo como uma “metamorfose” da crença messiânica na figura de um enviado de Deus à terra que para os cristãos será Jesus Cristo. Após a sua morte, o anúncio do seu regresso é perspectivado através das mais diferentes previsões. Sejam elas apocalípticas e finimundistas ou idílicas e espirituais, a verdade é que o fenómeno messiânico se dissemina por toda a Europa pelo menos até ao século XVI como refere Jean Delumeau, com os crentes a “*acreditar no iminente advento do reino de Deus*”³¹¹.

No contexto português, a exploração do conceito messiânico compreende, não só os anos da decadência do império com D. Sebastião e o movimento sebastianista em destaque, mas também toda a áurea mítica que um certo número de autores atribuirão desde o século XVI à história do país. O inconformismo com o presente e a nostalgia de um passado glorioso e mitificado emerge nas obras de grandes escritores portugueses com relevo para os pioneiros e vanguardistas Camões e António Vieira. A partir da União Ibérica, um certo número de opositores a esta solução política, utilizarão as trovas de Bandarra como suporte da crença messiânica no regresso de D. Sebastião que teria sobrevivido a Alcácer-Quibir.

O século XIX foi um dos séculos em que mais se pensou o país de “*diferentes modos e a diversas vozes*”³¹². A realidade literária ganha um infindável corpo de matéria bibliográfica, que interpela o messianismo, não como crença tradicional presente nos séculos anteriores, mas como tópico literário, refletindo sobre a história portuguesa. No entanto, o início daquele século, com a crise provocada pelas invasões francesas, ainda assistiu a um reavivar da crença sebástica, um fenómeno que desencadeou uma intensa polémica entre “sebastianistas” e “anti-sebastianistas” expressa numa autêntica “guerra” de panfletos.

No caso particular da ilha da Madeira que estudámos, existem, de facto, vários movimentos e atitudes de matriz messiânica, no período da nossa investigação que coincide também com a transição na sociedade portuguesa da Monarquia para a República e com a agitação internacional ocorrida com o

³¹¹ Delumeau, Jean, (2011), *A civilização do Renascimento*, Edições 70, Lisboa. p. 283

³¹² Franco, José Eduardo et. al,(2014) *Europa das Nacionalidades*, Editor Grácio, Lisboa. p. 217

despontar da I Guerra Mundial em 1914, para além de todos os condicionalismos inerentes a este espaço do território nacional.

A ilha apresenta um terreno fértil para crenças desta natureza dada a sua taxa de analfabetismo elevada e a predominância de uma população direcionada para a agricultura, num contexto fortemente ligado “à luta pela sobrevivência, hostil a comodismos e a instalações fáceis”³¹³. O isolamento em relação aos “macrocéfalos centros de decisão e domínio”³¹⁴ ou a dicotomia rural/urbano numa ilha com uma morfologia agreste de difíceis acessos, condiciona e determina o perfil desta população.

As crenças não questionadas pelo racionalismo emanam facilmente nesta região, predominantemente católica e iletrada. A implantação da República é mal compreendida e mal aceite pela maior parte da população e a atitude dos republicanos que menosprezam essas crenças e as amalgamam com a reação política não ajuda ao bom acolhimento da sua mensagem. Nesses primeiros tempos da República, que são acompanhados por um surto de cólera, vive-se na ilha um ambiente messiânico e sobrenatural, onde se profetizam castigos divinos e se acredita no regresso do rei D. Sebastião.

Mas o “encantamento do mundo”, para usar a expressão derivada de Max Weber, de que são expressão as manifestações messiânicas e sebásticas populares dos primeiros anos da República que assentam também em antigas lendas que identificam a Madeira como um “alto lugar” do sebastianismo, não parecem ser um exclusivo da cultura popular da ilha. Abel Tiago de Sousa e Vasconcelos “Lusitanus” (1865-1937) e, bastante mais tarde, Vasco da Gama Rodrigues (1909-1991) são dois representantes da elite cultural madeirense que em larga medida as perfilharam também embora com outras roupagens.

As suas produções literárias conduzem os leitores através de uma visão messiânica e utópica da história da humanidade, perspetivando um futuro de grandes realizações aos portugueses a partir desígnios providenciais e ancestrais. A apoteose da história é revelada por estes escritores através de um sentido muito religioso e espiritual, e eles apontam para uma nova ordem social que procura nas raízes mais remotas da nacionalidade, o espírito e a ousadia que no passado trouxe tanta glória.

Mais próximo de uma visão profética, utópica e sebástica, vivida intensamente como expectativa, Abel Tiago é contemporâneo e mesmo ator em algumas das movimentações que manifestam o lado “mágico” das crenças populares na ilha da Madeira durante os primeiros anos da República, pelo menos nas que tiveram por origem o surto de cólera de 1910, embora se situasse do lado oposto, como médico, interveniente nas medidas de saúde pública tomadas pelas autoridades, Abel Tiago situava-se, de facto, do lado do racionalismo que ditava as precauções médico-sanitárias que a população devia adoptar o que não significa que, embora de forma muito mais elaborada, não perfilhasse também algumas ideias e crenças presentes no imaginário messiânico popular, de que, pelas suas origens sociais não estava distante.

³¹³ Franco, José Eduardo (2008) *Cultura Madeirense*, Caminho das Letras, Porto

³¹⁴ Vieira, Alberto (2014), *Nova História económica da Madeira*, Esfera do Caos, Lisboa

Vasco da Gama Rodrigues, um autor mais tardio e muito próximo do grupo da chamada “Filosofia Portuguesa”, parece, pelo contrário, muito mais inspirado pela tradição literária e erudita em que essa corrente filosófica se vai inspirar tomando como referência, Bandarra, Camões e o Padre António Vieira a Fernando Pessoa, com quem tem em comum muita da temática da Mensagem e o interesse pela astrologia.

Em suma, o estudo do messianismo na ilha da Madeira acaba por nos esclarecer vários pontos que são fundamentais para entender a sua profundidade e especificidades. Primeiramente distingue um povo que, alheado de muitas das condições de vida e de nível conhecimentos da modernidade, age consoante os seus limitados recursos. Tem uma crença e fé inabalável com que interpreta o mundo que o faz acreditar nas mais variadas previsões e presságios, muitas vezes opondo-se com isso à ordem social vigente. Acredita genuína e convictamente na classe eclesiástica independentemente do comportamento da mesma e num saber antigo que não aprendeu nos livros. A nova classe política republicana está desarticulada desta mundividência com que não consegue dialogar e onde vê sobretudo a reação monárquica.

A correlação entre messianismo popular e erudito na ilha da Madeira, encontra-se sobretudo na linha messiânica e utópica de repúdio do tempo presente e de crença na regeneração da ordem social vigente. Abel Tiago de Sousa e Vasconcelos e Vasco da Gama Rodrigues, em particular o primeiro, reproduziram nas suas obras literárias o espírito messiânico e a crença utópica e profética que estava também presente no imaginário, popular. Nestas duas figuras de escritores, cujas vidas e obras será importante aprofundar, cruzam-se também os universos míticos e os significados presentes na linhagem da literatura profética e messiânica tão presente na cultura portuguesa do século XX e de que a *Mensagem* de Fernando Pessoa é também um produto, embora impar. As redes sociais e literárias que alimentaram esta estética literária, este imaginário e esta corrente filosófica são matéria a aprofundar num futuro que se espera próximo.

ESTUDOS

Fundos

ARM - Arquivo Regional da Madeira

- ARM, Emissão de certidões, Liv. 2797, fls.52.
ARM, Registo de Passaportes, cx. 105, proc.183
ARM, Escola Médico-cirúrgica do Funchal, v. 46
ARM, Registo de Passaportes, cx. 182, proc.177.
ARM, Registos de Casamentos, liv.6488 A, fls.7.
ARM, Registos de Batismo, liv. 1377, fls, 4 vº4.
ARM, Emissão de certidões, Livro 7727, fls. 9.
ARM, Emissão de certidões, Livro 7724, fls. 18.
ARM, Emissão de certidões, Livro 7726, fls. 1.
ARM, Emissão de certidões, Livro 7729, fls. 7.
ARM, Emissão de certidões, Livro 7727, fls. 9.

ANTT - Arquivo Nacional da Torre do Tombo

ANTT, Fundo: SNI (1929-74), Colaboração de Vasco da Gama Rodrigues (1972-1973), Repartição da informação Audiovisual

Arquivo Escola António Arroio

Contrato realizado pela Direção da escola António Arroio a Abel Tiago de Sousa e Vasconcelos para ser professor efetivo das cadeiras de Francês e Português a 23 de Janeiro de 1935 (documento cedido pela escola)

BN - Biblioteca Nacional

FAQ - Fundação António Quadros

Rodrigues, Vasco da Gama (1983), Carta (manuscrito) dirigida a António Quadros (1983.06.03), (02 fólios), Lisboa. FAQ., cx. 0009, cod. PT/FAQ/AQ/01/001/0283/00001

Arquivo Pessoa

Pessoa, Fernando (1935), “Carta a Adolfo Casais Monteiro”, Arquivo Pessoa, (online) consultado em 14.07.2016. Disponível em: <http://arquivopessoa.net/textos/3007>

FONTES IMPRESSAS

Bruno, Sampaio (1904), *O Encoberto*, Livraria Moreira Editora, Porto

Bruno, Sampaio (1902), *A ideia de Deus*, Livraria Chardron-Lello & Irmão, Porto

Junqueiro, Guerra (1978), *Pátria*, 10ª ed, Lello & Irmão Editores, Porto

Junqueiro, Guerra (1891), *Finis Patriae*, 1ª ed, Empreza Litteraria e Typographica, Porto

Lourenço, Eduardo (1978), *O Labirinto da Saudade*, publicações Dom Quixote, Lisboa

Lusitanus (1924), *Sinais dos Tempos*, Imprensa Lucas & C.ª, Lisboa

Lusitanus (1927), *Confronto curioso do Livro Sinais dos Tempos*, Imprensa Lucas & C.ª, Lisboa

Lusitanus (1935), *A vida e os números*, Editorial Império, Lisboa

Pascoaes, Teixeira de (1993), *O Homem Universal*, Assírio & Alvim, Lisboa

Pascoaes, Teixeira de (1984), *São Paulo*, Assírio e Alvim, Lisboa

Pessoa, Fernando (1934), *A Mensagem*, Parceria António Maria Pereira, Lisboa

Rodrigues, Vasco da Gama (1972), *As Três Taças*, Tipografia Ideal, Lisboa

Rodrigues, Vasco da Gama (1961), *Os Atlantes*, Tipografia Ideal, Lisboa, [Exemplar fotocopiado pela editora Roger Delraux em 1980, Lisboa]

Rodrigues, Vasco da Gama (1995), *O Cristo das Nações*, Tertúlia, Lisboa

Sardinha, António (1915), *A Epopeia da planície. Poemas da terra e do sangue*, França Amado Editor, Coimbra

Silva, Agostinho da (1990), *As Aproximações*, Relógio D'Água, Lisboa

Silva, Agostinho da (1990), *Carta Vária*, Relógio D'Água, Lisboa

Jornais

A Época, Ponta do Sol, Disponível em: ARM - Arquivo Regional da Madeira

A Voz da Madeira, Disponível em: ARM - Arquivo Regional da Madeira

A Voz do Povo, Disponível em: ARM - Arquivo Regional da Madeira

Brado D'Oeste, Ponta do Sol, Disponível em: ARM - Arquivo Regional da Madeira

Diário de Notícias, Funchal, Disponível em: ARM - Arquivo Regional da Madeira

Diário da Madeira, Disponível em: ARM - Arquivo Regional da Madeira

Heraldo da Madeira, Disponível em: ARM - Arquivo Regional da Madeira

O Liberal, Disponível em: ARM - Arquivo Regional da Madeira

O Povo, Disponível em: ARM - Arquivo Regional da Madeira

O Radical, Disponível em: ARM - Arquivo Regional da Madeira

Trabalho e União, Funchal, Disponível em: ARM - Arquivo Regional da Madeira

BIBLIOGRAFIA

Livros

Azevedo, João Lucio (1918), *A evolução do Sebastianismo*, Clássica Editora, Lisboa

Aguiar, Fernando de (1951), *Cousas da Madeira*, Mar largo, Lisboa

Azevedo, Julião Soares de (1976), *Condições Económicas da Revolução Portuguesa de 1820*, Básica Editora, Lisboa

Besselaar, José van den (1987), *O Sebastianismo - História Sumária*, Instituto de cultura e Língua Portuguesa, Lisboa

Camões, Luís de (2002), *Os Lusíadas*, Rei dos Livros, Lisboa

Cantel, Raymond (1960), *Prophétisme et messianisme dans l'oeuvre d'António Vieira*, Edições Hispano-Americanas, Paris

Carvalho, David Luna de (2011), *Os Levantes da República (1910-1917) - Resistências à laicização e movimentos populares de repertório tradicional na 1ª República Portuguesa*, Edições Afrontamento, Porto

- Castro, Aníbal Pinto de e Matos, Artur Teodoro de (2008), *O Padre António Vieira e o Mundo de Língua Portuguesa*, EPAL-CEPCEP, Lisboa
- Clode, Luiz Peter (1987), *Registo Bio-Bibliográfico de Madeirenses - Séculos XIX e XX*, Funchal
- Cohn, Norman (1981), *Na senda do milénio. Milenaristas, revolucionários e anarquistas Místicos da Idade Media*, Editorial Presença, Lisboa.
- Cunha, Euclides (2000), *Os Sertões*, Edição «Livros do Brasil», Lisboa
- Delumeau, Jean, (2011), *A civilização do Renascimento*, Edições 70, Lisboa
- Franco, José Eduardo e Fernandes, José Manuel (1999), *O mito do milénio*, Paulinas, Lisboa
- Franco, José Eduardo e Mourão, José Augusto (2004), *Influência de Joaquim de Flora em Portugal e na Europa*, Roma Editora, Lisboa
- Franco, José Eduardo (2008) *Cultura Madeirense*, Caminho das Letras, Porto
- Franco, José Eduardo e Jardim, Jacinto (2013), *Portugal Empreendedor*, INCM, Lisboa
- Franco, José Eduardo et. al.(2014) *Europa das Nacionalidades*, Editor Grácio, Lisboa
- Castro, Aníbal Pinto de e Matos, Artur Teodoro de (2008), *O Padre António Vieira e o Mundo de Língua Portuguesa*, EPAL-CEPCEP, Lisboa
- Gurvitch, George (1958), “*Traité de Sociologie*”, 2 volumes, Presses Universitaires de France, Paris
- Martins, Teresa Florença (2004), *O Movimento Republicano na Madeira 1882-1913*, Funchal, Centro de Estudos de História do Atlântico, Funchal
- Moutinho, José Viale (1978), *Lendas e Romances da ilha da Madeira*, Editora Nova crítica, Porto
- Nicolle, Paul (1975), *A Revolução Francesa*, 3ª ed., Publicações Europa-América, Lisboa
- Pereira, Eduardo (1989), *Ilhas de Zargo*, Câmara Municipal do Funchal, Funchal
- Porto da Cruz, Visconde do (1924), *Algumas lendas e alguns monumentos do Arquipélago da Madeira*, Tipografia do comércio, Lisboa
- Porto da Cruz, Visconde do (1953), *Notas e Comentários para a História Literária da Madeira, Período (1910-1952)*, Volume III, Edição da Câmara Municipal do Funchal, Funchal

- Quadros, António (2001), *Poesia e Filosofia do Mito Sebastianista*, Guimarães Editores, Lisboa.
- Queiroz, Maria Isaura Pereira (1977), *O Messianismo no Brasil e no Mundo*, Editora Alfa-Omega, São Paulo
- Ramos, Rui et.al. (2010), *História de Portugal*, A esfera dos Livros, 4ª ed., Lisboa
- Rodrigues, J. (1972), *Verbo Enciclopédia Luso-brasileira de Cultura*, Vol.13, Editorial Verbo, Lisboa
- Sá, Victor de (1974), *A Crise do Liberalismo e as primeiras manifestações das ideias socialistas em Portugal (1820-1852)*, 2ªed, Seara Nova, Lisboa
- Sarmiento, Alberto Artur (1946), *Ensaio Histórico da minha terra*, (vol. II), Edição da junta geral autónoma do distrito do Funchal, Funchal
- Silva, Fernando da, e Carlos Meneses (1998), *Elucidário Madeirense*, (1ºVol.), Direção Regional dos Assuntos culturais, Funchal
- Vieira, Benedicta Maria Duque (2005), *A Formação da Sociedade Liberal*, Centro de Estudos de História Contemporânea - ISCTE, Lisboa
- Vieira, Alberto (2014), *Nova História económica da Madeira*, Esfera do Caos, Lisboa
- Vovelle, Michel, (1986) *Breve História da Revolução Francesa*, Editorial Presença, Lisboa

Artigos

- Alves, José Maria, “Bandarra: Sapateiro, poeta e profeta da vila de Trancoso, Trovas Proféticas”, (online) consultado em 07.07.2016, Disponível em:
<https://homeosp.org/pdf/livros-online/bandarra-trovas-profeticas-do-sapateiro-de-trancoso.pdf>
- Baptista, Maria Manuel, “Uma Fraternal oposição: Agostinho da Silva e Eduardo Lourenço na cultura portuguesa”, comunicação apresentada no Colóquio *Actas do Congresso do Centenário de Agostinho da Silva*, Universidade do Porto, 15-17 de Novembro de 2006, Porto
- Barbuy, Victor Emanuel Vilela (2010), “A Monarquia tradicional”, (online) consultado em 11.07.2016. Disponível em:
<http://cristianismopatriotismoenacionalismo.blogspot.pt/2010/05/monarquia-tradicional.html>

Calafate, Pedro s.a., “José Pereira de Sampaio Bruno (1857-1915)”, (online) consultado em 07.07.2016. Disponível em: <http://cvc.instituto-camoes.pt/filosofia/rep6.html>

Calafate, Pedro s.a., “Agostinho da Silva (1906-1996)”, (online) consultado em 16.07.2016. Disponível em: <http://cvc.instituto-camoes.pt/filosofia/1910h.html>

Cunha, Carlos Manuel F.(2011) , "Teófilo Braga, camonista." *Dicionário de Luis de Camões* 101-105 (online) consultado em 06.07.2016. Disponível em: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/17068/4/Te%C3%B3filo%20Braga,%20camonista.pdf>

Franco, José Eduardo (1999), “Teologia e Utopia em António Vieira”, *Lusitania Sacra*, 2ª série, Tomo XI

Hermann, Jacqueline (2002), “Dom Sebastião contra Napoleão: a guerra sebastica contra as tropas francesas”, *Topoi*, Dezembro, Rio de Janeiro

Hermann, Jacqueline (1996), “Canudos destruído em Nome da República”, *Tempo*, Vol.2, nº.3, Rio de Janeiro, pp. 81-105

Hermann, Jacqueline, “Religião e política no alvorecer da República: os movimentos de Juazeiro, Canudos e Contestado”, citado por Ferreira, Jorge e Delgado, Lucília de Almeida Neves (coords.) (2006), “O Brasil Republicano, Rio de Janeiro”, 2ª ed. Civilização Brasileira

Lourenço, Eduardo (2014), (cit.) “Sonho de Império e Império de Sonho” (online) consultado em 14.07.2016. Disponível em: <http://leduardolourenco.blogspot.pt/2014/12/1-de-dezembro-de-1934-e-hora-de-mensagem.html>

Quadros, António (1987), *A Filosofia Portuguesa de Bruno à Geração do 57 seguido de O Brasil Revisitado*, Instituto Amaro da Costa, Lisboa. (online) consultado em 02.08.2016. Disponível em: <http://antonioquadros.blogspot.pt/p/escola-do-porto.html>

Torres, José Veiga (1978), “Um exemplo de resistência popular - O Sebastianismo”, *Revista crítica de ciências sociais*, nº2, Set.- Dez.

Anexos

A

Abel Tiago de Sousa e Vasconcelos e sua esposa Carlota Oliveira de Sousa Vasconcelos, Álbum da família Vasconcelos cedido por Horácio Alves sobrinho bisneto de Abel Tiago



FUNCHAL—Domingo, 29 de Agosto de 1937

DIÁRIO DA MADEIRA

N.º 7734

LISBOA, 28.—A policia de Chicago procura activamente 20 evadidos e uma colonia penal, que apoz a fuga lançaram fogo ao edificio da prisão.—(R. C.)

Redacção principal e Editor — **Basílio Santos**

Propriedade da Empresa do «Diário da Madeira» Lda. — Telefones n.º 3 — Número annuo: 50 centavos

Moreira

Por telegrama recebido pelo seu dedicado sobrinho e nosso prezado amigo sr. dr. Abel de Sousa Alves, fomos dolorosamente surpreendidos com a noticia da morte, occorrida ontem em Lisboa, do nosso velho e querido amigo sr. dr. Abel Tiago de Sousa Vasconcelos, que há anos fixa residência naquela cidade.

O extinto, que era natural de Machico, visitou esta ilha, pela ultima vez, no ano findo, tendo chegado precisamente no dia 25 de Agosto ao Funchal, onde passou 15 dias e igual tempo na referida vila, na residencia de verão daquelle seu sobrinho.

O finado era formado pela Escola Médico-Cirurgica do Funchal, onde deu provas de aguda intelligencia e muita applicação, tendo, em Paris, aperfeiçoado os seus estudos medicos. Exerceu a sua profissao nesta cidade, durante muitos anos, com larga clientela, foi professor provisório do Liceu do Funchal e, tendo feito concurso para as Escolas de Ensino Técnico, desempenhou o lugar de professor da Escola Industrial do Funchal e, depois, o de professor efectivo das Escolas «Fonseca Beneditos» e «Antonio Arroio» em Lisboa, onde foi atingido pelo limite de idade, no ano findo.

No Funchal, como nestas ultimas Escolas, deixou as melhores recordações entre alunos e colegas, pelo seu alto saber nas disciplinas de Português, Francés, Inglês, Historia e Geografia, pela grande dedicacão pelo ensino e merecê ainda das suas raras qualidades de coração e de caracter duma inteireza e bondade a toda a prova.

Espirito fino e culto, muito dedicado ao estudo, publicou, com o pseudónimo de «Lusitanus», os livros «Sinaes dos Tempos» (1.º e 2.º volumes) e «A Vida e os Números» (3.º volume).

Marido exemplar e cidadão de incorruptivel linha de conduta, a noticia da sua morte inesperada, estamos certos, causará profundo pesar nos numerosos amigos e admiradores que conta na Madeira entre os seus conterrâneos que justamente o estimavam.

Paz à sua alma

Sentindo o passamento do nosso muito prezado amigo sr. dr. Abel de Sousa Vasconcelos, que muitas vezes honrou o *Diário da Madeira* com a sua valiosa collaboraçã, enfezera-

de Amaral

agem ao distinto açoreano

75.º anniversario do ilustre Manuel Augusto dos Livros «Cantigas» e outros de valia, a neste dia uma honra de Ponta Delgada, talentoso jornalista e lettenour.

homagem se associa ao Diário da Madeira, com as afretuosas saunções de letras que sabido honrar a sua como poeta e pro-

ção Ramalho

tero de 25 do corante revista femininada» inseriu o redeclamadora açoreana Conceição Ramalho, que ha poucos visita à Madeira.

Lisbonense

creditação Colegio, de da sr.ª D. Maria esta Dias, reabre as admissões no dia 6 de a, sendo se matricou o mesmo n.º, publicamos o Tes-

la» de cinema Madeira

hospedada no «Hotel setal» de cinema

Dr. Abel de Vasconcelos

Este novo outonal não é uma figura lendária, nem tão pouco qualquer outra trazida da America na imaginacão alada da fantasia.

Este, de facto, tão sã de espirito como de corpo criado de arbaques, possui os seus pasmosos 135 anos de idade, feitos a 21 de Junho deste anno, trazem-lhe o organismo empurrado pela ferrenha duma velhice que já dá a bem para duas vidas.

O sr. Francisco, nome por que é geralmente conhecido, e português, reside em Portugal, no norte do país, na transmontana e pitoresca região de Lafões, e veio um dia de S. Vicente de Cabo Verde, onde conheceu a «escravatura, que ainda hoje o apavora».

Não tem bens materiais, a sua unica companhia é a musica, e para matar a fome pede esmola pelos cañhões, com aquella resignaçã de quem se habituou a enfrentar todas as faltas, até a da liberdade, para ele mais preciosa que o pão de cada dia. E assim o bom do sr. Francisco vai, sem com isso sofrer, observando na felicidade dos outros o quanto lhe foi inelmente o seu destino.

Na longevidade investigamosa deste homem singular, em que se apoz ainda a firmeza do seu entendimento, duma lucidez tão clara como a agua limpida das fontes que nascem nas rochas virgens, quantas coisas poderíamos conhecer, umas esquecidas com o rolar dos tempos e outras ignoradas nos seus interessantes detalhes!

135 anos!... O sr. Francisco, nesta hora contemplada em que o mundo se concerta ou se desmora, e nos quisese contar o que sabe, o que viu, que ensinamentos a colher das suas longas narrativas!

Mas ele decreta nada dirá, pensando que o melhor é calar-se, porquanto as suas palavras, a sua voz cezarria como se partisse de alguém que misteriosamente andasse por regiões desconhecidas.

A verdade é que os seus 135 annos nunca o afastaram da pobreza. E por muito mais que viva ainda, ela o perseguirá sempre, como constancia, que, como monge pelas venturas terrenas, o tem torcido indifferente.

APOSTILAS

O velhinho de Lafões

Por telegrama recebido pelo seu dedicado sobrinho e nosso prezado amigo sr. dr. Abel de Sousa Alves, fomos dolorosamente surpreendidos com a noticia da morte, occorrida ontem em Lisboa, do nosso velho e querido amigo sr. dr. Abel Tiago de Sousa Vasconcelos, que há anos fixa residência naquela cidade.

O extinto, que era natural de Machico, visitou esta ilha, pela ultima vez, no ano findo, tendo chegado precisamente no dia 25 de Agosto ao Funchal, onde passou 15 dias e igual tempo na referida vila, na residencia de verão daquelle seu sobrinho.

O finado era formado pela Escola Médico-Cirurgica do Funchal, onde deu provas de aguda intelligencia e muita applicação, tendo, em Paris, aperfeiçoado os seus estudos medicos. Exerceu a sua profissao nesta cidade, durante muitos anos, com larga clientela, foi professor provisório do Liceu do Funchal e, tendo feito concurso para as Escolas de Ensino Técnico, desempenhou o lugar de professor da Escola Industrial do Funchal e, depois, o de professor efectivo das Escolas «Fonseca Beneditos» e «Antonio Arroio» em Lisboa, onde foi atingido pelo limite de idade, no ano findo.

No Funchal, como nestas ultimas Escolas, deixou as melhores recordações entre alunos e colegas, pelo seu alto saber nas disciplinas de Português, Francés, Inglês, Historia e Geografia, pela grande dedicacão pelo ensino e merecê ainda das suas raras qualidades de coração e de caracter duma inteireza e bondade a toda a prova.

Espirito fino e culto, muito dedicado ao estudo, publicou, com o pseudónimo de «Lusitanus», os livros «Sinaes dos Tempos» (1.º e 2.º volumes) e «A Vida e os Números» (3.º volume).

Marido exemplar e cidadão de incorruptivel linha de conduta, a noticia da sua morte inesperada, estamos certos, causará profundo pesar nos numerosos amigos e admiradores que conta na Madeira entre os seus conterrâneos que justamente o estimavam.

Paz à sua alma

Sentindo o passamento do nosso muito prezado amigo sr. dr. Abel de Sousa Vasconcelos, que muitas vezes honrou o *Diário da Madeira* com a sua valiosa collaboraçã, enfezera-



Dr. Abel de Sousa Vasconcelos

Escolas de pilotagem

LISBOA, 28 — Foi autorizada a reabertura das Escolas de Pilotagem de Lisboa e Pôrto.—E. N.

Prof. Baptista Gomes

Encontra-se entre nós, chegado ha dias de Lisboa, o sr. dr. Baptista Gomes, distinto director do «Colégio Verney», daquela cidade.

Ao sr. dr. Baptista Gomes, que se confessa um devotado admirador das belezas naturais da Madeira, agradecemos a gentileza da sua visita a esta Redacção.

sr.ª D. Carlota de Oliveira Vasconcelos — sua dedicada companheira de longos annos — e a seus sobrinho e cunhado, respectivamente, os nossos prezados amigos srs. dr. Abel de

ESCUTISMO

O que foi o 5.º Jamboree Mundial

Ouvindo o Adjunto do Chefe do Contingente Português

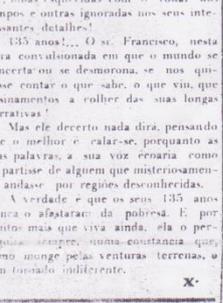
Após uma ausência de um mês e meio, em que percorreram parte da Holanda e da Alemanha, os Escuteiros Madeirenses, regressaram já a esta ilha, tendo como era de esperar, uma muito affectuosa recepção.

Foram representar honrosamente o Escutismo Nacional no grande 5.º Jamboree, que acaba de realizar-se na Holanda, e desempenharam-se com o maior brilho e entusiasmo, pelo que são dignos da nossa maior estima.

Foram inteiramente à sua custa representar o pais num certame mundial de já comprovado renome e importância e embora em reduzido número souberam impôr lá fóra, pela sua correcção, pela sua afabilidade, e pelo seu patriotismo, o nome de Portugal.

Queríamos ouvir alguém que tivesse tomado parte na Delegaçã, e que nos falasse dessa grandiosa reunião que acaba de realizar-se em Vogelezang.

O Adjunto do Chefe do Contingente Português, e chefe do grupo 5.



O Chefe Mundial Lord Baden-Powell, que tomou parte no 5.º Jamboree, na Holanda

Caminho Velho da Ajuda

Em vista à Ex.ª Camara Municipal

Por mais de uma vez nos temos referido, de longe em longe, ao estado de ruina em que se encontra o pavimento do Caminho Velho da Ajuda. Para lá do «New English Hotel» existe um grande rombo que não só é incomodado para os pés, mas tambem não permite a passagem dum automovel no referido caminho, o que é realmente para lamentar sobretudo quando ha necessidade dum transporte rápido para o local.

Alem do seu desmantelado pavimento, o Caminho Velho da Ajuda ainda não teve a dita de ser iluminado, por cuja melhoria se espera

ESCUTISMO

O que foi o 5.º Jamboree Mundial

Ouvindo o Adjunto do Chefe do Contingente Português

Após uma ausência de um mês e meio, em que percorreram parte da Holanda e da Alemanha, os Escuteiros Madeirenses, regressaram já a esta ilha, tendo como era de esperar, uma muito affectuosa recepção.

Foram representar honrosamente o Escutismo Nacional no grande 5.º Jamboree, que acaba de realizar-se na Holanda, e desempenharam-se com o maior brilho e entusiasmo, pelo que são dignos da nossa maior estima.

Foram inteiramente à sua custa representar o pais num certame mundial de já comprovado renome e importância e embora em reduzido número souberam impôr lá fóra, pela sua correcção, pela sua afabilidade, e pelo seu patriotismo, o nome de Portugal.

Queríamos ouvir alguém que tivesse tomado parte na Delegaçã, e que nos falasse dessa grandiosa reunião que acaba de realizar-se em Vogelezang.

O Adjunto do Chefe do Contingente Português, e chefe do grupo 5.



O Chefe Mundial Lord Baden-Powell, que tomou parte no 5.º Jamboree, na Holanda

Caminho Velho da Ajuda

Em vista à Ex.ª Camara Municipal

Por mais de uma vez nos temos referido, de longe em longe, ao estado de ruina em que se encontra o pavimento do Caminho Velho da Ajuda. Para lá do «New English Hotel» existe um grande rombo que não só é incomodado para os pés, mas tambem não permite a passagem dum automovel no referido caminho, o que é realmente para lamentar sobretudo quando ha necessidade dum transporte rápido para o local.

Alem do seu desmantelado pavimento, o Caminho Velho da Ajuda ainda não teve a dita de ser iluminado, por cuja melhoria se espera

mente — pois, apesar de já sêr a terceira vez que tomou parte nestes Jamborees monstrosos, um novo jamboree traz-me sempre algo de inédito, de novo para o meu espirito desejoso de tomar conhecimento directo com o que se passa para além da nossa linda, pequenina Madeira.

(Continua na 3.ª pagina)

«Jogos Florais do verão de 1937»

Número especial do «Jornal de Angra»

Contrato realizado pela Direção da escola António Arroio a Abel Tiago de Sousa e Vasconcelos para ser professor efetivo das cadeiras de Francês e Português a 23 de Janeiro de 1935

Seu cadastro

Térmo de posse

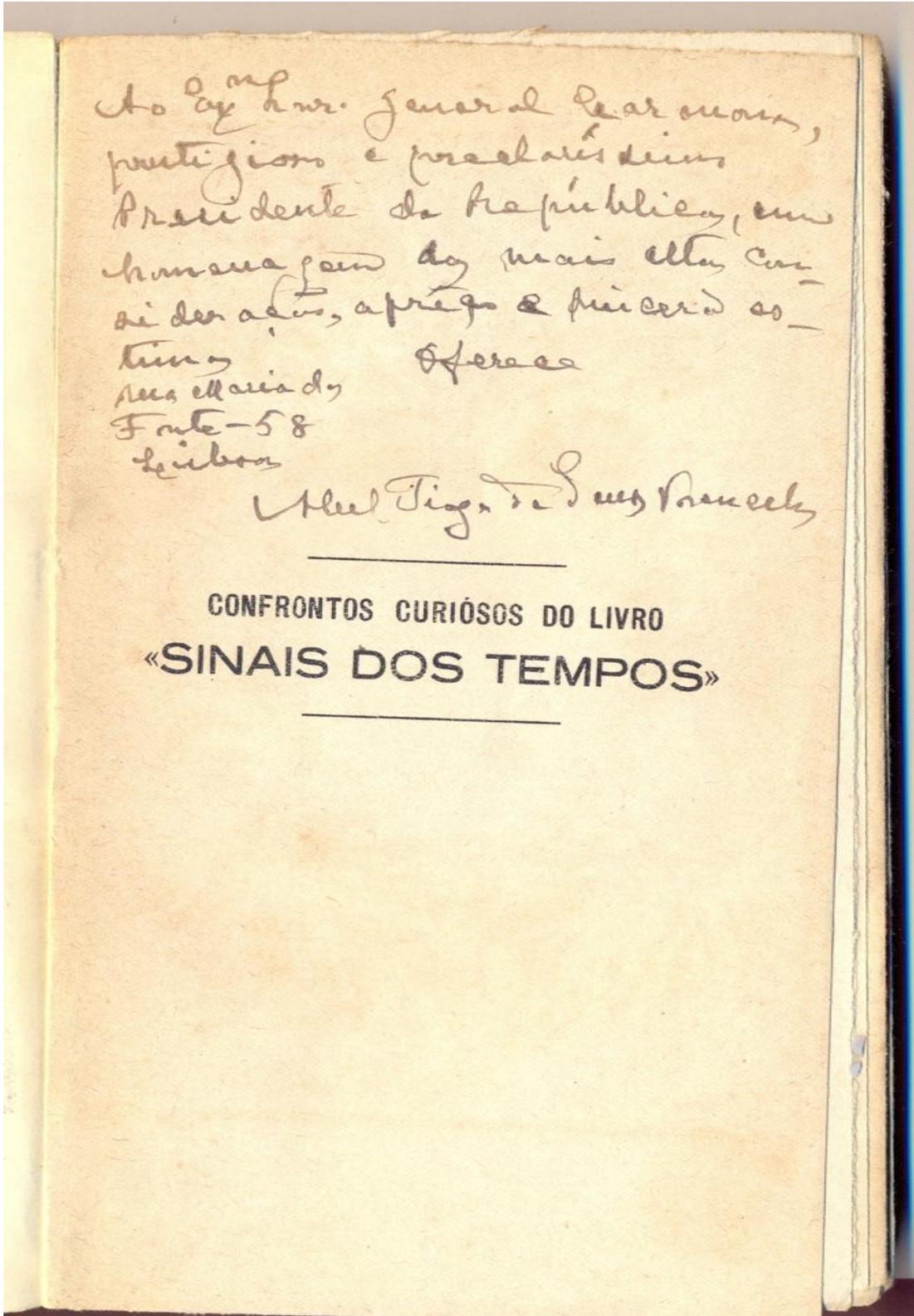
Após vinte e três dias do mês de Janeiro de mil novecentos e trinta e cinco, no gabinete de Ex.^{ma} Sr. Director da Escola Industrial de António Arroio (Arte Aplicada) estando presente o Director Ex.^{ma} Sr. Abel Tiago de Souza Vasconcelos, digo João de Melo Salcão Rigoso, compareceu o Ex.^{mo} Sr. Abel Tiago de Souza Vasconcelos, a fim de tomar posse do lugar de professor efectivo da cadeira de Francês e Português, em que foi collocado por portaria de oito de Dezembro de mil novecentos e trinta e quatro, publicada no Diário do Governo número dextanove, da segunda série, do dia vinte e três de Janeiro de mil novecentos e trinta e cinco; e perante o Ex.^{mo} Sr. Director declarou, sob sua honra que cumpriria com lealdade a Constituição da República e suas leis, e desempenharia fielmente as funções do seu cargo; e apresentando o seu bilhete de identidade, número duzentos e quinze mil e cincoenta e cinco, com a data de um de Março de mil novecentos e vinte e oito, se lhe deu por efectiva a mencionada posse, de que se lavrou o presente termo, que eu, Bernardino Raúl Trindade Chagas, professor efectivo e secretario da Escola, mandei escrever e subscriro.

O Secretario *Bernardino Raúl Trindade Chagas*
O Director *Abel Tiago de Souza Vasconcelos*
O Professor *Abel Tiago de Souza Vasconcelos*

1.^a Testemunha *Adolfo de Sousa Gomes*
2.^a Testemunha *Carlos de Sousa*

D

Dedicatória de Abel Tiago Vasconcelos ao Presidente da República, General Carmona, no seu livro
Confrontos curiosos do livro «Sinais dos Tempos» (1927)



E

Cronologia da vida de Abel Tiago de Sousa e Vasconcelos (rascunho)

Ano	Dr. Abel Tiago de Sousa e Vasconcelos	Portugal	Europa e o Mundo
1865	Nasce no concelho de Machico, Madeira, a 20 de Agosto de 1865. Filho de João de Sousa Vasconcelos e Meneses e de D. Maria de Conceição de Sousa e Vasconcelos de Meneses.		A escravidão foi abolida nos Estados Unidos da América.
1866		Despontar da famosa <i>Questão literária</i> ou mais conhecida por <i>Questão Coimbrã</i> , agitando o meio literário vigente.	
1870			Início do confronto europeu entre Franceses e Prussianos. Unificação da Itália, completa com a anexação da capital Roma.
1871			Unificação da Alemanha
1876			Alexander Graham Bell Inventa o Telefone
1877		Concluída a ligação Ferroviária entre Lisboa e o Porto com Fontes Pereira de Melo como grande artífice desta obra.	Thomas Edison cria o Microfone e o fonógrafo
1881(?)	Frequenta o Liceu do Funchal		Conferência de Berlim
1884			
1885(?)	Iniciou a formação no seminário eclesiástico		
1890(?)	Principia a sua formação na Escola Médico-Cirúrgica do Funchal		Ultimato Britânico a Portugal para a retirada das tropas do território compreendido entre as colónias de Moçambique e Angola.
1894			

1899	<p>Casa com Carlota de Oliveira na Igreja de Santa Luzia no Funchal, neste mesmo ano viaja para Paris onde estagiou nos Hospitais daquela cidade, especializando-se em Obstetrícia.</p> <p>Conclui a sua formação na Escola Médico-cirurgica do Funchal ficando habilitado a exercer Medicina e cirurgia</p>		
1903(?)	<p>Exerce a sua profissão no Funchal, num consultório com muita clientela, paralela mente é professor provisório no Liceu no Funchal onde rege a Disciplina de Inglês.</p>		
1910			
1911 (?)	<p>Mediante o concurso para professor efetivo ingressa na Escola Industrial e Comercial do Funchal.</p>	<p>Fim da Monarquia, implantação da Primeira República portuguesa.</p>	
1913	<p>Viaja para Lisboa aos 48 anos onde se torna professor efetivo das Escolas Técnicas Francisco Benevides e António Arroio</p>		
1914			<p>Início da Primeira Guerra Mundial.</p>
1915			
1917		<p>Despontar da Geração d'Orpheu com a publicação neste ano desta revista literária</p>	

1922		Aparição de Nossa Senhora em Fátima, e respetivas profecias/ «o segredo» (constituído por três partes) revelado a 3 crianças/pastorinhos	Benito Mussolini torna-se primeiro-ministro Italiano
1924	Publica o Livro intitulado: « <i>Sinais dos Tempos, o fim das Nações, Triunfo da cruz e Império Universal</i> ».		
1925	Publica o Livro intitulado: « <i>Confrontos curiosos do Livro "Sinais dos Tempos"</i> ».		
1926			
1927	Publica o Livro intitulado <i>Regne de L' Anté Christ</i> .		
		Início da Ditadura Militar	
1929			Crash da bolsa de valores de Nova York. Hitler torna se Chanceler Alemão.
1933			
1935	Publica o Livro intitulado <i>A vida e os Números</i> . É homenageado pela Escola António Arroio ao completar 70 anos de idade, o Conselho escolar dessa escola prestou lhe essa homenagem, tendo os alunos lhe oferecido um estojo para cigarros de ébano e prata.	Salazar torna-se Presidente do Conselho de Ministros	
1936			Início Guerra Civil Espanhola
	Morre a 28 de Agosto deste mesmo ano em Lisboa.		
1937			

Rodrigues, Vasco da Gama (1983), Carta (manuscrito) dirigida a António Quadros (1983.06.03), (02 fólhos), Lisboa. FAQ., cx. 0009, cod. PT/FAQ/AQ/01/001/0283/00001

Lisboa, 3 de Junho 1983

Caro António Quadros

Informado como fui por um amigo de que você tinha dedicado alguma atenção no seu recente livro acerca do Sebastianismo à obra de poesia por mim publicada, tive a curiosidade e interesse de verificar o que a experiência de um homem de 74 anos poderia causar no pensamento reflexivo de um homem de 60. breis que é esta a sua idade. Não disse convívimos há cerca de um vinténio.

Perdoe-me você a discordância que manifesto perante o seu modo de interpretar o sebastianismo como denominador comum dos portugueses ilustres que publicaram obras sobre este tema ou sobre temas convergentes. Bom efeito, parece-me que o seu ponto de vista se situa tão alto, é tão geral, que engloba no mesmo mundo, teorias, pessoas e obras completamente dispare e que, por mais que pense, julgo não terem como eixo o mito sebastico. Estáis neste caso, por exemplo, Teixeira de Pascoais, José Régis e Fernando Pessoa, para si me referir a alguns que você cita na sua obra. Bom efeito, mostram tão radicais diferenças que não é possível determinar o seu denominador como o sebastianismo em que convergiam. As afinidades entre estes poetas são realidade, mas Teixeira de Pascoais aspira à saudade - que é uma deusa feminina e mergulha por entre as sombras; José Régis oscila indeciso entre um cristianismo não católico e uma ideia de

Deus que se lhe afigura longínqua relativamente a este mundo, quanto a Fernando Pessoa, você estudouo longa-mente para poder concluir, como concluiu, das suas tradi-ções e diferenças em relação áquelles dois poetas. Outros exemplos. A obra por mim publicada, nada tem que ver com o se-bastianismo, e o Antonio Quadros sabe bem que nela se anuncia o Reino do Amor ou seja o Reino do Paraíso. Assim não consigo entender como pode envolver esta obra na comparação com a obra publicada por Fernando Pessoa. De resto, como você sabe, a comparação é usada como processo mágico de que resulta o mais ou o menos, pro-cesso este muito utilizado pelo jornalismo vulgar, dado que representa a forma inferior da imaginação. O An-tonio Quadros certamente há-de aceitar que um poeta prefira á comparação, a analogia. Muito estranhei também o ter-me apodado de astrólogo quando você trata-va de uma obra poética. Como sabe, a astrologia é actualmente uma profissão remunerada que, se não é reconhecida pela Universidade, é publicitada porém pelos jornais. Requer, portanto, que quem a pratique receba remuneração e é frequentemente associada ao charlatanismo.

Se alguma vez a minha amizade me fez dar-lhe indicações das relações dos astros com a vida humana e particularmente com a sua, não há entre as pessoas que comigo convivem, o reconhecimento de que exerceo tal pro-fissão. De facto, nunca foi essa a minha intenção e prática. Por isso, peço-lhe que se tiver outra oportunidade para se referir á obra por mim publicada, se lhe refira como a obra publicada por um poeta. Na sua opinião boa ou má. Assim só peço o mesmo que você concedeu a quem comigo comparou: Fernando Pessoa seria horóscopo e ninguém disse que ele era astrólogo.

Um abraço do amigo que o lê com muita atenção
Vasco da Gama Rodrigues

G

Fotografia: *O grupo da Filosofia Portuguesa e não só*, Jantar organizado pelo Doutor Dias de Magalhães no Restaurante Castanheira

1ª fila: Sant'Anna Dionísio, Padre Dias de Magalhães, Agostinho da Silva, Maria Violante Moreira, João Seabra Botelho, José Marinho.

2ª fila: Pinharanda Gomes, Eduardo Salgueiro, António Quadros, Francisco Sottomayor, Álvaro Ribeiro, Afonso Botelho, António Alvim, Armândio César, Francisco da Cunha Leão, Maria Leonor C. Leão, Augusto Saraiva, *Vasco da Gama Rodrigues* e três amigos de Agostinho da Silva, entre outros.



H

Cronologia da vida de Vasco da Gama Rodrigues (rascunho)

Ano	Vasco da Gama Rodrigues	Portugal	Europa e o Mundo
1909	Nasce no Paul do Mar, Freguesia do Concelho da Calheta. Filho de Francisco Hilário Rodrigues e de Maria Amélia de Sousa Andrade.		
1910		Fim da Monarquia, Implantação da Primeira República portuguesa.	
1911	Nasce o seu irmão mais novo Aires Rodrigues.		
1914			Início da Primeira Guerra Mundial
1915		Despontar da Geração <i>d'Orpheu</i> . Publicação neste ano desta revista literária.	
1917		Aparição da Nossa Senhora em Fátima	
1922			Benito Mussolini torna-se primeiro-ministro italiano.
1925	Frequenta o Liceu Jaime Moniz no Funchal		
1926		Início da Ditadura militar.	
1929			Crash da bolsa de valores de Nova York.
1930	Casa pela 1ª vez, na freguesia de S. Pedro, Funchal, com Olímpia Teresa de Sousa Freitas, que nasceu em		

	Bolama, Guiné em 1909.		
1931	Nasce o filho Dr. Vasco da Gama Freitas Rodrigues em Lourenço Marques, terra onde o avô Abílio Cosme de Freitas, pai da primeira mulher do poeta exercia o cargo diretor de finanças na província de Moçambique, natural do Funchal.	Revolta da Madeira, Levantamento militar ocorrido contra o governo de ditadura nacional.	
1933	Exerce o cargo de funcionário dos caminhos de ferro e transportes de Moçambique.	Salazar torna-se Presidente do Conselho de Ministros.	Hitler torna-se chanceler Alemão.
1934	Instala se em Lisboa onde começa a exercer funções na direção Nacional de Turismo	Publicação da obra a <i>Mensagem</i> escrita por Fernando Pessoa.	
1936		Revolta do Leite na Ilha da Madeira	Início da Guerra Civil Espanhola.
1939			Início da Segunda Guerra Mundial.
1945	Casou em segundas núpcias com Catarina Adelaide Lopes de Melo Garrido em Lisboa.	Criação do grupo oposicionista MUD (Movimento de Unidade democrática).	São usadas pela primeira vez bombas nucleares numa guerra: Hiroshima e Nagasaki.
1946		Craveiro Lopes torna-se o 12º Presidente da República Portuguesa.	
1951			Início da Guerra do Vietname
1955			
1958		Humberto Delgado candidata-se á Presidência da República, representando a mais clara oposição ao regime Salazarista. Américo Tom ás	

	Publica <i>Dr. Aires Pinto Ribeiro</i>	torna-se 13º Presidente da República Portuguesa.	
1960	Publica <i>Os Atlantes</i>	Início da Guerra Colonial Portuguesa.	
1961			
1962		Humberto Delgado é assassinado em Espanha por agentes da PIDE.	Crise dos Mísseis de Cuba e independência tardia da Argélia antiga colónia Francesa.
1965		Salazar foi afastado do governo por incapacidade e doença. O presidente da república Américo Tomás nomeou Marcelo Caetano para substituí-lo, tornando-se primeiro ministro de Portugal.	
1968			
1969	Colabora escrevendo várias peças radiofónicas emitidas em várias rádios Lisboetas.		Neil Armstrong é o primeiro Homem a chegar á Lua.
1970	Publica a obra <i>As Três Taças</i> . O prefácio é escrito por Prof. Dr Júlio Fragata, Prof. Dr Agostinho da Silva, e Dr José Luís Conceição Silva.		
1972		Revolução 25 de Abril, pondo termo ao regime autoritário vigente, estabelecendo a democracia.	
1974	Morre o filho, o Dr Vasco da Gama Freitas Rodrigues vítima de um ataque cardíaco aos 43 anos de idade em Lisboa.		
1975	É promovido ao cargo de Inspetor do Turismo da		

1976	Direção-Geral de Turismo em Lisboa	1º Governo Constitucional de Portugal sob a chefia de Mário Soares e tem como presidente da República António Ramalho Eanes	
1982		António Quadros publica o livro intitulado a <i>"Poesia e Filosofia do Mito sebastianista"</i> . Onde refere a obra do escritor.	
1985			Mikhail Gorbachev estabelece duas medidas políticas á antiga URSS(União das Repúblicas Sociais Soviéticas) intituladas <i>Glasnot</i> e <i>Perestroika</i> , significando transparência e reestruturação das políticas do Bloco Soviético.
1989	Escreve o volume o <i>O Cristo das Nações</i> que só seria editado postumamente em 1995. Morre em Lisboa neste ano.		Simbólica Queda do Muro de Berlim.
1991			

Curriculum Vitae

Informação pessoal

Apelido(s)/Nome(s) próprio(s) **Freitas Vieira, Osvaldo Samuel**
Morada(s) Caminho das Figueiras nº18
9200-127 Machico, Madeira
Telefone(s) 913806811
Correio(s) eletrónico(s) Osvaldo.vieira90@gmail.com
Nacionalidade Portuguesa
Data de Nascimento 28/04/1990

Educação e Formação

Datas Desde Setembro de 2014
Designação da qualificação atribuída Mestrado em História Moderna e Contemporânea/
Relações Internacionais
Principais disciplinas/
competências profissionais Conhecimentos nas áreas de História da Política Externa
Portuguesa, Nacionalismo e Etnicidade, Diplomacia e
Política Externa, Globalização e Governação nas
Relações Internacionais
Nome e tipo da organização
de ensino ou formação Instituto Universitário de Lisboa
ISCTE
Datas De Setembro de 2011 até Julho de 2014
Designação da qualificação atribuída Licenciatura em História Moderna e Contemporânea
Principais disciplinas/
competências profissionais Conhecimentos nas áreas de História da Expansão
Portuguesa, História da Europa Moderna, A Europa e o
Mundo entre Guerras e Teorias da História
Nome e tipo da organização
de ensino ou formação Instituto Universitário de Lisboa
ISCTE
Nível segundo a classificação
nacional ou internacional Classificação final de 13 valores numa escala de 0 a 20

Comunicações

Datas 16,17 e 18 de Setembro de 2016
Espaço Alenquer
Comunicação CIES - Congresso Internacional do Espírito Santo -
(Conferencista Convidado) Génese Evolução e atualidade da Utopia da
Fraternidade Universal, com o tema *Messianismo e
Utopia na obra de Abel Tiago Sousa e Vasconcelos*

Datas 2014
 Espaço ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa
 Comunicação *História militar dos impérios ibéricos: Brasil e América Espanhola, sécs. XVII e XVIII*, por Juan Marchena Fernández da Universidad Pablo de Olavide

Datas 2014
 Espaço Teatro Nacional D. Maria II
 Comunicação Congresso Comemorações 25 de Abril / 40 Anos 1974-2014, Sessões Plenárias - *O sistema político e os partidos, A economia na Revolução*

Aptidões e competências pessoais

Língua materna	Português				
Outra(s) Língua(s)					
Autoavaliação <i>Nível Europeu (*)</i>	Compreensão		Conversação		Escrita
	Compreensão Oral	Leitura	Interação oral	Produção oral	
Inglês	A2	B1	A2	B1	B1
Espanhol	B1	B1	B1	B1	A2

Aptidões e competências sociais Empenhado em trabalhar em equipa, boa capacidade de integração com os colegas
Aptidões e competências de organização Metódico, organizado e persistente, boa capacidade de agir sob pressão
Aptidões e competências informáticas Bom domínio das ferramentas do MS Office (Word, Excel, Powerpoint)

Carta de condução Categoria B

Interesses História Cultural, História Social, História da Madeira, História da Arte, Desporto, Cinema, Música

Informação adicional:

- Experiência Profissional enquanto Empregado de Bar num estabelecimento familiar.
- Experiência Profissional enquanto operador de Armazém na empresa Sodinâmica, Funchal (entre Setembro e Outubro de 2009)
- Jogador Federado de Futebol na Associação Desportiva de Machico (entre 2003 e 2010)